

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS VERNÁCULAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LITERATURA
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: TEORIA LITERÁRIA

***O CÓDIGO DA VINCI: DIÁLOGOS E RUÍDOS ENTRE TEOLOGIA E
LITERATURA***

ELAINE CRISTINA REIS

FLORIANÓPOLIS
2008

ELAINE CRISTINA REIS

***O CÓDIGO DA VINCI: DIÁLOGOS E RUÍDOS ENTRE TEOLOGIA E
LITERATURA***

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Literatura da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Literatura.

Prof^ª. Dra. Salma Ferraz de Oliveira
Orientadora

FLORIANÓPOLIS
2008

Para grandes mulheres:
Bianca, minha bailarina, por me
ensinar a amar incondicionalmente;
Eliane (in memorian), minha mãe, por me
ensinar que “só o amor é eterno”;
Vó Nini (in memorian), a mulher mais admirável
que já conheci,
grande professora na arte de viver.

AGRADECIMENTOS

À Prof^a. Dr^a. Salma Ferraz, por ter me proporcionado o aprimoramento acadêmico, pela orientação e pelo afeto que demonstrou durante a pesquisa;

Ao Prof. Dr. Rafael Camorlinga Alcaráz, pelo incentivo ao meu trabalho e pelas sugestões na qualificação do projeto;

À Prof^a. Dr^a. Zilma Gesser Nunes, por aceitar o convite para a qualificação, contribuindo para o aprimoramento do projeto;

À Elba e demais funcionários da PGLB, pela disponibilidade no atendimento;

À minha família de amigos, especialmente à Vera, que apoiou e acompanhou de perto cada etapa;

Aos meus pais, José e Eliane (*in memorian*), os quais, com toda a dificuldade, proporcionaram-me estudo e ensinaram-me o valor de cada conquista;

À minha avó Odenir (*in memorian*), pelo estímulo e o amor à leitura;

Aos meus familiares, pelo apoio, especialmente minha irmã Elisiany e meu filho/irmão Paulo, que valorizaram o silêncio que necessitei para estudar;

Ao meu grande companheiro/esposo/amigo Adriano Martins, pela dedicação e por ter sido incansável em todas as horas;

À minha filha Bianca, por ter compreendido cada momento em que tive de optar pelos livros a brincar de boneca.

RESUMO

A presente pesquisa tem como objeto de análise o livro *O Código Da Vinci*, de Dan Brown, e objetiva demonstrar que os livros surgidos na esteira de seu sucesso confundem o que é literatura e o que é teologia na referida obra. A pesquisa divide-se em três movimentos, denominados e delimitados sugestivamente por códigos que norteiam o presente trabalho: 1) Bíblia e Literatura; 2) O Código da Crítica; 3) O Código do leitor. No primeiro realizam-se aproximações dentro dos estudos comparados entre Bíblia e Literatura, principalmente a partir da Teopoética, e aborda-se a literatura de entretenimento discutindo o que é literatura culta e o que é “subliteratura”. No segundo, analisa-se a crítica literária a partir de discussão sobre o casamento de Jesus com Madalena, em seguida avalia-se as subversões geradas na recepção de *O Código Da Vinci* e busca-se possíveis explicações ao conflito: o que é literatura e o que é teologia na abordagem de livros desse gênero. Por fim, o terceiro movimento corresponde à Estética da Recepção. Apresenta-se como jornais, revistas e *sites* receberam a narrativa em questão e, posteriormente, analisa-se as atividades desencadeadas por leitores de *O Código Da Vinci* a partir de comentários que estes fazem em jornais, revistas e *site Orkut*.

Palavras-Chave: Literatura, Teologia, *O Código Da Vinci*, Estética da Recepção, Literatura Comparada, Crítica Literária.

ABSTRACT

The present study analyzes Dan Brown's *The Da Vinci Code* in order to show that books published after the success of Brown's novel do not properly distinguish literature from theology therein. This research is divided into chapters, suggestively entitled and delimited by codes guiding the present work: 1) Bible and Literature; 2) The Critics' Code; 3) The Reader's Code. The first chapter depicts the similarities of compared studies between the Bible and Literature, mainly from the perspective of Theopoetics; it also approaches entertaining literature, and discusses the concepts of cultured literature and "subliterature". The second chapter analyzes literary criticism, departing from the discussion about the marriage of Jesus and Mary Magdalene; next, it evaluates the conflicts generated in the reception of *The Da Vinci Code*, and seeks possible explanations to the following conflict: what is literature and what is theology in the approach of this book genre. Finally, the third chapter corresponds to the Aesthetics of Reception. It shows how newspapers, magazines and *websites* received the referred narrative, and later analyzes the activities carried out by readers of *The Da Vinci Code* as evidenced in their comments in newspapers and magazines and on the *Orkut website*.

Keywords: Literature, Theology, *The Da Vinci Code*, Aesthetics of Reception, Compared Literature, Literary Criticism.

TABELA DE FIGURAS

Figura 1. Capa da 1ª edição de OCDV	126
Figura 2. Capa da edição especial (ilustrada) de OCDV	126
Figura 3. Ficha Catalográfica com indicações "Ficção" e "Ficção americana" (ver destaque).	127
Figura 4. Maria Madalena Rezando (I)	128
Figura 5. Maria Madalena Rezando (II)	128
Figura 6. Capa do livro de Richard Abanes.....	129
Figura 7. Capa do livro de Garlow e Jones.....	129
Figura 8. Capas dos outros 8 livros que compõem o <i>corpus</i>	130
Figura 9. DC 16/05/06 - Reportagem: A culpa masculina... (por Diana L. Corso).....	133
Figura 10. DC 16/05/06 - Reportagem: A culpa... (Continuação)	134
Figura 11. DC 19/12/04 - Reportagem: A outra face (por Tatiana Beltrão)	135
Figura 12. DC 19/12/04 - Reportagem: A outra face (continuação 1)	136
Figura 13. DC 19/12/04 - Reportagem: A outra face (continuação 2)	137
Figura 14. DC 19/12/04 - Reportagem: A outra face (continuação 3)	138
Figura 15. Revista Época, capa da edição de 20 de dezembro de 2004.	139
Figura 16. Revista Época, capa da edição de 01 de maio de 2006.....	139
Figura 17. Revista Veja, capa da edição de 17 de maio de 2006.	140
Figura 18. A Notícia 28/05/06 - Comentário: O código da luz	141
Figura 19. A Notícia 05/06/06 - Comentário: Código da Vinci	142
Figura 20. DC 14/05/06 - Comentário: Cristo (ver destaque)	143
Figura 21. Comunidade do Orkut intitulada <i>O Código Da Vinci</i>	144
Figura 22. Comunidade do Orkut intitulada <i>Código da Vinci - Uma BLASFÊMIA</i>	145
Figura 23. Comunidade do Orkut intitulada <i>Eu já li "O Código da Vinci"</i> [sic]	146

SUMÁRIO

Codificando (Introdução)	9
1 Primeiro Código: Bíblia e Literatura	14
1.1 Bíblia enquanto literatura	14
1.2 O Código Da Vinci: Subliteratura?	29
2 Segundo Código: O Código da Crítica	46
2.1 Jesus de Magdala: a polêmica	46
2.2 O conflito entre o que é Literatura e o que é Teologia na abordagem de O Código Da Vinci	59
2.2.1 Os moderados	61
2.2.2 Os radicais	64
3 Terceiro Código: O Código do leitor	75
3.1 A recepção da grande imprensa: jornais, revistas e sites	76
3.1.1 Jornais	77
3.1.2 Revistas	81
3.1.3 Sites	88
3.2 A Estética da Recepção	93
3.2.1 Jornais	95
3.2.2 Revistas	98
3.2.3 Sites	102
Decodificando (Conclusão)	111
Bibliografia	116
Do Autor	116
Do <i>Corpus</i>	118
Anexo A – Capa do livro <i>O Código Da Vinci</i>, de Dan Brown	126
Anexo B – Ficha catalográfica de <i>O Código Da Vinci</i>	127
Anexo C – Pinturas de Maria Madalena grávida	128
Anexo D – Capas dos 10 livros - <i>corpus</i> da pesquisa	129
Anexo E - Principais acusações do <i>corpus</i> analisado ao romance de Dan Brown	131
Anexo F – Reportagens do jornal Diário Catarinense	133
Anexo G – Edições de revistas que trazem OCDV como matéria de capa.	139
Anexo H – Comentários dos leitores do jornal <i>A Notícia</i>	141
Anexo I – Comentários dos leitores do jornal <i>Diário Catarinense</i>	143
Anexo J – Comunidades no <i>Orkut</i> sobre <i>OCDV</i>	144

Codificando (Introdução)

*“Em literatura há muitos
lugares de chegar,
mas um só de partir,
e este lugar é o texto”.*

Roland Barthes

Ao ingressar como aluna especial no curso de Mestrado em Literatura na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), pude observar que há conflitos, na maioria das vezes envolvendo mais perguntas do que respostas, na recepção de livros de ficção com fundamentação teórico-teológica.

O que motiva minha iniciativa em pesquisar a recepção de tais livros é o interesse em encontrar possíveis explicações para questões levantadas em diálogos e ruídos entre literatura e teologia a partir da recepção de livros desse gênero.

Para tanto, estabelecerei, como ponto de partida, relações recíprocas e dialógicas entre Bíblia e Literatura, a partir da estrondosa polêmica na grande imprensa após o lançamento de *O Código Da Vinci* (OCDV)¹, escrito pelo americano Dan Brown, lançado nos EUA em março de 2003 e, no Brasil, em abril de 2004. Aqui é necessário pontuar que o romance vendeu mais de 60 milhões de exemplares, inspirou um filme com o mesmo título do livro e foi lançado mundialmente no dia 19 de maio de 2006, dois dias depois de sua estréia em *Cannes*, a qual mobilizou a grande imprensa.

O sucesso do livro abriu espaço para muitas matérias jornalísticas: revistas, *sites*, jornais, várias entrevistas, debates e programas de televisão. Além de um filme a partir do livro, inspirou um livro sobre o filme, uma biografia não autorizada de Dan Brown, uma edição especial ilustrada, o exemplar de um caderno de viagens que inclui um roteiro ilustrado, e ainda provocou o lançamento de cerca de 20 livros logo após o primeiro ano de sua edição.

¹ Para o presente trabalho utilizamos a tradução de Celina Cavalcante, impressa na cidade do Rio de Janeiro em 2004, edição da Sextante, cuja capa pode ser visualizada no anexo A. Para citações a esta obra utilizaremos a partir daqui a sigla *OCDV*. Todos os negritos são de nossa autoria.

Muitas dessas matérias e, principalmente, muitos desses livros, concretizam uma tensa relação entre teologia e literatura pelo fato de se aproximarem, com finalidade teológica, de um texto literário e de ficção.

Aventamos² a possibilidade de demonstrar como esses livros se equivocaram na abordagem de *OCDV*. E aqui surge a hipótese central do trabalho: cria-se assim um conflito entre o que é literatura e o que é teologia na recepção desse polêmico livro.

Ainda que a Bíblia seja uma compilação em livros, sempre foi lida como uma unidade. É assim que ela, por excelência, tem influenciado a literatura, o comportamento e a tradição cultural do ocidente mais do que qualquer outro livro. No livro *Código dos Códigos – A Bíblia e a Literatura*, Northrop Frye se esforça em provar que tal obra tem um profundo sentido de unidade, e afirma que a Bíblia é “mais” que uma obra literária (FRYE, 2004, p. 44).

Jack Miles, em *Deus: Uma Biografia* (2004) refere-se à Bíblia enquanto clássico da literatura ocidental que atingiu enorme sucesso e a trata inquestionavelmente como obra literária. É também Northrop Frye, desta vez em *Anatomia da Crítica* (1957) quem afirma que nenhum livro poderia ter uma influência literária tão pertinaz sem possuir, ele próprio, características de obra literária.

Para corroborar essa reflexão, observamos que a Bíblia não só é relevante para a literatura, como pode ser considerada, de fato, literatura. Deste modo, tanto o leitor da Bíblia com leitura do ponto de vista cristão, quanto o leitor da Bíblia com leitura do ponto de vista literário podem compreender que o texto pode transformá-los em um leitor criador, recriador, crítico e contestador.

O homem como ser histórico serve-se das manifestações literárias para atender ao mundo do sonho, das necessidades artísticas, para compreender e transformar a sociedade, dialogando com o texto e, a partir dele, com a vida.

O impacto ininterrupto e o poder da Bíblia na cultura ocidental, em todos os tempos, influenciam e tornam-se pontos de origem e solo fértil para uma ampla produção literária, que muitas vezes ultrapassa os limites da teologia, a qual aceita e justifica os fatos pela fé.

Dan Brown excede esses limites e imerge no mundo da ficção com afirmações de cunho literário, mas apresenta “algo a mais”, como diria Frye; esse algo a mais, no caso de *OCDV*, talvez seja o fato de o livro apresentar, entre as personagens, a mais conhecida e

² A partir daqui utilizaremos discurso em primeira pessoa do plural.

amada delas na teologia cristã: Jesus; e uma das mais polêmicas personagens femininas da Bíblia: Maria Madalena.

Considerando que a Bíblia é a fonte inspiradora mais polêmica citada no romance, utilizaremos referencial teórico de autores que a tratam como Literatura e, considerando que *OCDV* obteve grandioso sucesso de público, alcançou sua intenção de mercado e pode ser considerado romance modelar de um *best-seller*, teremos referência de autores que abordam a literatura de entretenimento.

Uma vez estabelecido o ponto de partida, apresentamos na seqüência o percurso a ser trilhado, expondo o embasamento teórico de três movimentos, denominados e delimitados sugestivamente por códigos que nortearão o presente trabalho.

O Primeiro Código - O Código da Bíblia - abordará dois tópicos que giram em torno de polêmicas. No tópico inaugural realizam-se algumas aproximações em meio aos estudos comparados entre Bíblia e Literatura, entre os quais está a Teopoética³, proposta por Karl-Josef Kuschel, ao analisar o discurso sobre Deus em Franz Kafka, Hermann Hesse, Rainer Maria Rilke e Thomas Mann. O teórico afirma que o diálogo entre religião e literatura é um tanto conflituoso e mostra um entendimento claro de que é preciso estabelecer um diálogo produtivo entre teologia e literatura, e acabar com a relação de tensão estabelecida entre elas.

Além de Kuschel, inscrevem-se no horizonte de autores que tratam a Bíblia enquanto literatura⁴: C. B. Wheeler, Erich Auerbach, Frank Kermode, Harold Bloom, Jack

³ Termo criado por Karl-Josef Kuschel em *Os Escritores e as Escrituras* (1999). No modelo de teopoética trabalhado por Kuschel, parte-se de um diálogo de dois métodos, chamados de confrontação e de correlação.

⁴ Dentre as Universidades Federais do Brasil em que há grupos de pesquisadores nessa área de estudos, destacamos: na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) há o Núcleo de Estudos Comparados entre Teologia e Literatura (NUTEL), formado em 2003. Agrega em torno de si pesquisadores da UFSC (Salma Ferraz de Azevedo de Oliveira, Rafael Camorlinga Alcaraz e Maria Teresa Arrigoni), da Universidade Federal do Paraná (UFPR), principalmente Paulo Astor Soethe, da Universidade de São Paulo (USP), como Waldecy Tenório, e da Universidade Federal de Rondônia (UFRN), na pessoa de Cristina Ramalho; na Universidade Federal de Minas Gerais, há o Núcleo de Estudos Judaicos (NEJ), fundado em 2005 e coordenado por Lyslei Nascimento (FALE/UFMG) e Luiz Nazario (EBA/UFMG), e o Grupo de Pesquisa *Crimes, pecados e monstruosidades: o mal na Literatura*, liderado por Julio Jeha; no Rio de Janeiro, o grupo surgiu também em 2003, se reúne na PUC e UFF e é liderado pela teóloga Maria Clara Luchetti Bingemer e pela professora Eliana Yunes. Além disso, na Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) temos Luís Henrique Dreher e Eduardo Gross, os principais colaboradores da *Numen: Revista de Estudos e Pesquisa da Religião*, de publicação semestral e que abre espaço para debates em torno de Teologia e Literatura; na Universidade Metodista de São Paulo (UMESP), Antônio Carlos Magalhães é professor no programa de pós-graduação em Ciências da Religião. Há ainda a Associação Latino-Americana de Literatura e Teologia (ALALITE) que, com o objetivo de estabelecer um diálogo entre países latino-americanos que investigavam a referida área de estudo, promove seminários bianuais de Teologia e Literatura com sedes rotativas - Argentina, Brasil e Chile. Incluem-se nessa associação os pesquisadores brasileiros aqui mencionados. Na Argentina podemos citar Estrella Koira, Silvia Campana, Pedro Bayá Casal, Juan Alberto Quelas, Cecilia Avenatti de Palumbo, L. Adur, Maria Clara Beraldi, Lucas Salcedo, Carolina Schindler, José M. Poirier, Eduardo Adrogué, Laura Giancarlo, Ana Rodríguez Falcón e

Miles, J. B. Gabel, Northrop Frye, Pinharanda Gomes, Robert Alter, Antônio Magalhães, Antônio Manzatto, Flávio Aguiar, José Carlos Barcellos e José Pedro Tosa Adabia.

O segundo tópico propõe-se a discutir o que é literatura culta e o que é literatura adjetivada de subliteratura, popular, trivial, comercial, marginal etc., e almeja demonstrar que *OCDV* deve ser compreendido dentro do sistema de valor em que foi criado, e na área à qual pertence.

Nessa linha entre culto x subliteratura, consideramos a discussão de Muniz Sodré, em *Best-Seller: A Literatura de Mercado* (1988), livro no qual o autor discute certa discriminação literária com produtores de *best-seller*, mais especificamente de “literatura de massa”. O autor aponta dois tipos de literatura com regras distintas de produção e consumo: literatura culta e literatura de massa.

O Segundo Código – O Código da Crítica - inicia com a discussão popularizada acerca do casamento de Jesus com Madalena e da descendência que se constitui por meio desse matrimônio, pois além de comprovar o intertexto com a Bíblia, é o referido casamento que despertará toda a polêmica em torno do livro.

Em seguida, o Segundo Código explora a altissonante onda de lançamentos de livros que surgiram após o lançamento da narrativa de Brown. É nesse código que reside o objetivo central do trabalho: utilizando um *corpus* de 10 livros, aventa-se a possibilidade de demonstrar o conflito que existe entre o que é literatura e o que é teologia na abordagem do polêmico romance de Dan Brown.

Estes livros do *corpus* foram escolhidos aleatoriamente para evitar um direcionamento tendencioso da pesquisa. São eles: *A fraude do Código da Vinci: toda a verdade sobre a ficção do momento* (LUTZER, 2004); *A verdade por trás de O Código Da Vinci: uma resposta desafiadora à ficção mais vendida* (ABANES, 2005); *As chaves do Código Da Vinci: A descendência secreta de Jesus e outros mistérios* (BUENO; URRESTI, 2004); *Decifrando o Código Da Vinci: os fatos por trás da ficção* (COX, 2005); *Decodificando Da Vinci: os fatos por trás da ficção de O Código Da Vinci* (WELBORN, 2004); *Desmascarando o Código da Vinci* (GARLOW; JONES, 2004); *Os Segredos do Código* (BURSTEIN, 2004); *Quebrando o Código Da Vinci: respostas às perguntas que todos estão fazendo* (BOCK, 2004); *Rough Guide - O Código da Vinci: História-Personagens-Lugares* (HAAG, 2005).

A partir de então, surge a intenção de esclarecer se tais livros podem ser considerados como de crítica literária ou de crítica jornalística, resenhas com finalidade crítica, livros com finalidade apologética, manuais explicativos ou até mesmo como livros que foram feitos apenas para vender e oferecer lucros a partir do sucesso de *OCDV*.

O Terceiro Código - O Código do Leitor - divide-se em dois andamentos que nos remetem à recepção dos leitores: o primeiro analisa como foi a recepção da grande imprensa (jornais, revistas e *sites*), o segundo analisa a estética da recepção, a partir da teoria de Hans Robert Jauss. Embora priorize os aspectos da recepção sobre os da produção e representação, Jauss considera a literatura como produção, recepção e comunicação, e propõe uma dinâmica entre autor, obra e público⁵. Jauss acredita que a produção e reprodução da arte não são capazes de determinar sua recepção, uma vez que sua receptividade é aceitação em liberdade (JAUSS, 1979, p. 60).

Seguindo esse pensamento e acreditando que o discurso literário também se constitui de um processo receptivo, esperamos analisar as atividades desencadeadas pelo leitor da narrativa em questão.

Sabemos que o arcabouço deste trabalho é abrangente, visto que no primeiro Capítulo necessitaremos passar pela Bíblia e pela literatura de entretenimento; no segundo, pela crítica literária e, no terceiro e último Capítulo, avaliar a estética da recepção. Entretanto, consideramos imprescindível esclarecer que *não é* objetivo desta pesquisa coroar ou crucificar Dan Brown e/ou seu romance, mas **comprovar que os livros que surgiram na esteira do sucesso de *OCDV* confundem o que é literatura e o que é teologia no referido livro** (grifo nosso).

Entendendo que através de seu romance Dan Brown faz uma obra de ficção literária que dialoga com a Bíblia, propomo-nos colaborar para o esclarecimento e a utilização da literatura como lugar de debate enquanto função social e como linguagem privilegiada para discutir qualquer tema, inclusive o teológico, uma vez que a narrativa oferece, como objetos de especulação que movem a trama, dois dos mais conhecidos personagens da imaginação cristã ocidental: Jesus e Madalena.

⁵ Ver a proposta de Jauss em seu artigo *O prazer estético e as Experiências Fundamentais da Poiesis, Arethesis e Katharsis*, publicado nas traduções compiladas de Luiz Costa Lima (JAUSS et al, 1979).

1 Primeiro Código: Bíblia e Literatura

*“O Velho e o Novo Testamento
são ‘O Grande Código da Arte’.”*

William Blake

Entendemos que existem muitas teorias e uma vasta bibliografia que abordam a Bíblia enquanto Literatura. Desta forma, torna-se pertinente esclarecer que *não é* objetivo deste trabalho esgotar o assunto, mas sim levantar questões pontuais nessa área de estudos, como por exemplo: o porquê de *OCDV* estar situado nestes terrenos polêmicos, instáveis e sem fronteiras que são a Bíblia, a Teologia e a Literatura.

1.1 BÍBLIA ENQUANTO LITERATURA

*“Deus existe mesmo é
na linguagem e é lá que
devemos procurar.
A linguagem é a morada do Senhor.”*

George Crespy

As reflexões apresentadas no início deste Capítulo 2 tomam como pontos de partida a Bíblia e a Literatura, tentando estabelecer relações recíprocas e dialógicas entre elas, a partir da estrondosa polêmica em torno de *OCDV*, do escritor americano Dan Brown. O livro insere-se dentro de uma nova gama de obras produzidas, que ficcionalizam o drama de Cristo. Citem-se aqui algumas obras: *Quarentena*, de Jim Crace, *O Evangelho Segundo o Filho*, de Norman Mailer, *Ao Vivo do Calvário*, de Gore Vidal, e *O Evangelho Segundo Jesus Cristo*, do escritor português, e Nobel de Literatura, José Saramago.

O romance de Dan Brown causou muita polêmica. É composto de 105 capítulos curtos e um epílogo, desenvolve uma trama impregnada de paráfrases bíblicas, posto que a

narrativa apropriou-se de personagens bíblicos para dialogar com textos sagrados do cristianismo e propôs o casamento entre Jesus e Maria Madalena, fato que também possibilita o diálogo entre a Bíblia e a Literatura.

A estrutura narrativa do romance está ancorada em relatos, depoimentos, documentos, e faz intertexto⁶ com os *Evangelhos Canônicos*, com os *Apócrifos-gnósticos*, com a Legenda Áurea⁷, com o simbolismo da deusa Ísis e com as pinturas de Leonardo Da Vinci. O autor transcende os limites bíblicos, nos quais os fatos, muitas vezes, são justificados e aceitos pela fé, e imerge no mundo da ficção escrevendo uma obra literária, ainda que de nuance bíblica, uma vez que o tema estruturador de seu romance é a vida de Jesus.

Brown dialoga com o texto bíblico, e vai muito além da narrativa evangélica, criando a sua versão para a vida de Jesus. Ele também se apropria do discurso bíblico, o ataca, cria polêmica, abala verdades cristãs e católicas, neste sentido o *desconstrói*.

A Bíblia é composta por 73 livros e dividida em Antigo e Novo Testamento. Para estudá-la, segundo José Pedro Tosa em *A Bíblia Como Literatura*, podemos separá-la em “grandes blocos literários” (ADABIA, 1999, p. 53). Estudando a Bíblia, é possível localizar a riqueza e os princípios formais da literatura que muitos textos bíblicos nos proporcionam.

O Antigo Testamento é composto pelo Pentateuco, por livros *históricos*, por livros *poéticos e sapienciais* e por livros *proféticos*. Começou a ser escrito cerca de 1200 anos antes de Cristo, mas antes dessa data seu conteúdo já era transmitido, através da tradição oral.

O Pentateuco é composto pelos cinco primeiros livros da Bíblia e apresenta grande quantidade de códigos legislativos que revelam a vontade de Deus sobre Israel, já que seu conteúdo geral é uma história sobre o povo de Israel, desde a criação do mundo até a morte de Moisés. Gênesis, o primeiro livro do Pentateuco, apresenta rica temática e, assim como

⁶ A noção de intertextualidade surge na década de 60, nascida da proposta de teóricos e críticos pós-estruturalistas. Mikail Bakhtin foi o primeiro teórico a apresentar que o processo de leitura não pode ser concebido desvinculado da noção de intertexto, e confere sentido ao discurso, elaborado sempre a partir de uma multiplicidade de outros textos. Na *Estética da criação verbal*, esse autor infere que todo enunciado está “repleto de palavras dos outros” (BAKHTIN, 1992, p. 314). Julia Kristeva, em *Introdução à semiótica*, foi quem evidenciou o termo “intertextualidade”, e assim o descreve: “todo texto se constrói como mosaico de citações, qualquer texto é a absorção e a transformação de outro” (KRISTEVÀ, 1974, p. 64). Gérard Genette, na obra *Palimpsestes*, conceitua intertextualidade como “uma relação de co-presença entre dois ou mais textos, isto é, a presença efetiva de um texto em outro” (GENETTE, 1972, p. 5).

⁷ Compilação da vida de santos escrita pelo frei dominicano Jacopo de Varazze na segunda metade do século XIII, representando um dos últimos exemplares das diversidades religiosas daquele século. Tal legenda contraria a versão bíblica dos fatos: defende, por exemplo, que Cristo ressurreto apresentou-se primeiro à sua própria mãe.

muitos romances, debate grandes enigmas da humanidade: cosmo, vida, morte, bem e mal, indivíduo, sociedade, família, cultura, religião etc.

Os dezesseis livros *históricos* contam a história do povo de Deus. Alguns desses têm a preocupação não só de documentar, mas de interpretar uma história, e apresentam novelas históricas exemplares: o relato familiar e didático de Tobias; o belíssimo relato de Ester; o livro de Rute, composto em prosa narrativa e caracterizado como fictício; o primeiro livro de Samuel, que narra as mais diferentes histórias de vida e também epopéias heróicas; o sincronismo do livro de Reis; e as aparições maravilhosas de Macabeus⁸.

Os sete livros *poéticos e sapienciais*⁹ usam freqüentemente poesia lírica. O primeiro deles é o livro de Jó, o qual, como analisaremos ainda neste Capítulo, é digno de figurar entre as melhores obras da literatura universal. Há ainda os recursos poéticos de Salmos, e o Cântico dos Cânticos, que além de poesia lírica é extremamente alegórico, com seu diálogo apaixonado entre um homem e uma mulher e, em sentido figurado, revelando Deus como esposo de Israel.

Nos dezoito livros *proféticos* predominam profecias escatológicas e apocalípticas, e utiliza-se grande quantidade de linguagem simbólica e alegórica, como por exemplo: o livro de Ezequiel; o simbólico casamento de Oséias; riquezas poéticas do livro de Naum; oráculos em forma poética de Jeremias ou ainda a personificação da cidade de Jerusalém nos poemas de Lamentações.

A distribuição dos vinte e sete livros do Novo Testamento é feita assim: Os Evangelhos, Atos dos Apóstolos, As cartas paulinas, Cartas católicas e Apocalipse. Em síntese, é possível afirmar que esses livros contam a história da nova aliança entre Deus e os homens através de Jesus Cristo.

Os quatro Evangelhos (Mateus, Marcos, Lucas e João) são livros históricos que narram a vida, morte e ressurreição de Jesus Cristo, e anunciam a “boa notícia da salvação”. Os ensinamentos de Jesus nesses evangelhos se dão praticamente através de parábolas e,

⁸ Entre os grupos cristãos, em geral, os livros adotados pelo Novo Testamento são semelhantes, embora a ordem de alguns livros possa variar. Entretanto, nota-se uma diferença nos livros do Antigo Testamento, adotados por católicos e protestantes: enquanto a Bíblia católica é composta de um total de 73 livros, as edições protestantes têm 7 livros a menos, como por exemplo: os livros históricos de Tobias, Judite, I e II Macabeus; os livros poéticos e sapienciais Sabedoria e Eclesiástico; o livro profético de Baruc e alguns suplementos do Livro de Ester e Daniel, todos do Antigo Testamento.

⁹ Eis os livros poéticos e sapienciais: Jó, Salmos, Provérbios, Eclesiastes (ou Coélet), Cântico dos Cânticos, Sabedoria e Eclesiástico (ou Siracida).

assim como em muitos romances, embrenham-se nos principais problemas da existência humana.

O relato em *Atos dos Apóstolos* (um único livro) pode ser considerado uma obra didática e articula-se através dos discursos e da presença dominante de algum personagem – Pedro e Paulo são os mais importantes.

São vinte e uma epístolas – destas, quatorze são atribuídas a São Paulo e por isso são chamadas também de *cartas paulinas*, e as sete restantes são chamadas de *cartas católicas* – que variam seu discurso como sendo autobiográfico, de tom peculiar, bastante espontâneo em alguns casos, e distante e acadêmico em outros.

O Apocalipse (também um único livro) tem o formato de uma carta cujo tema é a luta de Deus e seu povo contra Satã, apontado como antagonista. Utiliza linguagem misteriosa e extremamente simbólica, por exemplo cores e números.

As visões do Apocalipse, os recursos poéticos dos Salmos, a rica temática de Gênesis, as mais diversas histórias que fazem parte dos livros históricos, a poesia lírica dos livros sapienciais, os problemas da existência humana apresentados também nos quatro evangelhos, tudo isso são exemplos que demonstram o alcance da Bíblia enquanto literatura.

A Bíblia é uma dentre outras fontes inspiradoras na narrativa de Dan Brown, por esta razão utilizaremos como referencial teórico os seguintes autores que tratam a Bíblia enquanto literatura: C. B. Wheeler, Erich Auerbach, Frank Kermod, Harold Bloom, Jack Miles, J. B. Gabel, Karl-Josef Kuschel, Northrop Frye, Pinharanda Gomes, Robert Alter, Antônio Magalhães, Antônio Manzatto, Flávio Aguiar, José Carlos Barcellos e José Pedro Tosaus Adabia.

Diversas são as abordagens entre Bíblia e Literatura, e a Teopoética é uma das linhas na área de estudos comparados (aqui, entre Teologia e Literatura) que desenvolvem pesquisas nessa direção. A Professora Dra. Salma Ferraz, juntamente com o Professor Dr. Rafael Camorlinga Alcaráz, lidera um grupo de pesquisa sediado na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), o Núcleo de Estudos Comparados entre Teologia e Literatura (NUTEL), e explica, em entrevista ao Diário Catarinense:

A Teopoética foi proposta por Karl-Josef Kuschel e consiste em um novo ramo de estudos acadêmicos voltados para o discurso crítico-literário sobre Deus, no âmbito da literatura e da análise literária, a partir da reflexão teológica presente nos autores. Trata-se de análises literárias efetivas, por meio de uma reflexão teológica, e de um diálogo interdisciplinar possível entre Teologia e Literatura. [...] O que os estudiosos da Teopoética defendem é que é preciso acabar com a acusação geralmente levantada pelos teólogos

de que a Literatura é uma intromissão não muito desejada na esfera da religião (FERRAZ, 2003, p. 13).

Entretanto, Ferraz ressalta que uma idéia de Teopoética já era esboçada por Santo Agostinho antes mesmo da chegada do Cristianismo. Para a pesquisadora, Santo Agostinho queria o monopólio da Teologia e, deste modo, era frontalmente contrário à reinvenção e reinterpretação poética de textos bíblicos (FERRAZ, 2005, p. 16).

Na obra *Os Escritores e as Escrituras*, publicada em 1999, Karl-Josef Kuschel analisa o discurso sobre Deus nos autores Franz Kafka, Herman Hesse, Rainer Maria Rilke e Thomas Mann, os quais, de algum modo, abordam Deus em seus discursos literários. Ainda neste livro, o teórico alemão infere que a Teopoética aspira ser:

[...] não a procura por outra teologia, não a substituição do Deus de Jesus Cristo pelo dos diferentes poetas, mas a questão da estilística de um discurso sobre Deus que seja atual e adequado (KUSCHEL, 1999, p. 31).

Para o autor a Literatura enriquece a Teologia, principalmente porque aquela é aberta a leituras de questões teológicas de forma independente, sem intencionar a total compreensão do objeto de sua reflexão:

Aqui está o grande valor da busca de correspondências entre teologia e literatura. Ao ocupar-se dos textos literários e respeitar-lhes a autonomia, percebendo os critérios formais que os conformam, a teologia pode levar a sério um aspecto da literatura que lhe deve ser muito caro: **é aguda nos textos literários a consciência de que não se dispõe do objeto de sua reflexão, em favor do qual presta testemunho** (KUSCHEL, 1999, p. 225).

Nesse sentido, podemos partilhar a idéia de que o homem e sua própria existência são “objetos” comuns à análise literária e também teológica. E, na medida em que tanto a literatura quanto a teologia tentam esclarecer o mistério da existência humana e possibilitam ao homem a reflexão sobre si próprio, elas também lhe proporcionam a transposição para além de si mesmo.

O teórico alemão entende que o mais importante no diálogo entre Teologia e Literatura é o esclarecimento do mistério da existência humana e propõe interrogações como:

Quem analisou os abismos da existência humana de forma mais exata? Quem descreveu seu mistério de forma mais adequada? Quem terá lançado o olhar mais isento por trás das máscaras, papéis, e poses da existência dos homens e das mulheres? Quem levou o ser humano a confrontar-se de maneira mais drástica consigo mesmo? (KUSCHEL, 1999, p. 228).

A Literatura oferece alternativas e respostas às grandes indagações dos homens, preenchendo todas as perguntas acima levantadas, e, de algum modo, auxilia a suavizar conflitos e ansiedades do ser humano.

Essa postura harmoniza-se com a de Antônio Magalhães, que, no livro *Deus no Espelho das Palavras*, considera que a literatura assume importante papel para a teologia porque “preserva um quadro narrativo da experiência e da história humana” (MAGALHÃES, 2000, p. 181).

Kuschel afirma também que o diálogo entre religião e literatura é um tanto conflituoso, e, ao mesmo tempo, esclarece que é preciso que teologia e literatura dialoguem de maneira bem-sucedida e acabem de vez com a relação de tensão estabelecida entre elas.

Segundo o teólogo, o século XIX já tentava restabelecer tal diálogo, iniciando com o momento romântico o primeiro apelo pela “literatura cristã”. Esta refletia sobre a problematização da fé, porém teve uma recepção desastrosa pelo fato de distinguir profundamente os escritores da literatura cristã com uma massa de leitores ligada à Igreja. Assim, os escritores da geração seguinte não queriam ser reconhecidos em razão de sua fé, mas sim pela qualidade de suas obras literárias.

Nesse mesmo ponto de vista, Northrop Frye, em *Códigos dos Códigos – A Bíblia e a Literatura*, ao estudar a Bíblia do ponto de vista de um crítico literário, assegura que os Românticos, ao perceberem que a separação entre Bíblia e Literatura era irracional, foram atacados por confundirem religião e literatura (FRYE, 2004, p.18).

Robert Alter e Frank Kermode em *Guia Literário da Bíblia*, apontam *Mimesis*¹⁰, de Erich Auerbach, como obra crucial para a percepção da relação entre escritos bíblicos e toda a tradição da literatura ocidental. Esta idéia também está esboçada em Antônio Magalhães (MAGALHÃES, 2000, p. 107) e, em similar dimensão, Flávio Aguiar assinala que Auerbach faz brilhante análise sobre a Bíblia e a literatura em *Mimesis* (AGUIAR, 2004, p. 273-280).

No começo de *Mimesis*, Auerbach analisa a história de Abraão e Isaac como “figura” do sacrifício de Jesus no futuro, unindo os fatos do Antigo Testamento ao Novo Testamento num círculo de significado e revelação, ou seja, a história de Abraão e Isaac só revela seu verdadeiro significado se vista como antecipação do sacrifício de Jesus, e este, por

¹⁰ AUERBACH, Erich. *Mimesis: a representação da realidade na Literatura Ocidental*. Tradução de G. Sperber. São Paulo: Perspectiva, 1998. Livro considerado o trabalho mais influente de Auerbach, no qual este crítico e historiador literário apresenta o desenvolvimento da literatura ocidental desde Homero até Virginia Wolf, analisando as diferentes concepções da realidade que se refletem nas obras.

sua vez, como uma resolução que o primeiro acontecimento antecipa¹¹. É como se os acontecimentos do Antigo Testamento fossem prefigurações do Novo Testamento e de sua história de redenção, em que o “sacrifício” de Isaac profetizasse o sacrifício de Jesus, e onde a relação entre estes dois acontecimentos alcança sua realização ao final.

Alter e Kermode asseguram que a Bíblia não pode ser negligenciada como obra literária, e tanto os estudiosos eclesiais quanto os literatos sentem a necessidade da interpretação dos textos bíblicos como literatura de alta importância e vigor. Os autores ressaltam que a Bíblia é “uma obra de grande força e autoridade literária” (ALTER; KERMODE, 1997, p. 13). Para eles, é a partir de uma análise estética que ela atingirá efeito ético:

Isso é verdade quaisquer que sejam nossas razões a ela – como relato na ação de Deus na história, como o texto fundador de uma religião ou religiões, como um guia para a ética, como evidências sobre povos e sociedades no passado remoto e assim por diante. De fato, a análise literária deve vir primeiro, pois, a menos que tenhamos um entendimento claro do que o texto está fazendo e dizendo, ele não terá muito valor sobre outros aspectos (ALTER; KERMODE, 1997, p. 13).

José Carlos Barcellos, em sua obra *Literatura e Espiritualidade* (2001), fundamenta um “poder teológico” explícito ou implícito, de toda e qualquer literatura, uma vez que a literatura transporta construções teológicas dentro de uma estrutura literária:

Poder teológico explícito teriam aquelas obras literárias que tematizam explicitamente questões teológicas, poder teológico implícito teria qualquer obra literária, na medida em que qualquer obra pode ser objeto de uma leitura teológica (BARCELLOS, 2001, p. 11).

Seguindo esta idéia, podemos afirmar que isso é possível, talvez, pelo fato dos temas da literatura serem temas humanos. Ou seja, a literatura e a teologia muitas vezes questionam as mesmas coisas: vida e morte, saudade, tragédia, desencanto, misérias, injustiças e incógnitas... Para onde vou? De onde vim? O que faço aqui? Isto abre a possibilidade da literatura enquanto teologia. Daí o caráter antropocêntrico da literatura, já defendido por Manzatto em *Teologia e Literatura*, onde o autor propõe que a literatura é um “lugar teológico”, e também quando, ao analisar os romances de Jorge Amado, afirma que “a literatura humaniza o homem” (MANZATTO, 1993, p. 189).¹²

¹¹ Posteriormente a *Mimesis*, Auerbach escreve *Figura* (AUERBACH, 1997), obra em que analisará vários acontecimentos do Velho e Novo Testamento, a partir do conceito de figura e seu devido preenchimento.

¹² MANZATTO, Antônio. **Teologia e Literatura** – reflexão teológica a partir da antropologia contida nos romances de Jorge Amado. São Paulo: Imago, 1993, 4 volumes. Manzatto entende que a literatura deve ser

É nas páginas iniciais de *Deus no Espelho das Palavras* que Magalhães estabelece: “o cristianismo é a religião do livro” (MAGALHÃES, 2000, p. 5). Esta é a premissa básica para a sobrevivência e influência do Cristianismo no Ocidente até os dias atuais, uma vez que sua condição de *religião do livro* pressupõe que o cristianismo seja também literatura. Fato que pode ser tributado à influência que os textos cristãos tiveram no ocidente. E os textos cristãos, por serem também literatura, fizeram com que o Cristianismo contribuísse, querendo ou não, com questões de ordem hermenêutica como dimensão crítica, sem conseguir impor limites a novas interpretações.

Ao sugerir o diálogo entre teologia e literatura, Magalhães propõe discussões em torno da leitura teológica da obra literária. Suas principais considerações baseiam-se no que ele denomina de *concorrência* entre teologia e literatura, entre religião e arte, entre estética religiosa e estética literária. Referida a concorrência, admite a necessidade de se criar critérios diferenciados entre teologia e literatura, ou seja, aquela não pode ter sua reflexão determinada pelo campo literário e esta não pode estar sob qualquer domínio eclesiástico.

É ainda esse teólogo brasileiro que, em similar dimensão com os pensamentos de Barcellos, Manzatto e Kuschel, considera que a literatura deve manter-se como algo que pode refletir a complexidade da existência humana:

[...] **a atividade literária não pode se tornar serva da teologia**, mas pode reconhecer na teologia uma porta de entrada para compreensão do humano e do sagrado (MAGALHÃES, 2000, p. 45).

Antônio Manzatto garante que a teologia pode e deve recorrer à literatura como mediação para a leitura da realidade, a partir do apelo à literatura, já que esta é também lugar de revelação do humano. Corrobora esta perspectiva Magalhães ao afirmar que “a literatura não é serva do dogma da Igreja para narrar princípios considerados teológicos, nem a teologia deve perder-se em tentar ser somente narrativa religiosa” (MAGALHÃES, 2000, p. 45).

Jack Miles, em *Deus - Uma Biografia*, refere-se à Bíblia enquanto clássico da literatura ocidental que atingiu enorme sucesso, e a trata inquestionavelmente como obra de arte bem-sucedida. Além de afiançar que a história da Bíblia, assim como qualquer outra história, tem seu protagonista, ele afirma que “qualquer personagem que ganhe vida numa obra de arte literária exerce algum grau de influência sobre as pessoas reais que lêem essa obra” (MILES, 1995, p. 15).

cultivada como algo que pode considerar tudo de acordo com a sua relação com o homem, e assim pode refletir e compreender a existência humana.

Miles ressalta que Deus, além de autor de Sua obra, é o maior e mais antigo protagonista e, portanto, um personagem literário. Ao examinar se a Teopoética não teria sido um pouco injusta com Deus, no sentido de que Deus não teve chance de escrever nenhum romance, Salma Ferraz questiona: “Ou seria a Bíblia seu romance, sua versão da história da humanidade?” (FERRAZ, 2005, p. 16).

Magalhães segue também o percurso da citação de Miles ao afirmar que os personagens e as narrativas literárias são influenciados por personagens e narrativas bíblicas, assim esses passam a ser também personagens e narrativas da cultura (MAGALHÃES, 2000, p. 16).

Isso nos remete ao que Cristina Ramalho denominou *circularidade cultural das imagens míticas*¹³, quando, em seu artigo *A circularidade cultural da Imagem Mítica de Maria Madalena*, discorre sobre os modos de circulação e recepção da imagem mítica de Maria Madalena que se espalharam no Ocidente durante séculos, como representações bíblico-históricas da “Eva resgatada”.

Na medida em que Jesus, Deus, Judas, Madalena, Lúcifer migram das páginas bíblicas para as narrativas ocidentais, passam a fazer parte do imaginário cultural do ocidente. Ou seja, a Bíblia pode ser lida como um dos romances mais conhecidos da história ocidental (MILES, 1995, p. 13-17) e algumas de suas personagens fazem parte do DNA desta civilização.

Exemplos disso são obras como: *Quarentena*, de Jim Crace; *O Evangelho Segundo o Filho*, de Norman Mailer; *Ao Vivo do Calvário*, de Gore Vidal; *O Evangelho Segundo Jesus Cristo*, de José Saramago; *A Igreja do Diabo*, de Machado de Assis; *O Senhor Diabo*, de Eça de Queirós; *Macário*, de Álvares de Azevedo; *A Divina Comédia*, de Dante; *Auto da Barca do Inferno*, de Gil Vicente; *Judas Iscariotes*, de Leonid Andreiev; *Três versões de Judas*, de Jorge Luis Borges; contos como *O Acordo* e *Encontro de Culpas*, de Julio de Queiroz; e ainda uma vasta bibliografia na qual Madalena é protagonista.

Trazendo isto para o contexto de *OCDV*, embora o personagem central não seja Deus, podemos ampliar o pensamento de Miles e de Magalhães e dizer que Jesus e Madalena se oferecem como perfeitos objetos de especulação dos personagens de um romance.

¹³ Ver: RAMALHO, 2007, p. 51-71. O conceito de *circularidade cultural das imagens míticas* é dado por Ramalho como o processo encadeado de redução material e multiplicação cultural-ideológica do Mito, que, transfigurado em manifestação concreta ou imagem mítica, gera o distanciamento da cognição da linguagem mítica, gerando uma alienação da experiência simbólica realizada pelo ser humano, o qual, vivenciando sua inscrição cultural, interage com as linguagens míticas relacionadas a essa inscrição, com as mais diversas aderências ideológicas, que circulam entre nós. No caso de Maria Madalena, circula entre nós o relato da “prostituta redimida”.

Além de a Bíblia ser relevante para a literatura, ela pode ser considerada de fato literatura. Não só por ter influenciado a literatura e o comportamento ocidental, como afirma Frye, mas também pelo fato de estarem contidos no texto bíblico princípios formais da literatura, já que esta também pode ser compreendida como forma de expressão e de interação com o mundo:

Aqueles que conseguirem ler a Bíblia do começo ao fim descobrirão que ela tem pelo menos um começo e um fim – e resquícios de uma estrutura completa. Ela começa com o começo do tempo, na criação do mundo; e termina com o término do tempo, no Apocalipse. No meio do caminho ela resenha a história humana, ou o aspecto da história que lhe interessa[...] (FRYE, 2004, p. 11).

O autor cita o Livro de Jó e as parábolas de Jesus como elementos bíblicos que se assemelham a experiências literárias. Podemos acrescentar aqui muitos modelos a que outros estudiosos fazem referência ao estudarem a Bíblia enquanto obra literária.

Para Alter e Kermode, a diversidade de documentos contendo história, poemas etc., são heranças bíblicas em que alguns desses textos apresentam interesse pela qualidade literária que proporcionam: “A força das narrativas do Gênesis ou da história de Davi, as complexidades e refinamentos das narrativas da Paixão **poderiam ser estudadas por métodos desenvolvidos na crítica da literatura secular**” (ALTER; KERMODE, 1997, p. 12).

Nesse sentido, a pesquisadora Salma Ferraz infere que a Bíblia nos permite profundas análises críticas; ela é repleta de metáforas, simbologia, complexo sistema figurativo. Para a autora, “a Bíblia é a arca maior da qual brota grande parte da literatura do ocidente” (FERRAZ, 2005, p. 22).

Ainda sobre esse aspecto, Harold Bloom, em *Onde Encontrar a Sabedoria*, percorre o cânone literário ocidental, desde a Bíblia até o século XX, refletindo sobre os limites humanos e a importância da literatura para nos ajudar a compreender a vida.

No primeiro capítulo de sua obra, ao analisar os livros de Jó e Eclesiastes, o crítico compara os autores destes a Homero e Platão, a Cervantes e Shakespeare, pois estes dois livros bíblicos são para Bloom “obras-primas literárias”. A respeito do livro de Jó, por exemplo, Bloom afirma que “Jó é um dos grandes poemas da humanidade, ainda que complicado e ambivalente” (BLOOM, 2005, p. 25).

Mesmo considerando o autor de Jó o mais sábio da Bíblia, o renomado crítico norte-americano infere que o livro de Jó é algo que não podemos compreender e por isso

parece não concordar com a costumeira definição de “teodicéia”¹⁴ que, segundo ele, é dada ao livro para justificar os atos de Deus diante do ser humano: “Jó constitui o maior triunfo estético da Bíblia Hebraica, mas a reputação de teodicéia me deixa aturdido” (BLOOM, 2005, p. 25).

Sobre teodicéia, o filósofo alemão Leibniz, em sua obra *Ensaio de Teodicéia*, defende que este é um campo da teologia que assegura que a presença do mal e do sofrimento no mundo não minimizam os atributos divinos: pelo contrário, ressaltam a onipotência, onisciência, a justiça e a bondade de Deus.

Para reafirmar esta hipótese, podemos nos reportar a Miles, quando este infere que a imagem de Deus, na apreciação religiosa da Bíblia, é centrada e representada de maneira explícita: “Judeus e cristãos adoram Deus como origem de toda virtude, fonte de justiça, sabedoria, misericórdia, paciência, força e amor” (MILES, 1995, p. 16).

É possível também fazer referência ao pensamento de José P. T. Adabia, quando este autor menciona que o mito, expresso com uma linguagem de ficção, é o que mais se aproxima do texto dos dois primeiros capítulos do Gênesis, e sua mensagem é situada na bondade de Deus: “A verdade do mito não repousa nos detalhes fictícios, mas em sua mensagem: tudo o que foi criado por Deus é bom” (ADABIA, 1999, p. 16).

Bloom busca o título para um de seus livros entre os versículos 12 e 28 do Capítulo 28, em que o poema começa com o questionamento “*Onde encontrar a sabedoria?*” e termina com a declaração “*Eis que o temor do senhor é a sabedoria, e apartar-se do mal é o entendimento*”. Esta afirmativa é desconsiderada pelo crítico. Ele então garante que a

¹⁴ Teodicéia é um termo criado pelo filósofo alemão Leibniz em sua obra *Ensaio de Teodicéia*, publicada em 1710. Segundo o *Dicionário Crítico de Teologia*, de Jean-Yves Lacoste, p. 1703, Teodicéia significa “A providência – mal”. Aquele que busca explicar o problema do mal, expõe teodicéias. A Teodicéia de Leibniz busca justificar a maneira de Deus para com os homens. Segundo o filósofo “há razões pelas quais Deus faz tudo quanto faz”, como também tais razões são leis necessárias. Leibniz infere que Deus é totalmente bom e vivemos no melhor dos mundos possíveis. A Teodicéia tem um valor apologético, que muitas vezes responde aos problemas do mal. Para mais informações, consulte: <<http://www.leibnizbrasil.pro.br/leibniz-traducoes/teodiceia.htm>>. Acesso em: 13 abr. 2008.

sabedoria da Bíblia é encontrada em Eclesiastes antes que em Jó, pois, além de abordar a sabedoria, Eclesiastes versa sobre a literatura: “Se, em Jó, a sabedoria é cara demais para ser confirmada, em Coélet, todo o saber se torna possível, fragmentos de uma confissão” (BLOOM, 2005, p. 40).

Eclesiastes, Cântico dos Cânticos e Apocalipse são os livros considerados como jóias literárias também por Adabia que, em seu já mencionado livro, examina a Bíblia enquanto fenômeno e realidade literária, e ressalta suas imensas possibilidades de análise literária.

O autor declara que o fato de a linguagem ser cada vez mais valorizada como “mediação do ser”, onde conteúdo e forma de todo texto são intimamente relacionados, ajudou para a consideração da Bíblia como literatura. O teórico também a considera como obra literária porque a Bíblia apresenta um modo especial de comunicação lingüística, e além disso:

[...] não tem finalidade prática imediata (tem a finalidade de comunicar experiências, doutrina, fatos interpretados etc.); e pretende proporcionar a seus leitores prazeres estéticos e espirituais (embora este não seja o seu único objetivo). (ADABIA, 1999, p. 19-20).

É ainda Adabia quem infere que os autores da Bíblia exprimem conteúdo próprio da função literária ou estética, e é desta forma que declaram seu interesse pela forma em que transmitem sua mensagem. E, mesmo não sendo sua função predominante, seus autores também querem entreter e divertir:

As aventuras de Sansão ou Davi, o dramatismo do relato da escravidão e libertação do Egito, a crescente tensão dramática do Apocalipse: **tudo tem uma função de entretenimento, alimentada por mecanismos que mantêm a atenção do leitor e o fazem se concentrar no que lê** (ADABIA, 1999, p. 123).

Gabel e Wheeler, em *A Bíblia como Literatura*, consideram a Bíblia um livro como qualquer outro: um produto da mente humana. Eles exemplificam formas e estratégias literárias na Bíblia, citando passagens que caracterizam hipérbole, simbolismo, alegoria, personificação, metáfora, ironia, jogo de palavras e poesia. Os autores ressaltam que há elementos familiares aos termos que os críticos literários aplicam à literatura de nossa época: “[...] podemos abordar a literatura da Bíblia com a plena confiança de que seus autores tiraram as suas armas do mesmo arsenal que hoje nos abastece” (GABEL & WHEELER, 1993, p. 31).

Harold Bloom, em entrevista à revista *Veja* no ano de 2001¹⁵, informa que não confia em nenhum tipo de religião institucionalizada e, quando questionado se o enfoque literário na leitura da Bíblia é mais interessante do que o religioso, responde que sim: “Sem dúvida”. Ele afirma que alguns textos têm efeitos poéticos extraordinários, narradores magníficos, personagens maravilhosos, e conceitua a Bíblia como “uma vasta antologia da literatura e de toda a cultura” (BLOOM, 2001, p. 15).

Flávio Aguiar atribui às Sagradas Escrituras “a origem do sentido arquitetônico de toda a criação artística” (AGUIAR, 2005, p. 60), afirmando sua imensa influência na literatura ocidental como livro “continuamente escrito, reescrito, interpretado, reinterpretado, traduzido e retraduzido” (AGUIAR, 2005, p. 60).

Para o autor, a Bíblia teve forte impacto na literatura ocidental e deve ser lida facilmente, de modo traduzível para qualquer língua, pois sua imagem central é a da transformação e sua linguagem é universal:

De Dante Alighiere e John Milton a Franz Kafka, **o legado literário da Bíblia é amplo e variado**. A palavra bíblica chegou ao Brasil de barco – e com ela vieram o céu, o purgatório e o inferno. Nas letras brasileiras, José de Anchieta, Gregório de Matos e Oswald de Andrade são alguns dos autores que escreveram páginas que foram inspiradas, direta ou indiretamente, em passagens do livro sagrado (AGUIAR, 2005, p. 58).

Imersos na ótica dos autores supracitados, localizamos, uma vez mais, a riqueza e os princípios formais da literatura que muitos textos bíblicos nos proporcionam: as visões do Apocalipse, com linguagem repleta de símbolos e de números; os Salmos, com seus recursos poéticos; o lirismo do Cântico dos Cânticos, com seu diálogo apaixonado entre um homem e uma mulher; o pessimismo e o desencanto do autor de Eclesiastes, que apresenta um período de grande desigualdade social entre os judeus; e até o personagem Deus, ao qual Miles faz referência dizendo que Ele se apresenta como um dos maiores e mais complexos personagens literários do Ocidente. Isso nos remete à abrangência da Bíblia como literatura.

O alcance e o valor literário da Bíblia é ressaltado pelo escritor Moacyr Scliar, que a considera o maior *best-seller* de todos os tempos, principalmente porque é a fonte de inspiração de grandes escritores e pode ser lida por mais de dois mil idiomas e dialetos diferentes. Diz Scliar que a Bíblia “é um livro que nunca pára de ser vendido. No último século suas edições totalizaram mais de dois bilhões de exemplares” (SCLIAR, 2005, p. 8).

¹⁵ BLOOM, Harold. Leio, logo existo. In: **Revista Veja**, São Paulo, abril de 2001, ano 34, p. 11-15.

Seliar ressalta que além de poder ser lida como guia ético-espiritual e como documento de caráter histórico, a Bíblia pode ser lida ainda como um conjunto de textos literários que têm ampla variedade, numerosas narrativas e gêneros: histórias, poemas, ditos, profecias etc.

Ao estudar a Bíblia do ponto de vista literário, Frye considera que sua influência na literatura deve-se principalmente a sua pertinência e característica de obra literária, entretanto infere que “[...] **a Bíblia era tão obviamente mais do que uma obra literária, seja lá o que este “mais” signifique**, que uma metáfora quantitativa não ajuda muito” (FRYE, 2004, p. 14).

É ainda o crítico que chama a atenção para a existência e a relevância da Bíblia enquanto literatura e ressalta a influência imaginativa – distanciada de nossas referências doutrinárias ou históricas - que ela nos proporciona:

Há uma tese geral de que a Bíblia nos chega como um livro escrito, uma ausência que evoca uma presença ‘por detrás’, como diria Derrida, e que esta presença de fundo gradualmente vem ao prosa, recriando-se na mente do leitor (FRYE, 2004, p. 21).

Esta probabilidade nos permite acrescentar que esta ausência da qual fala a citação evoca múltiplas interpretações do leitor e dá margens a esta “influência imaginativa”, originando ficções criadas a partir de relatos, lugares, personagens bíblicos etc., que são assimilados e transformados, na tentativa de aprofundar um lado ausente na Bíblia, de preencher o vazio bíblico.

Esta lacuna pode ser preenchida pelo conceito de *circularidade cultural das imagens míticas*, desenvolvido por Cristina Ramalho e já citado anteriormente. A própria ausência de informações sobre a infância e adolescência de Jesus e sobre o que ocorreu com Madalena depois da morte deste originou diversos relatos: *OCDV* pode servir como um, entre muitos exemplos.

Os mistérios, enigmas e suspenses da história do Cristianismo dão à Bíblia algo da ficção, no sentido de que as histórias podem ser parcialmente omitidas, parcialmente baseadas em fatos reais, mas que sempre contêm conteúdo imaginário, possibilitando ao autor a capacidade de moldar tudo de acordo com sua vontade e imaginação. Admitindo ausências bíblicas e também que há muito de ficção na Bíblia, comprova-se uma proximidade desta com a literatura. A propósito, a Bíblia é aqui entendida como arte, como literatura, e segundo Manzatto a arte, a literatura, estão revestidas pela ficção e pelo simbolismo, pois falam da

vida, do mundo, dos homens, sob forma de expressão artística e simbólica (MANZATTO, 1993, p. 190).

Ainda sob o aspecto fictício, Rafael Camorlinga Alcaráz considera as interpretações fundamentalistas que sustentam o contrário, mas salienta o viés do ser humano para ficções, para mitos, sem os quais, segundo ele, o ser humano não poderia viver (ALCARÁZ, 2005, p. 42).

A literatura, a ficção, leva o ser humano a refletir sobre o sentido de uma série de substantivos como *esperança, busca, sonhos, fantasias, desejos, anseios, expectativas* etc. De certa forma, isto o ajuda a diminuir seus conflitos e angústias e a tornar a vida um fardo menos pesado de se carregar, delineando um horizonte menos sombrio, menos difícil, nos dando mais desejo de viver.

Quem sabe o caminho do “mais” do que uma obra literária, a que Frye faz referência quando fala da Bíblia, seja exatamente a ficção, o caráter misterioso e enigmático que esta grande obra literária apresenta e que perdura há milênios, nesse imenso livro. É neste “mais” que a literatura entra, proporcionando o preenchimento de certos vazios sobre os quais a Teologia silencia, esclarecendo ou suscitando dúvidas.

Talvez Dan Brown leia a Bíblia, o Novo Testamento, apenas como Literatura e não como Teologia. Está claro que não podemos fugir do fato de que, mesmo abordando a Bíblia enquanto literatura hebraica e cristã, ela é o livro fundador do Judaísmo e do Cristianismo. Ainda assim, a Bíblia oferece à literatura magníficos personagens: Jesus, Deus, Madalena, Judas, Lúcifer e outros. Dan Brown vale-se disso e empresta à sua narrativa dois dos mais conhecidos personagens bíblicos: Jesus e Madalena.

O romance seguramente não é uma tese teológica; é uma obra literária que deve ser lida como ficção, e, mesmo dialogando com o teológico, o ficcionista desfruta de uma liberdade descompromissada com os dogmas da teologia, a qual, de certa forma, nos permite adentrar no “mais” de Frye, e nos ajuda a completar o vazio existencial que parece entranhar-se em nossa essência. Leio, creio, duvido...

OCDV apropria-se livremente de personagens bíblicos, combinados com o imaginário religioso popular. A partir de novas narrativas, idéias e temas, distanciados da leitura dogmática e unívoca da teologia cristã, dialoga com os Evangelhos, com Evangelhos Apócrifos, e apresenta algo a mais: o casamento entre Jesus e Madalena.

O fato de o livro falar sobre sentimentos humanos entre estes dois mitos da nossa cultura provavelmente determinou que ele se tornasse um *best-seller*. Ademais, histórias sobre Jesus sempre despertam o fascínio do público, seja o Jesus Cristo de fé, do Cristianismo,

Jesus divino, Jesus da literatura ou Jesus humano e revolucionário. Escrever sobre Jesus é falar do homem mais influente da história ocidental; interessa a quase todas as pessoas do ocidente, quer creiam, quer leiam, quer duvidem.

A mais influente história da Bíblia é a história de Jesus, constituindo assim terreno favorável e fonte de inspiração de uma vasta produção literária e ficcional. Desta maneira é possível admitir que o Jesus da teologia cristã e o Jesus da literatura de certa forma também estão próximos, talvez pelo fato de a literatura dialogar com o pensamento antropológico, com o filosófico e com o teológico. Ela é interlocutora privilegiada para discutir temas teológicos, já que “a literatura também é lugar de revelação do humano” (MANZATTO, 1994, p. 40).

Percebemos que os caminhos para o diálogo entre textos literários e textos bíblicos são diversos, entretanto ler a Bíblia como obra literária aparentemente é uma questão unânime entre os pesquisadores aqui estudados. Se a Bíblia é “O Grande Código da Arte”, como lemos na epígrafe que abre este Capítulo - hipótese também elaborada por Frye, Miles, Aguiar e demais autores aqui mencionados - seguramente ela é literatura.

Essa constatação, que os autores fazem em coro, concilia-se com a assertiva do Evangelho segundo João 10:35 de que “ninguém pode anular a escritura”, e com a de Moacyr Scliar, quando este afirma que “a Bíblia merece, com justiça, o título de maior *best-seller* de todos os tempos” (SCLIAR, 2005, p. 10).

Tal obra literária, a qual, com sua magnitude, tanto influenciou a cultura ocidental, tornou-se também fonte de inspiração e solo fértil para *OCDV*. Este, outro *best-seller*, reconta uma história fascinante e será analisado no próximo tópico deste Capítulo, sob o prisma de questionamentos acerca do que é literatura culta e o que é literatura adjetivada de subliteratura.

1.2 O CÓDIGO DA VINCI: SUBLITERATURA?

*Prefiro ser lido muitas vezes por um só
do que uma só vez por muitos.*

Paul Valéry

Além de fazer parte de uma linha de livros que retratam e ficcionalizam o drama do Cristo teológico, *OCDV* pode ser incluído no rol de grandes *best-sellers* como *Operação*

Cavalo de Tróia, de J.J. Benitez, *Harry Potter*, de J. K. Rowling, *O Senhor dos Anéis*, de J. R. R. Tolkien etc.

De maneira geral, é possível afirmar que *best-sellers* como *OCDV* comumente são escritos para vender muito e vender rápido. Como receita prévia, devem ser emocionantes e estar de olho nas exigências do mercado. Também devem proporcionar leitura fácil e precisa, fatos conhecidos, mover com sentimentos instintivos, apresentar idéias progressistas e aspectos polêmicos - em alguns casos, críticos a instituições religiosas, como por exemplo a Igreja Católica - enfim, textos de grande consumo.

Segundo Marlyse Mayer, em *Folhetim: uma história* (1996), um dos primeiros produtos desse tipo de texto é o *romance-folhetim*, que teve seu início em 1836 quando, no rodapé dos jornais, era reservado um espaço ao entretenimento. O *romance-folhetim* era publicado diariamente em jornais como ficção em série e, mediante seu sucesso, era compilado e publicado. O romance de tipo folhetinesco foi muito representativo, já que era a fórmula de sucesso e base de sustentação dos jornais da época.

O *folhetim* torna-se, portanto, o primeiro formato literário em se tratando de *quantidade*, surgindo assim uma literatura mais acessível, despertando o desprezo e a crítica dos conservadores intelectuais da época, os quais consideravam tais textos como consumo fácil, de valor apenas comercial e como subproduto do que era considerado como arte: a literatura culta; distinguiram-se, assim, produtos da cultura popular e produtos da cultura dita “superior”.

Para José Paulo Paes, em *Por uma literatura brasileira de entretenimento* (1990), o jornal foi o primeiro veículo de comunicação de massa. A literatura, interessada num público mais numeroso, recorreu ao *romance-folhetim* - origem da literatura de entretenimento, cujo grão-mestre foi Alexandre Dumas - e conquistou, na segunda metade do século XIX, um público cada vez maior: desde leitores da classe média até os que vinham do proletariado urbano ou campesino, aumentando vertiginosamente o número de leitores no século XX.

No livro *Best-Seller: A Literatura de Mercado* (1988), Muniz Sodré fala de certa discriminação literária com produtores de *best-seller*, mais especificamente de “literatura de massa”. O autor aponta dois tipos de literatura com regras distintas de produção e consumo: literatura culta e literatura de massa, sendo esta última considerada por muitos críticos literários como sublitteratura.

Paes considera que um dos critérios que diferenciam a literatura de massa da literatura de proposta é o *esforço*. O teórico utiliza esse termo baseando-se na *cultura de*

proposta, termo utilizado por Umberto Eco no livro *Apocalípticos e Integrados* (1990) para substituir a designação “cultura erudita”. Enquanto esta desafia o fruidor a um esforço de interpretação e estimula sua faculdade crítica, aquela a adormece, poupando-lhe esforço de inteligência, atenção e memória. O autor, entretanto, ressalta: “[...] para ser fruído, o livro, mesmo de entretenimento, exige o mínimo de esforço intelectual, dispensável da imagem falada do vídeo” (PAES, 1990, p. 36).

Ou seja, diante de atividades bastante sedutoras, o simples ato de ler já demanda um esforço, pois o livro tem que disputar espaço com outras mídias. Neste sentido podemos citar Luiz Eduardo Matta quando ressalta que a **“literatura terá de transpor as muralhas do castelo onde se mantém confinada e se misturar ao povo humilde nas ruas para tentar lhe mostrar que ler pode ser mais interessante e fascinante do que assistir à TV, jogar videogame ou sair para festas todas as noites”** (MATTa, 1993).

Uma das estratégias mercadológicas da literatura de entretenimento é oferecer lazer e distração, dessa forma torna-se objeto de consumo destinado às grandes tiragens, seja pela facilitação de sua leitura, pela simpatia da trama e/ou personagens ou pelo puro prazer do entretenimento.

Já a definição de *best-seller* é dada também para os livros que apontam nas listagens dos mais vendidos. Assim *OCDV* pode ser analisado como romance modelar de um *best-seller*.

Assim sendo, nos reportaremos ao *OCDV* algumas vezes como *literatura de entretenimento* e outras como *best-seller*, pois entendemos que tais denominações não são sinônimas e também porque elas soam menos preconceituosas que outras adjetivações para os fenômenos considerados *de massa*: antiliteratura, comercial, contraliteratura, marginal, paraliteratura, subliteratura, trivial etc.

O total de exemplares vendidos em todo o mundo e a tradução para mais de cinquenta línguas servem de prelúdio para a dimensão de opiniões acerca de *OCDV*. Percebe-se que tanto em ambientes acadêmicos quanto em ambientes cristãos, mais populares, essas opiniões são as mais diversas: vão desde *uma afronta à Igreja Católica, heresia, plágio literário, calúnia à profissão de fé dos cristãos, intolerância, relato factual, verdade teológica discutível*, até *uma trama muito bem elaborada, narrativa intertextual, ou uma ficção como tantas outras*.

Este romance é classificado por determinados segmentos de recepção, entre eles a crítica jornalística, como literatura de massa, e talvez por essa razão passe a ser preconizado como literatura menor, ou seja, subliteratura.

Enquanto se vale de vários procedimentos e técnicas romanescas, Dan Brown também utiliza conteúdos que mobilizam a consciência do leitor, acirrando e intrigando sua sensibilidade e seu imaginário, fato bastante relevante na literatura de entretenimento. Aliás, essas técnicas, dentro do que se espera para entreter o leitor, apresentam resultados satisfatórios, comprovados pela mágica cifra de vendas do romance. Foi resgatando Jesus com uma dimensão humana e, por extensão, resgatando outra biografia para a figura de Madalena, que Brown encontrou sua fatia no mercado.

Levantar a hipótese do casamento do maior líder espiritual da humanidade com Maria Madalena e tentar comprová-lo, resgatar o sagrado feminino através dela, perpetuada como a mulher de costumes mais do que livres, a pecadora redimida, é o tipo de matéria narrativa capaz de instigar o imaginário popular ocidental, tão influenciado pela Bíblia.

Sodré, em obra já mencionada, ressalta que, na estrutura básica do texto de literatura de massa, o mais importante são os conteúdos (mito e informações), mas que, apesar da presença determinante do mercado, o mencionado tipo de texto também pode fazer crítica social:

O texto de massa é precisamente o tipo de produto capaz de **espicaçar a ‘curiosidade universal’: crime, amor, sexo, corpo, aventura etc.**, são alguns dos significados constantes, associados a informações trazidas no bojo das novidades tecno-científico-culturais. Esses conteúdos (significados constantes e informações atualizadas) associados às imagens suscitadas pelo emprego do mito – responsável por toda uma gama de identificações projetivas – constituem o material de consumo do leitor (SODRÉ, 1998, p. 16).

De alguma forma ocorre uma crítica social na narrativa de Brown, na medida em que o desenrolar da temática conduz a várias interpretações, no momento em que suscita questionamentos em torno do patriarcalismo proferido pela igreja cristã e a demonização do feminino germinado pela mesma instituição religiosa.¹⁶

Constatamos ainda nas concepções de Sodré que o *pedagogismo* é um entre quatro elementos estruturais da literatura de massa. Diante deste quadro, *OCDV* adquire

¹⁶ Para mais esclarecimentos sobre a demonização do feminino, consulte *O Martelo das Feiticeiras (Malleus Maleficarum)*, escrito em 1487 pelos inquisidores Heinrich Kramer e James Sprenger. O livro é uma espécie de manual de diagnóstico para bruxas, dividindo-se em três partes: a primeira ensinava os juízes a reconhecerem as bruxas em seus múltiplos disfarces e atitudes; a segunda expunha todos os tipos de malefícios, classificando-os e explicando-os; e a terceira regravava as formalidades para agir “legalmente” contra as bruxas, demonstrando como inquiri-las e condená-las. Também sobre a demonização do feminino, ver *Eunucos Pelo Reino de Deus*, de Uta Ranke-Heinemann, considerado um dos melhores estudos sobre sexualidade feminina e Igreja Católica. Nele a autora investiga sobre a forma como a Igreja católica romana tratou a sexualidade, a contracepção, o prazer e as mulheres, desde os primórdios da fé cristã até os dias de hoje.

característica não só de *pedagogismo*, mas de um *antipedagogismo* cristão, uma vez que os vilões representam uma facção da Igreja Católica e as falsas verdades propagadas por ela.

É ainda Sodré quem esclarece que a presença do herói, do mito heróico, é o traço principal para gerar emoções e projeções junto ao leitor. Na narrativa de Brown, a presença do mito heróico concretiza-se na figura de Madalena, que se distingue por seu valor extraordinário, ela é portadora da gnose¹⁷, carregou no ventre uma filha de Jesus Cristo: é ela e não Pedro a pedra sobre a qual Jesus fundou sua Igreja. Poderíamos aproveitar uma das idéias gerais de Sodré e afirmar que é um caso atípico em que, ao invés de um herói, temos uma heroína (SODRÉ, 1998, p. 24).

O que mais chama a atenção é o fato de o livro apresentar uma descrição da vida de Maria Madalena e do relacionamento que esta teve com Jesus em virtude da busca pela revelação do Santo Graal. *OCDV* tem sido classificado como romance policial, aventura de ficção, uma trama muito bem elaborada, repleta de informações sobre diversas organizações (Opus Dei, Priorado de Sião, Cavaleiros Templários), sobre prédios famosos (Louvre, a sede da Opus Dei, Abadia de Westminster, Capela Rosslyn), sobre algumas características de diversas obras de arte, sobre enigmas, códigos e anagramas.

Antes de classificarmos o gênero do livro, faz-se necessária a explicação de Sodré sobre o gênero na literatura de massa. Segundo o crítico “[...] *gêneros* são as subdivisões, por temática e público leitor, da narrativa romanesca” (SODRÉ, 1998, p. 26). O autor classifica então alguns tipos de romance, dentre eles o romance policial, o romance de terror e o romance sentimental. Fundamenta o primeiro como texto de informações de natureza

¹⁷ Gnose é o substantivo do verbo *gignósko*, que em grego significa conhecer. Gnose é conhecimento superior, interno, espiritual, iniciático. No grego clássico e no grego popular, *koiné*, seu significado é semelhante ao da palavra *epistème*. Em filosofia, *epistème* significa "conhecimento científico" em oposição à "opinião", enquanto *gnôsis* significa conhecimento em oposição à "ignorância", chamada de *áгноia*. O termo gnose significa determinados tipos de conhecimento: conhecimentos em termos gerais; comunhão mística e relação sexual. As principais características do gnosticismo são: vasto, diversificado e sincrético conhecimento religioso; busca da libertação da alma por intermédio da gnose secreta e conhecimento participatório proveniente das realidades espirituais. O termo gnose é utilizado também para designar o que os gnósticos acreditam como aspecto espiritual do Universo e da possibilidade de salvação por um conhecimento secreto. O objeto da gnose é Deus, ou tudo o que deriva d'Ele. Para seus seguidores, toda gnose parte da aceitação firme na existência de um Deus absolutamente transcendente, existência que não necessita ser demonstrada. O salvador, o mais alto dos poderes celestiais, desce à terra, toma a forma humana, traz o conhecimento oculto dos outros domínios espirituais e o revela a um discípulo. A salvação, desse modo, era a ascensão daquele que recebeu o conhecimento esotérico, para vencer os baixos poderes espirituais. O gnosticismo concebia uma visão pessimista da realidade material; acreditavam alguns, por esse motivo, que Cristo tivera apenas uma aparência espiritual, e não um corpo. Os homens eram divididos em três categorias: os *pneumatikoi* ou espirituais, os *psikikoi* ou seguidores da alma e os *sarkikoi* ou dominados pela carne; os primeiros estavam salvos, os últimos perdidos e os do meio poderiam tomar um ou outro rumo. Essas informações foram adquiridas nas aulas ministradas pela professora Salma Ferraz no curso de Pós-Graduação em Literatura da UFSC. Para mais informações, acesse o site <http://www.gnosisonline.org/Teologia_Gnostica/index.php> ou consulte Maia (1992) e Tricca (1989; 1991).

criminosa, psicológica, judiciária etc.; o segundo, como escrita de conhecimentos biológicos ou antropológicos em torno dos padrões de “normalidade” humana; o terceiro, como relato de doutrina ou de informações de natureza ética relativas aos fenômenos do amor ou da sexualidade.

A partir das classificações dadas pelo autor, podemos qualificar *OCDV* como uma mescla dessas três tipologias. É romance policial não só pelo fato de que busca identificar o sujeito através da resolução de um enigma, mas também porque seu ponto de partida é o assassinato do curador do Louvre (Jacques Saunière) e a intriga é resolvida a partir da resolução deste crime.

É Sodré que sustenta: “A rigor os relatos de terror constituem uma variante do gênero fantástico, que aborda situações ditas fantasmagóricas ou caracterizadas por aquilo que Freud chamou de *estranheza inquietante*” (SODRÉ, 1998, p. 44-45). Com certa ousadia, é possível visualizar *OCDV* como romance de terror. O romance começa com o assassinato de Jacques Saunière dentro do museu do Louvre. Antes de morrer, Saunière deixa, na cena do crime, uma mensagem cifrada com seu próprio sangue. Além disso, temos a presença fantasmagórica de Silas, um albino psicótico e assassino, que além de utilizar uma cinta de cilício em torno da coxa, golpeia-se até sangrar, com uma corda pesada e cheia de nós, enquanto murmura: “*a dor é boa*” (BROWN, 2003, p. 22).

Outra especulação válida é considerar o livro como romance sentimental, nem tanto pelo casamento de Jesus Cristo e Maria Madalena, mas pelo envolvimento afetivo entre as personagens Sophie Neveu e Robert Langdon, que surpreendentemente não se beijam durante toda a narrativa, característica que é mantida no filme. Essa postura harmoniza-se com a afirmação de Sodré sobre o nono mandamento desse tipo de romance: “[...] o fim deve ser sempre em estilo ‘final feliz’, sem precisar de beijo necessariamente” (SODRÉ, 1998, p. 48).

Depois de uma breve análise de alguns elementos narrativos que compõem o relato de Brown, surge uma intrigante pergunta: por que uma obra de ficção causa tamanha polêmica e inúmeras divergências nas opiniões acerca de si, algumas delas inclusive preconizando o romance como subliteratura?

Propondo-se tratar de conceitos e questões complexas e presentes no debate científico e cultural de nosso tempo, Márcia Abreu, em *Cultura letrada: literatura e leitura* (2006), afirma que não há consenso quando se trata de gosto literário:

Quando se trata de leitura de textos literários, o assunto parece envolver uma insolúvel polêmica. As listas de melhores livros, por exemplo, refletem a média dos gostos particulares de algumas pessoas e sempre estão desafiando outros padrões e outros gostos, excluídos de parâmetros supostamente corretos de avaliar a literatura (ABREU, 2006, p. 48).

Na concepção de Terry Eagleton em *Teoria da Literatura: Uma Introdução* (2006), as estruturas das crenças inabaláveis, ligadas intimamente às ideologias sociais, são as profundas raízes dos juízos de valor que “referem, em última análise, não apenas o gosto particular, mas os pressupostos pelos quais esses grupos sociais exercem e mantêm o poder sobre os outros” (EAGLETON, 2006, p. 24).

Na exegese do teórico, os juízos de valor são notoriamente variáveis, daí a sua dedução de que a literatura não pode ser, de fato, definida “objetivamente”, pois ela é constituída numa entidade instável:

Não existe uma obra ou uma tradição literária que seja valiosa *em si*, a despeito do que se tenha dito, ou se venha a dizer, sobre isso. **‘Valor’ é um termo transitivo: significa tudo aquilo que é considerado como valioso por certas pessoas em situações específicas, de acordo com critérios específicos e à luz de determinados objetivos.** (EAGLETON, 2006, p. 17).

Dentre as definições que Ítalo Calvino atribui aos clássicos em sua conhecida obra *Por que ler os clássicos?* lemos: Dizem-se clássicos aqueles livros que constituem uma riqueza para quem os tenha lido e amado; mas constituem uma riqueza não menor para quem se reserva a sorte de lê-los pela primeira vez nas melhores condições para apreciá-los (CALVINO, 1999, p. 7). Nota-se que, mesmo a partir das concepções de Calvino, é muito difícil definir o que é um clássico.

Podemos ainda localizar a problematização dessa tentativa de definição em Umberto Eco, quando este explana: “Toda obra de arte é aberta porque não comporta apenas uma interpretação” (ECO, 2003, p. 22). Em *Obra Aberta*, Eco baseia-se principalmente na escolha de interpretação e fruição do leitor, descartando assim a possibilidade de uma única perspectiva e priorizando a autonomia concedida ao leitor:

[...] cada fruidor traz uma situação existencial concreta, uma sensibilidade particularmente condicionada, uma determinada cultura, gostos, tendências, preconceitos pessoais, de modo que a compreensão da forma originária se verifica segundo uma determinada perspectiva individual. (ECO, 2003, p. 40).

Por esse viés, as concepções de Roland Barthes em *O Rumor da Língua* (1988) propõem também a abertura da obra, um sistema de leitura do texto que excede suas verdades:

“Abrir o texto é reconhecer que não há verdade objetiva ou subjetiva da leitura, mas apenas a verdade lúdica” (BARTHES, 1988, p. 105). Deste modo, na voz de Barthes, o texto não produz um sentido único, este teórico entende a escritura como o neutro onde se perde toda a identidade, “a começar pela do corpo que escreve” (BARTHES, 1988, p. 65) dar ao texto um autor é fechar a escritura:

[...] um texto é feito de escrituras múltiplas, oriundas de várias culturas e que entram umas com as outras em diálogo, em paródia, em contestação; mas há um lugar onde essa multiplicidade se reúne, e esse lugar não é o autor, como se disse até o presente, é o leitor: o leitor é o espaço mesmo onde se inscrevem, sem que nenhuma se perca, todas as citações de que é feita uma escritura. (BARTHES, 1988, p. 70).

Barthes preconiza que o autor deve desaparecer, decreta a morte do autor, mas os leitores de Dan Brown, Paulo Coelho, J. K. Rowling gostam de ver seus rostos nas entrevistas, gostam de ver a cara dos autores, os consideram celebridades.

Falou-se e fala-se muito que Barthes decretou a morte do autor. Cabe aqui levantar uma estimulante pergunta: Não teria a alta literatura, a literatura culta, determinado a morte do leitor *comum*?¹⁸ E não teriam sido justamente autores da literatura de entretenimento que o ressuscitaram, o resgataram? Dan Brown, Paulo Coelho, J. J. Benítez, J. K. Rowling, J. R. R. Tolkien souberam empenhar-se e achar esse leitor, basta que se vejam os números de livros vendidos e os milhões de dólares que estes autores ganharam.

Eagleton argumenta que não existe uma “essência” da literatura, e apresenta a dificuldade em defini-la, posto que sua classificação é extremamente instável, nada objetiva, tampouco imutável e muito relacionada com os julgamentos de valor. Em outras palavras, o crítico sugere ainda que não importa o que se lê, mas como se lê:

Alguns textos nascem literários, outros atingem a condição de literários e a outros tal condição é imposta. [...] **O que importa pode não ser a origem do texto, mas o modo pelo qual as pessoas o consideram. Se elas decidirem que se trata de literatura, então ao que parece, o texto será literatura, a despeito do que seu autor tenha pensado.** (EAGLETON, 2006, p. 13).

¹⁸ Virginia Woolf, na obra *O leitor comum* (1925), concebe o leitor comum como simples leitores, sem propósitos e pareceres profissionais, que lêem apenas pelo prazer da leitura, exercitando sua liberdade, já que esta é a mais importante condição para o exercício pleno da leitura. Já no livro *Altas Literaturas* (1998), Leyla Perrone Moisés não aceita como leitor o leitor comum, mas só o leitor que se torna escritor. Na página 13 a autora infere: “uma obra está viva quando tem leitores. Os teóricos da ‘estética da recepção’ enfatizaram o papel do leitor na própria produção literária, sua influência sobre as direções subseqüentes dessa produção. Entretanto, não é o leitor comum (abstração que só pode concretizar-se como sombra, pela via indireta e enganadora das tiragens, das vendas ou dos documentos relativos à distribuição e ao consumo), mas sim o *leitor que se torna escritor* quem define o futuro das formas e dos valores”.

À luz das reflexões dos autores supracitados, literatura é aquilo que o leitor quer que seja literatura. Podemos afirmar que os 60 milhões de leitores impuseram com muita autoridade a condição de literatura de *OCDV*. Esta cifra assustadora, porém, só foi possível porque para o leitor da literatura de entretenimento o livro em questão já nasceu literário.

É possível pensarmos então que qualquer livro (e, portanto, também *OCDV*) possa ser avaliado como clássico, entretenimento ou como subliteratura, basta ser considerado como tal, já que se configura a difícil questão dos valores, os quais, ainda segundo Eagleton, “são privados e gratuitos” (EAGLETON, 2006, p. 19).

A questão não é tão simples quanto parece. Mesmo imperando “questões de valor”, há diferenças entre literatura clássica e literatura de entretenimento, sendo um desafio conflituoso defini-las.

A partir das concepções de Vítor Manuel de Aguiar e Silva, em *Teoria da Literatura* (1967), percebe-se que aclarar o significado estético-literário da palavra *clásico* é dificultado pela polissemia semântica da palavra. O autor infere que *Classicus* aparece pela primeira vez referido a matérias literárias num texto de Aulo Gálio: a expressão *classicus scriptor*, utilizada por Gálio, exprime o conceito de escritor excelente e modelar, que se distinguia pela beleza e correção da sua linguagem. Durante séculos os escritores considerados pela cultura helenística, dignos de serem seguidos como modelos, foram prevalentemente os autores gregos e latinos (AGUIAR E SILVA, 1967).

Para Aguiar e Silva, não podemos nos enclausurar em uma única atribuição da palavra clássico, no domínio da terminologia literária, e em síntese o “classicismo identifica-se com a doutrina de que a criação literária deve repousar em modelos dos quais derivam a disciplina e as regras necessárias para a prosecução de uma obra perfeita” (AGUIAR E SILVA, 1967, p. 353).¹⁹

Também por esse viés Hegel, em sua obra *Estética*, conceituava clássico como “obra de arte perfeita” (HEGEL, 1993, p. 247). Entre as quatorze definições de Calvino, encontramos: “Os clássicos são livros que, quanto mais pensamos conhecer por ouvir dizer,

¹⁹ Os grandes adversários dessa concepção clacissista da literatura foram desde sempre os *modernos*, que não aceitam os cânones estabelecidos, nem reconhecem o magistério atribuído aos chamados autores clássicos. As tendências da literatura confirmam a doutrina dos *modernos*, sendo atualmente impensável estabelecer, de modo rígido e dogmático, um cânone de autores, com todas as conseqüências daí decorrentes. O autor afirma que “a possível rigidez existente no conjunto de regras do clacissismo é atenuada, na obra dos grandes criadores, pela introdução do fundamental imperativo de agradar ao leitor e ao público” (AGUIAR E SILVA, 1967, p. 370).

quando são lidos de fato mais se revelam novos, inesperados, inéditos” (CALVINO, 1991, p. 12).

Aplicando essas definições a *OCDV* nos vem o seguinte questionamento: o que ficará do romance após sua primeira leitura? E então se descobre que não existe na obra um ânimo a ponto de semear uma possível releitura, já que ela “terminou de dizer aquilo que tinha para dizer” (CALVINO, 1991, p. 12).

De maneira geral, a idéia de clássico também se aplica a qualquer obra que se destaque por alguma singularidade, que seja modelo de referência. Este conceito não se aplica a *OCDV*, já que esta obra foi produzida com estratégias mercadológicas e com receita de *como escrever um best-seller*.

A partir dessas definições, é fácil perceber que *OCDV* não é um clássico. O que se pretende demonstrar é que a literatura clássica não se opõe necessariamente à literatura de entretenimento e, portanto, elas não devem ser comparadas numa relação de superioridade/inferioridade. Trata-se de literaturas com características diferentes, mas não se pode dizer de uma como sendo maior ou menor, melhor ou pior que a outra. A literatura não é feita só de clássicos, ela também pode ter como único objetivo o entretenimento, a distração, o lazer.

OCDV pode não ser uma literatura de “valor”, no sentido do que a maior parte da crítica reconhece como clássico. O livro realmente não tem o refinamento literário e a inesgotabilidade presente em grandes clássicos da literatura universal. Por outro lado, é sim leitura de prazer, para quem busca entretenimento.

No entanto, alguns intelectuais afirmam com toda convicção sobre *best-sellers* como *OCDV*, que não leram e ainda assim não gostaram, mesmo que estes estejam atualmente na lista dos mais vendidos, como se isso fosse um insulto ao público letrado e refinado, onde muitas vezes impera o preconceito em detrimento do gosto. Parece que um escritor popular provoca, automaticamente, o desprezo da crítica, a qual, muitas vezes, sente-se pressionada a não gostar de autores populares (leia-se Dan Brown, Paulo Coelho e Joanne Kathlen Rowling, esta última autora de Harry Potter), e a admirar autores consagrados.

Exemplo disto é o que ocorre com Lya Luft, dona de uma obra já reconhecida no meio literário desde 1980, e que no entanto tornou-se conhecida do grande público brasileiro a partir de 2003, quando publicou *Perdas & Ganhos*. Foi este *best-seller* que fez com que os seus leitores fossem em busca das suas primeiras publicações e também manteve a autora por 80 semanas consecutivas na lista dos livros mais vendidos do Brasil. A partir daí Luft foi

considerada pela crítica “uma maldição no meio literário brasileiro” (FERNANDES, 2005, p. 6).

Antes de *OCDV* (2004), Dan Brown também escreveu *Fortaleza Digital* (1998), *Anjos e Demônios* (2000) e *Ponto de Impacto* (2001). Entretanto, a impressão que se tem é a de que estes livros foram lançados depois, pois foi a partir do estrondoso sucesso de *OCDV* que seus outros três livros também tiveram uma grande tiragem e, inclusive, estiveram simultaneamente na lista de mais vendidos do *The New York Times*.

O grande problema que se levanta aqui, é: como mensurar, medir o gosto literário de alguém, como se chegar ao consenso do que é boa literatura ou sublitteratura quando se trata da questão do gosto pessoal? Ou seja, o juízo literário é extremamente subjetivo, basta ver o abismo entre os livros que os críticos consideram como clássicos e a lista de vendas publicadas em todo o mundo.

A propósito, Paes é categórico ao afirmar que após os temas da patologia individual e social do Naturalismo provocarem o afastamento histórico entre os propósitos do mero entretenimento e dos ambiciosos propósitos da literatura de proposta, o Modernismo consolidou tal afastamento com seus vanguardistas, que contestavam de maneira polêmica os valores tradicionais da arte (PAES, 1999, p. 33).

Na linha do discurso da crítica, Márcia Abreu assegura que

[...] na maior parte das vezes, não são critérios lingüísticos, textuais ou estéticos que norteiam essa seleção de escritos e autores. Dois textos podem fazer um uso semelhante da linguagem, podem contar histórias parecidas e, mesmo assim, um pode ser considerado literário e outro não. Entra em cena a difícil questão do valor que tem pouco a ver com textos e muito a ver com posições políticas e sociais (ABREU, 2006, p. 39).

A teórica segue por esse viés em que o discurso da crítica é constituído numa imanente literariedade, onde os critérios de avaliação do que é boa ou má literatura - ou seja, do que é literatura e do que é adjetivado de maneira preconceituosa (como sublitteratura, subcultura, misticismo barato, paralitteratura, popular, trivial, comercial, contralitteratura, antilitteratura, marginal etc.) - não são só os relacionados à excelência do texto, mas também a elementos externos ao texto, como mercado editorial, grupo cultural, posição do autor no campo literário, sua filiação intelectual, sua condição social e étnica, suas relações políticas etc.

O posicionamento de Paes garante que existe “a miopia de nossa crítica para questões que fogem ao quadro da literatura erudita” (PAES, 1990, p. 34-35). Ele exemplifica através do romance sentimental *Meu pé de laranja Lima*, de José Mauro Vasconcelos, que a

crítica analisa somente a estética literária da obra, deixando de lado a sociologia, o gosto e o consumo.

Paes infere que, numa cultura realmente integrada, tanto a literatura de entretenimento quanto a de proposta são vigorosas. Os escritores não se dão conta de que é a partir de leitores daquela que surgem leitores desta. Portanto, segundo ele, a literatura não pode ser constituída apenas de gênios e de obras-primas. Este é um erro de perspectiva, pois “todos sonham ser um Gustave Flaubert ou James Joyce, ninguém se contentaria em ser Alexandre Dumas ou Agatha Christie” (PAES, 1990, p. 37).

Esse olhar nos remete à conhecida dicotomia exposta por Eco já no título de seu livro *Apocalípticos e Integrados* (1990), em que o autor aponta para a divisão dos que, frente à cultura de massa, apresentam um pessimismo exacerbado, desconsiderando qualquer aspecto positivo na manipulação da informação, já que para estes, os apocalípticos, os meios de comunicação promovem emoções, mas não a renovação de sensibilidades. Em outra vertente estão os integrados, que assistem aos fenômenos de massa com otimismo, estabelecendo aspectos positivos na manipulação da informação. Eles defendem que a cultura de massa não diminui as capacidades receptivas e difundem produtos otimistas de entretenimento.

Ao refletir sobre o tema, Eco não toma partido entre apocalípticos e integrados, uma vez que faz simultaneamente a defesa e a crítica da cultura de massa, propondo que os níveis culturais sejam complementares e equilibrados. Nesse sentido, resulta novamente oportuno citar Abreu:

Os livros que lemos (ou não lemos) e as opiniões que expressamos sobre eles (tendo lido ou não) compõem parte de nossa imagem social. Uma pessoa que queira passar de si uma imagem de erudição falará de livros de James Joyce, mas não de obras de Paulo Coelho. Essa mesma pessoa, se tiver de externar idéias sobre Paulo Coelho, dirá que o desaprova. Mesmo que não tenha entendido nada de *Ulisses* ou tenha se emocionado lendo *O Alquimista* (ABREU, 2006, p. 19).

Ao lembrarmos outra vez de Paulo Coelho, vale citar a pertinente análise que Maicon Tenfen, em sua dissertação de mestrado (2002), sob orientação da Profª. Tânia Ramos, fez de sua obra, ressaltando na introdução que é difícil abordar o tema da literatura de massa de forma imparcial e desapaixonada. Nessa dissertação, defendida na UFSC, Tenfen avalia veículos como televisão e fotonovela, que segundo ele são caros à “Grande” Indústria Cultural. Analisa também a literatura de massa para, em seguida, focar seu estudo em Paulo

Coelho e sua integração junto a essa grande indústria, procurando estudar elementos textuais e contextuais da obra do “magoescritor”, como ele o define.

Salma Ferraz define Paulo Coelho não como “magoescritor”, mas afirma que suas exuberantes vendagens, e também as de Dan Brown, J. K. Rowling e J. R. R. Tolkien, por exemplo, a autorizam a defini-los como “mega-escritores”.²⁰

Retomamos o estudo de *OCDV* observando: os leitores que não conheciam o universo de detalhes do romance - e que, por esta razão, tiveram dificuldades para compreender toda a trama - em sua maioria disseram que o livro os arrebatou e que era impossível mesmo parar sua leitura. Mesmo que a crítica não tenha aprovado o romance, os leitores, em sua maioria, o aprovaram, uma aprovação pelo controle de qualidade desses milhões de leitores que compraram o livro em todo o mundo e outros tantos que o tomaram emprestado para ler.

Imersa nessa ótica surge então uma pergunta: milhões de pessoas leram um livro que não é literatura? Não seria esta apenas *um* tipo de literatura diferente, e o qual nem por isso é menor, menos valioso? E, afinal, o que é literatura? Uma pergunta que tem gerado confusão entre gerações de críticos e milhares de livros.

Isso nos remete novamente a Eagleton, quando este autor identifica a dificuldade em definir literatura, já que para ele o próprio conceito de literatura sofre alterações porque tem estreita relação com juízos de valor, e estes, que a constituem, também são historicamente variáveis. Podemos ainda incluir Eco, quando prioriza a autonomia do leitor e, por extensão, Barthes, que propõe que a multiplicidade do texto se reúna no leitor. Idéia também esboçada por Abreu quando se refere à questão do valor.

A resposta deveria ser simples e fácil: Literatura é também aquilo que o leitor acha que é literatura, o que ele gosta e sente prazer em ler, movimentando seus dedos com ansiedade diante das páginas do livro. Por que não deixar que os leitores julguem e decidam o que para eles é literatura ou sublitteratura?

Fica aqui uma provocação: O que seria da literatura se o público leitor fosse composto somente por críticos? Certamente os escritores da literatura de entretenimento não existiriam. Mas não existe ditadura da cultura. Ninguém está autorizado a balizar alta e baixa cultura.

Foi Virgínia Woolf, por meio de suas cartas a Lytton Strachey, publicadas de forma resumida em *O Leitor Comum* (1925), quem antecipou a problemática da literatura de

²⁰ Termo criado pela professora Salma Ferraz em palestra no curso de pós-graduação em Literatura da UFSC.

entretenimento ao sugerir que “devemos ter uma mente andrógina (ler desde os clássicos aos modernos), para que possamos, então, subjetivamente, entender e falar sobre este tema” (WOLF apud SENEM, 2007, p. 4).

A realidade é que cada vez mais cresce o filão de uma literatura de entretenimento no país e no mundo. Talvez os críticos acadêmicos devessem ter uma mente um pouquinho mais eclética.

A intenção não é defender, tampouco condenar a literatura de entretenimento, mas compreender que não há lugar para os *apocalípticos* nem para os *integrados*, e que a distinção entre literatura e subproduto de literatura parece perder sua importância, ou melhor, não ter nenhuma importância para o grande público leitor, tornando-se assim uma diferenciação incoerente e descabida, na medida em que um tipo de literatura *é considerada menor quando deveria ser considerada diferente*.

Luiz Eduardo Matta, ao tratar especificamente da literatura brasileira, infere que a produção literária nacional privilegiou o livro como espaço para denúncia, experimentação, catarse ou reflexão, e desvalorizou o desprezioso objeto de lazer e entretenimento do leitor despreparado e julgado “sem gosto estético” (MATTA, 1993).

Dentro desta perspectiva percebe-se que *OCDV* é alvo constante de pareceres desfavoráveis, vindos de segmentos receptivos que parecem desconsiderar o fato de que o efeito de sua narrativa é, no mínimo, inspirador de leitura, em uma sociedade onde sabemos que os *best-sellers* não são concorrentes dos clássicos. A indústria editorial não é a culpada pela falta de tradição de leitura no Brasil e *OCDV* não é (tampouco tem a pretensão de ser) concorrente dos grandes clássicos, nem da Bíblia. Dan Brown quis e conseguiu ganhar muito dinheiro, e acabou causando muita polêmica.

Conforme propõe Márcia Abreu, clássicos e *best-sellers* podem até ser comparados, mas nunca para mostrar como um é superior ou inferior ao outro. Cada obra deve ser compreendida dentro do sistema de valor em que foi criada, no gênero ao qual pertence. Não se pode fazer juízo de valor e estigmatizar o gosto de pessoas comuns e padronizar o gosto da elite intelectual.

OCDV deve ser compreendido enquanto ficção, e ficção destinada ao entretenimento. Dan Brown sugere o casamento entre Jesus e Maria Madalena, assim como Saramago, quando este levanta esta mesma hipótese em *O Evangelho Segundo Jesus Cristo*. No entanto, seu público era outro. O público de Saramago é literato, culto. Os dois escritores realizam a temática de maneira esplêndida, porém diferente, cada um direcionado para públicos distintos.

Em Abreu, lemos ainda que o lugar do autor na tradição literária, seu prestígio, tem maior importância do que a qualidade literária da sua obra. A autoria da obra a “inscreve em uma convenção a partir da qual os críticos e o público especializado olham para ela” (ABREU, 2006, p. 45). A autora exemplifica através da “pegadinha” feita pela *Folha de São Paulo*, em 1999, quando esta ofereceu para publicação às editoras Companhia das Letras, Rocco, Objetiva, Record, L&PM e Ediouro o livro *Casa Velha*, de Machado de Assis. O referido livro foi enviado sob nome falso de autor e sem título. Das seis editoras, nenhuma demonstrou interesse em publicá-lo e nem explicitou o motivo do desinteresse. Se soubessem quem era o autor, será que não o teriam publicado?

Eagleton também relata tipo semelhante de verificação, através do exemplo do crítico I. A. Richards, quando este distribuiu a seus alunos uma série de poemas sem títulos e sem nome dos autores, pedindo que eles os avaliassem. Como os julgamentos foram variados - “poetas consagrados pelo tempo receberam notas baixas e autores obscuros foram elogiados” (EAGLETON, 2006, p. 23) - Richards demonstrou que os juízos de valor literário podem ser subjetivos.

Ainda segundo Abreu, por trás da definição de literatura está um ato de seleção e exclusão, atuando a questão do valor, que tem pouco a ver com textos e muito a ver com posições políticas e sociais, com um único modo de apreciar, de ler e sentir, valores estéticos considerados não somente diferentes, mas também pertencentes a um único modelo correto.

OCDV deve ser lido pelo que ele é: uma obra de ficção. Na voz de Jacques Derrida a literatura é o lugar onde se pode “dizer tudo” (DERRIDA, 1995, p. 48), e, assim, o ficcionista usufrui dessa liberdade já que a literatura não tem compromisso com a teologia, com a ideologia. O objetivo aqui não é diferenciar radicalmente a ficção da realidade, mas distinguir o discurso dogmático teológico do discurso ficcional. O compromisso da literatura é com a verossimilhança, e ainda assim, ela é lugar de debate enquanto função social. Basta consultar a ficha catalográfica de *OCDV* para ver sua classificação: romance, ficção, conforme verificamos no anexo B. No entanto, afirma a pesquisadora Salma Ferraz que *OCDV* “pode sim levantar temas sobre os quais a teologia silenciou e apontar inclusive pontos em que ela deliberadamente errou, como, por exemplo, quando classificou Madalena como prostituta”.²¹

²¹ Conforme entrevista dessa pesquisadora conferida ao *Programa do Jô* e exibida pela Rede Globo de Televisão em 23 de abril de 2006.

É pouco provável que o romance de Brown incomode pelo simples fato de fazer sucesso, entretanto o sucesso mercadológico parece suscitar um automático preconceito por parte da academia, a qual considera que a literatura de entretenimento, dos holofotes e das cifras de milhões não é digna de análise, embora esta reflexão pareça um pouco precipitada no caso da narrativa, já que a crítica acadêmica não teve tempo suficiente para analisar o livro. Ainda que só aqui na UFSC tenhamos, até o momento, duas dissertações sobre *OCDV* em andamento (uma sobre o romance e outra sobre o filme), nenhuma resenha foi escrita em suplementos literários sobre o livro. A única exceção é Luiz Antonio de Assis Brasil, o qual afirmou, em palestra no terceiro encontro do projeto *Paiol Literário*, ter-se tornado uma espécie de especialista n'*O código Da Vinci*, já que está lendo e estudando este romance em suas Oficinas de Criação Literária do Curso de Pós-Graduação em Letras da Faculdade de Letras da PUCRS.

Assis Brasil garante concordar com Wolfgang Iser sobre as três funções consideradas reais na literatura, as quais são: o prazer da leitura; o conhecimento que a literatura dá; e a catarse, a transformação que pode realizar em nós.

[...] eu vejo muitos professores amargurados porque me dizem: "Eu não consigo fazer meus alunos terem prazer na leitura". Eu digo: "Bom, o que tu dá para eles?" "Bom, eu estou estudando *A pata da gazela*." E eu digo: "Bom, eu acho que o caminho aí não é tanto do prazer da leitura, mas pode se pensar assim: Vocês lendo esse livro vão conhecer o Rio de Janeiro do Segundo Império". E quando eu penso no lado transformação, penso em duas obras. Uma do século 18, que é do Goethe, *Os sofrimentos do jovem Werther*, e penso numa obra atual, que é *O código Da Vinci*. Até estou estudando com meus alunos essas duas obras sob o aspecto da recepção (BRASIL, 17/08/2006)²².

Está claro que o *best-seller* de Dan Brown é um livro de entretenimento. Foi escrito com receita prévia para vender bem, vender rápido, utiliza ingredientes típicos da literatura de entretenimento, recursos de efeitos já consagrados e, ainda que use alguns procedimentos, técnicas romanescas, estava mesmo de olho nas exigências do mercado. O romance mexe com a emoção, apresenta idéias progressistas ao resgatar de maneira sublime o sagrado feminino e passou pelo teste de popularidade antes mesmo de chegar ao Brasil, portanto já chegou com um certo prestígio publicitário. É certamente objeto de grande consumo.

²² Este é um fragmento de discurso da comunicação de Assis Brasil intitulada *O prazer da leitura*, apresentada no terceiro encontro do *Paiol Literário* de 17 de agosto de 2006, na cidade de Curitiba (PR).

A editora de *OCDV* disponibilizou capital para *marketing* e distribuição dos livros. A campanha publicitária foi eficiente, e antes mesmo que o livro estivesse nas livrarias, foram enviados gratuitamente pela editora dez mil exemplares a livreiros e jornalistas. Além disso, a polêmica sobre a difamação que o livro faz à Igreja católica ajudou na sua divulgação, aliás, foi fator determinante.

Temos elementos que, mais que fazer provocações estimulantes, convidam o leitor a imaginar que aquilo que sempre ouviu e/ou sempre acreditou pode não ser totalmente verdadeiro e, desta maneira, acabam por incomodar, instigar, inquietar. O romance, entretanto, não deve ser considerado uma literatura menor, sublitteratura, uma vez que: não seria o papel da arte (em geral) e da literatura (em particular) inquietar, chocar, suscitar questionamentos? A literatura, enquanto meio de aprimoramento das pessoas, não nos permite também ter capacidade de admitir diferenças e outros pontos de vista além do nosso?

Ao que parece, enquanto Valéry prefere ser lido muitas vezes por um só do que uma só vez por muitos, Brown parece contrariá-lo porque busca multidões, busca grandes públicos, preferindo talvez, ser lido uma vez só por muitos.

2 Segundo Código: O Código da Crítica

“Qual é o mais duro dos críticos?

O amador malogrado.”

(Goethe)

Iniciamos este Capítulo com a seguinte pergunta: por que *OCDV*, livro de ficção, causa tamanha polêmica? É pouco provável que o romance incomode por resgatar de maneira sublime o feminino, o matriarcalismo, popularizar essa discussão em uma sociedade que ainda nos dias atuais é tão preconceituosa e patriarcal. Vimos no Capítulo anterior que o *marketing* na distribuição dos livros e a campanha publicitária foram eficientes, e que a tentativa que a Igreja Católica fez de abafar o livro acabou o promovendo. Consideramos que a provocação mais estimulante de *OCDV*, o que desperta toda a polêmica em torno do romance, é o casamento entre Jesus e Madalena. Por esta razão, antes de explorar a bombástica onda de lançamentos de livros que surgiram quase que concomitantemente com a narrativa de Brown, o primeiro tópico desse Capítulo apresenta a discussão popularizada acerca do mencionado casamento e da descendência que por meio dele se constitui.

2.1 JESUS DE MAGDALA²³: A POLÊMICA

*E a companheira do salvador é Maria
Madalena. Cristo amava-a mais do que a
todos os discípulos e costumava
beijá-la com freqüência na boca. O
resto dos discípulos ofendia-se com isso
e expressava sua desaprovação.
Diziam a ele: Por que tu a amas mais do
que a nós todos?*

(O Código Da Vinci)

²³ Na página 277 de *O Evangelho Segundo Jesus Cristo* de José Saramago, Jesus é tão humano e defende tanto os direitos das mulheres que, ironicamente, afirma que não gostaria de ser conhecido como Jesus de Nazaré e sim como Jesus de Magdala.

OCDV está impregnado de paráfrases bíblicas, fato este que intensifica o diálogo entre a literatura e a Bíblia, uma vez que o enredo da trama gira em torno de dois ilustres personagens do Novo Testamento: Jesus, mito de mais de dois mil anos, capaz de atrair a atenção de milhares de leitores, e Maria Madalena, que acompanhou, serviu e testemunhou a caminhada de Jesus até o calvário, foi curada por Ele de sete demônios e, sobretudo, foi a primeira pessoa a ver e anunciar a ressurreição de Jesus. Esses dois personagens bíblicos fazem parte da imaginação ocidental e estão impregnados na nossa cultura.

O enredo apresenta no centro da trama dois grupos antagônicos: Priorado de Sião x Opus Dei. O objetivo de ambos, embora o intento final seja diverso, é buscar evidências do Santo Graal. Leigh Teabing (o Mestre) também quer saber onde está o Santo Graal e objetiva revelá-lo a todo o mundo, jogando um grupo contra o outro. Ainda no cerne da narrativa estão as evidências do Graal, que estariam representadas nas obras de Leonardo da Vinci, mais precisamente n'*A Última Ceia*. Para completar, temos a busca da solução da trama e o conhecimento do Graal, por Robert Langdon e Sophie Neveu, em um enredo cinematográfico desenvolvido em 420 páginas.

Em síntese, a narrativa desenvolvida por Brown sustenta o fato de Jesus ter sido casado com Maria Madalena e com ela ter gerado uma filha. Na trama, a Igreja Católica pretende esconder este segredo milenar: Jesus concebeu sua descendência, seu sangue real, sua linhagem humana com Madalena.

Maria Madalena e Jesus Cristo são muito importantes no enredo, são elementos centrais para que se conduza o jogo de ação, pois a trama de Brown assegura que o Santo Graal é o símbolo que significa a união sagrada, o casamento perfeito entre eles, ao contrário das dezenas de romances ou novelas de cavalaria, de origem medieval, especialmente aquelas ligadas ao ciclo arturiano, que relatam aventuras sintetizadas na imagem do santo cálice, usado por Jesus na sua última refeição e que representa a vida, a última ceia, o sangue de Jesus e, portanto, o próprio Jesus, que nela bebeu.

OCDV apropria-se livremente de personagens bíblicos, combinados com o imaginário religioso popular e a partir de novas narrativas, idéias e temas, distanciados da leitura dogmática e unívoca da teologia cristã, questiona e dialoga com textos sagrados para fundamentar o casamento de Jesus e Madalena.

O desenrolar dessa temática conduz a muitas interpretações e obriga a uma breve passagem, ainda que panorâmica, por Jesus e Maria Madalena dos *Evangelhos Canônicos*, os

quais privilegiam os escritos segundo Mateus, segundo Lucas, segundo Marcos e segundo João, escritos aproximadamente nos anos 80, 85 a 90, 70 e 100 d.C., respectivamente²⁴.

O Jesus da Teologia Cristã é o Filho de Deus, e “sendo filho Deus, portanto Deus ele próprio” (SARAMAGO, 2005, p. 333). A partir dos *Evangelhos* interpretou-se que Cristo, *que tira o pecado do mundo*, era o cordeiro de Deus. Jesus era judeu e tinha uma missão especial e divina a cumprir, acreditava num Deus único e praticava a pobreza, a humildade, pregava a tolerância, a bondade, o perdão e principalmente o amor fraterno. Jesus é para a Igreja Cristã o Messias, o redentor da humanidade.

Na exegese dos *Evangelhos*, ressaltou-se a divindade como fato mais impressionante da vida de Jesus Cristo. Jesus, ainda que de carne humana, era feito de espírito divino²⁵. Ele curava doentes, purificava leprosos, perdoava pecados e inimigos, levantava paráliticos, expulsava demônios (sete de uma só vez), oferecia a outra face, dava pernas aos coxos, visão aos cegos, ouvido aos surdos, voz aos mudos, vida aos mortos, Jesus ressuscitava. Além de líder espiritual ele era um ser divino, sagrado e que praticava o celibato, embora isto fosse algo excepcional na cultura judaica.

Este é o Jesus Cristo apresentado nos *Evangelhos*. A principal atribuição à Maria Madalena nestes *Evangelhos* é o testemunho e a anunciação da ressurreição de Jesus Cristo, citados em Mateus 28:1-10, em Marcos 16:1-13, em Lucas 24:1-12 e em João 20:1-18. Ela é mencionada em 13 ocasiões, sendo que em uma delas, de maneira implícita, seu nome é citado então 12 vezes²⁶.

Todos os acontecimentos em torno da ressurreição têm Maria Madalena como figura central e, apesar das informações sobre ela serem restritas e os detalhes biográficos enigmáticos, ainda assim são sempre referidas às mensagens de Jesus e ao grande mistério da salvação. Ela é citada nominalmente sempre nas mesmas circunstâncias, e no *Evangelho de João* sua importância como única testemunha da ressurreição de Jesus é mais relevante.

²⁴ Dos quatro Evangelhos, os de Mateus, Marcos e Lucas são considerados pela tradição eclesiástica como *sinópticos*, ou seja, tiveram uma única fonte, provavelmente o de Mateus, ou uma versão anterior deste, sendo este assim o mais antigo.

²⁵ Essa união entre a natureza divina e humana de Jesus Cristo é classificada pela teologia sistemática como uma *união hipostática*, ou seja, Jesus Cristo tem duas naturezas, sendo homem e Deus ao mesmo tempo: limitado enquanto homem e onipotente enquanto Deus. O Concílio de Calcedônia, em 451 d.C., considerou que em Cristo há duas naturezas, cada uma mantendo as suas próprias propriedades, e, juntas, unidas numa substância e em uma única pessoa, conforme Lacoste (2004, p. 1707-1709).

²⁶ A importância da Madalena bíblica e seu trânsito para diversas obras de literatura estão compilados na obra *Madalena: a Mulher que Amou o Amor (Textos Críticos)*, obra inédita, compilada e organizada pela Profa. Dra. Salma Ferraz em 2007.

Principalmente neste *Evangelho* percebe-se a atitude corajosa de Maria de Magdala em ir só ao local do sepulcro de Jesus e em manter o firme propósito de buscar o corpo dele. Ao encontrá-lo e reconhecê-lo ela declara com firmeza “Vi o Senhor!”, dando origem à notícia fundamental para o surgimento do cristianismo.

Madalena está presente nas passagens mais marcantes na vida de Jesus, como a Paixão e a Ressurreição. Ela é a discípula que ama o mestre acima de tudo, e ao anunciar a ressurreição aos outros apóstolos é considerada “apóstolo dos apóstolos”, ou seja, a primeira *apóstola*.

Em sua análise sobre o Cântico dos Cânticos, Hipólito, bispo de Roma (170-235 d.C), considera Maria Madalena a "Apóstola dos Apóstolos", pois ela era a representação da noiva no poema de Salomão. Para ele, o amor representado no poema era o amor espiritual de Maria por seu mestre Jesus, a qual buscou por este no sepulcro, e não o encontrando lá, e consternada, acabou encontrando-o em um jardim.²⁷

No entanto, a imagem de Madalena foi encoberta por errôneas interpretações dos textos Bíblicos, que a perpetuaram no imaginário popular como a prostituta arrependida, a pecadora que se redimiou após “conhecer” Jesus, criando-se para ela um amálgama de três personagens bíblicas femininas diferentes.

Essa tradição gratuita e totalmente equivocada, que foi considerada verdade absoluta durante quase toda a história do Cristianismo, foi originada por um equívoco do Papa Gregório Magno durante o sermão de Páscoa proferido em Roma no final do século VI. Segundo Salma Ferraz, nesse sermão Gregório, o Grande, associou Maria Madalena à mulher anônima do evangelho de São Lucas 7:36-50 que ungiu os pés de Jesus. A partir de então, Maria Madalena passa a ser a Grande Pecadora, a prostituta penitente, e essa interpretação deturpada tornou-se um costumeiro equívoco exegético, estimulado e perpetuado durante séculos através dos sermões dos pensadores cristãos, seguida pela devoção e imaginação popular. Somente em 1969 o Vaticano admitiu o erro que cometera, tentando corrigir séculos de engano ao reconhecer que não havia base para a identificação dela com uma prostituta.²⁸

Lilia Sebastiani afirma em sua obra *Maria Madalena: de personagem do evangelho a mito de pecadora redimida* (1995) que a tradição já caminhava para que a mulher quase apedrejada e a mulher que ungiu os pés de Jesus se confundissem com Maria Madalena. Segundo a autora, Hilário de Poitiers é um dos primeiros a apresentar a antítese que se

²⁷ Para mais informações consulte o site: <http://www.geocities.com/ana_ligia_s/madalena.html>.

²⁸ Conforme entrevista ao *Programa do Jô* exibida em 23 de abril de 2006 pela Rede Globo de Televisão.

tornaria clássica: Madalena anunciou o mistério da salvação para compensar a culpa de Eva pela queda do gênero humano.

A culpa de Eva também é relatada no livro *Eunucos Pelo Reino de Deus* (1988), onde Uta Ranke-Heinemann infere que Alberto Magno considerava que Eva deixava para todas as mulheres a tentação, depravação do ato sexual, o desejo excessivo na concepção, além das durezas da gestação e das dores do parto.

Além de afiançar que “a história do cristianismo é quase a história de como as mulheres foram silenciadas e privadas de seus direitos” (RANKE-HEINEMANN, 1988, p. 140), no capítulo intitulado *O Século XIII: A Idade Áurea da Teologia – e o Apogeu da Difamação Misógina*, a autora mostra o ódio da Igreja contra o sexo, o seu desprezo às mulheres, o pessimismo sexual agostiniano, o acréscimo do ódio pelo sexo, causado pela aproximação de Aristóteles à Teologia, e as passagens misóginas de Tomás de Aquino e principalmente Alberto Magno, grandes depreciadores das mulheres e de sua fidelidade, sendo este último considerado “Patrono dos Estupradores” por dizer frases como “quanto mais a mulher resiste, tanto mais quer” (RANKE-HEINEMANN, 1988, p. 193).

No sentido contrário a essa depreciação, *OCDV* resgata a reputação da mulher através de Maria Madalena, arquétipo de sagrado feminino. Ao assegurar seu casamento com Jesus, apresenta Madalena como a sua esposa e a responsável por sua linhagem sagrada: uma vez que o sangue dele estava guardado em seu ventre, ela seria o Cálice Sagrado. Conforme a trama de Brown, é no famoso quadro *A Última Ceia* que Leonardo da Vinci deixou o código para o mistério do Graal, que é a “verdadeira” história sobre Jesus e que também dá origem ao título do livro:

A mulher à direita de Jesus era jovem, tinha uma expressão piedosa, um rosto sério, lindos cabelos ruivos e mãos comportadamente entrelaçadas.
— *Essa é a mulher que sozinha poderia acabar com a Igreja?*
— Essa, minha cara – respondeu Teabing – é Maria Madalena.
[...] *A Última Ceia* praticamente proclama àqueles que contemplam que Jesus e Maria Madalena eram um casal (BROWN, 2003, p. 231).

O romance faz referências aos *Evangelhos Gnósticos* (em particular o *Evangelho de Filipe*) achados no Alto Egito, mais precisamente em Nag Hammadi, em dezembro de 1945. O de Filipe apresenta Maria Madalena como a companheira de Jesus, a personificação da gnose, a consorte de Cristo terreno, e concebe ainda a relação de Jesus com Madalena como modelo de união espiritual.²⁹

²⁹ Dentre os 52 ou 53 textos encontrados no deserto egípcio em 1945, mais precisamente em Nag-Hammadi - nome do sítio arqueológico onde estes foram descobertos -, está o Códice ii, que se tornou conhecido como *O Evangelho de Filipe*. O texto constituiu um importante documento para as comunidades gnósticas, cujo tema

Ferraz afirma que Jesus revolucionou a história das mulheres. “Nunca um homem esteve tão cercado de mulheres como Ele. Seu carisma era tão grande que elas se sentiam inebriadas por sua fala, sua pregação”.³⁰ Desta maneira, torna-se pertinente assegurar que Madalena tinha uma relação de espiritualidade com Jesus muito mais íntima do que está dito na Bíblia.

É claro que isso não garante que eles tenham sido casados. A idéia do mencionado casamento não é muito original, sendo nova na trama *a maneira como o autor desenvolve* esta idéia. Dan Brown não é o único a sugerir o casamento de Jesus com Madalena, pois já existiam várias lendas sobre o suposto casamento entre os dois, as quais apareceram no sul da França durante o século IX. Além disso, tal idéia está presente em ficções como o supracitado *O Evangelho Segundo Jesus Cristo*, de José Saramago (1991); *A Relíquia*, de Eça de Queirós (1887); *L'amour de Madeleine*, de Rainer Maria Rilke (1912) e *O Enigma Maria Madalena*, de Gerald Messadie (2003).

Há ainda os *Evangelhos apócrifos Segundo Maria Madalena, Segundo Tomé e Segundo Felipe*, que provavelmente foram compostos no século II; e também inúmeros livros sobre Madalena, alguns publicados depois de *OCDV*, leia-se: *Maria Madalena e o Santo Graal*, de Margaret Starbird (2004); *O Santo Graal e a Linhagem Sagrada*, de Michael Baigent, Richard Leigh e Henry Lincoln (1982); *María Magdalena – la diosa prohibida del Cristianismo*, de Lymm Picknett (2005); *Maria madalena – de pecadora do Evangelho a mito de pecadora redimida*, de Lilia Sebastiani (1995); *O último tabu do Cristianismo*, de Juan Arias (2006); *Arqueologia de Madalena*, de Fernanda De Camargo-Moro (2005); *O romance de Maria Madalena – uma mulher incomparável* (2004) e *Evangelho de Maria-Miriam de Mágdala* (2005), ambos de Jean-Yves Leloup; e muitos outros.

Ressaltamos ainda o filme *A Última Tentação de Cristo* (1988), de Martin Scorsese, que, baseado no romance homônimo de Nikos Kazantzakis (1960), mostra um Jesus humanizado e tentado a imaginar, durante a crucificação, como seria sua vida na pele de um homem comum. Durante o sonho, ele se casa com Maria Madalena, fica viúvo, casa-se pela segunda vez e comete adultério. Nas artes plásticas, há algumas pinturas que sugerem tal casamento e também pinturas em que Madalena aparece grávida. A esse respeito,

nele exposto é o Mistério da Câmara Nupcial. Seu primeiro tradutor dividiu o texto em 127 versículos, 32 dos quais em que encontramos a seguinte afirmação: “Três mulheres caminham sempre com o Senhor: Maria, sua mãe, a irmã dela e a Madalena, a qual é chamada de sua companheira. Maria, na realidade, é irmã, mãe e cônjuge dele”. Para mais informações, consulte Leloup (2006, p. 183).

³⁰ Em entrevista concedida ao *Programa do Jô* e exibida em 23 de abril de 2006 pela Rede Globo de Televisão.

demonstramos dois exemplos no anexo C – Pinturas de Maria Madalena grávida, quadros I e II, do pintor francês Georges de La Tour ou Georges du Mesnil de La Tour (1593–1652).

Na obra *A Relíquia*, Eça de Queirós já evidenciava que, por causa do amor de uma mulher, funda-se mais uma religião no mundo: “Então Maria de Magdala, crente e apaixonada, irá gritar por Jerusalém - 'ressuscitou, ressuscitou!' **E assim o amor de uma mulher muda a face do mundo, e dá uma religião mais à humanidade!**” (QUEIRÓS, 1997, p. 121, grifo nosso). Esse fato é sublinhado por Ferraz em sua obra *O Quinto Evangelhista – O (des) Evangelho Segundo José Saramago*, em que a autora utiliza a citação de Eça de Queirós como epígrafe do capítulo *Santa Madalena*. (FERRAZ, 1999, p.79).

Através do título *O Quinto Evangelhista*, Ferraz anuncia como o escritor português José Saramago ficou conhecido após escrever seu evangelho, bastante polêmico e considerado blasfemo por muitos, pelo fato de: descrever o ato sexual entre Maria e José; narrar episódios onde Deus (sanguinário e vingativo) e o Diabo (simpático e atraente) dialogam; apresentar personagens como o generoso Judas e a prostituta Madalena, a qual desempenha papel primordial na narrativa, já que tem um envolvimento amoroso, uma relação no mínimo de *concubinato* com Jesus.

Também neste livro a autora analisa *O Evangelho Segundo Jesus Cristo* e afirma que Saramago desfere uma crítica mordaz contra Deus, repele cruelmente Maria, mãe de Jesus, resgata a dimensão humana de Jesus - mera cobaia nas mãos de Deus - e elege como seus personagens favoritos o Diabo e Maria Madalena. O Diabo é o salvador de Cristo e de toda a humanidade, e Madalena é redimida e eleita a sua favorita.

Segundo Ferraz, Saramago resgata, em primeiro lugar, o Diabo - chamado Pastor - como salvador da humanidade, depois resgata Maria Madalena, a discípula amada, através da idéia de que o amor de Jesus pertence a ela. Jesus pertence à Madalena, pois deseja chamar-se Jesus de Magdala, Jesus de Madalena.

No conto de Marguerite Yourcenar, *Maria Madalena ou salvação*, a escritora explora o casamento de Madalena com o discípulo amado João e relata seu lamento de abandonada: “Deus não amou senão as minhas lágrimas” (YOURCENAR, 1983, p. 120). João, o discípulo amado, a abandona na noite de núpcias para seguir com Jesus. Maria Madalena, desta vez, fica em segundo lugar.

Em *OCDV*, às vezes parece que a humanização de Jesus está em primeiro plano, no entanto Madalena é quem, dessa vez, está em primeiro lugar, o resgate do sagrado na figura de Madalena é o que humaniza Jesus, é ela quem leva seu filho no ventre.

No entanto, vale ressaltar que Dan Brown atribui o maior valor de Madalena ao fato de ela ter gerado a linhagem sagrada, ou seja, para ser resgatada ela precisa ser a mulher de Jesus, ter um filho; o resgate se dá via casamento e via maternidade.

Já Yourcenar apresenta uma Madalena cujo novo perfil é o da protagonista que se resgata sozinha depois de ser abandonada pelo noivo³¹. Saramago resgata Madalena como meretriz que vive em concubinato com Jesus e que não tem filhos, a redimi pelo sexo, uma vez que depois de conhecer Jesus ela deixa de ter outros homens. Além disso, a comprovação da sabedoria de Madalena é ressaltada quando ela impede a ressurreição de Lázaro: “ninguém na vida teve tantos pecados que mereça morrer duas vezes” (SARAMAGO, 2005, p. 360).

Nesta análise comparativa, percebe-se que em *OCDV* Madalena não é resgatada como a grande apóstola, ou seja, Maria de Magdala só é resgatada quando ganha o título honorário de esposa de Jesus e mãe de um filho Dele. Se considerarmos que a Madalena do romance só tem valor porque está grávida e gera filhos, atentamos para a possibilidade de que Dan Brown não fala em redenção e sim no resgate da mãe e da esposab.

OCDV tem como principal argumento para o casamento de Jesus o fato de que, “para os costumes judaicos da época em que Jesus viveu, o celibato era proibido e a obrigação de um pai judeu era encontrar uma esposa adequada para o seu filho, já que o decoro social judeu praticamente proibia que um judeu fosse solteiro” (BROWN, 2003, p. 232). Entretanto, nenhum dos ensinamentos dos quatro *Evangelhos* ou em outros livros do Novo Testamento traz argumentos que nos façam crer neste casamento, tampouco negá-lo.

Se Jesus tivesse sido casado não haveria problema em se revelar tal fato. Pedro era casado e mesmo o Apóstolo Paulo recomendava a quem fosse casado que assim continuasse. A única restrição era que, quem ainda não fosse casado deveria permanecer assim, tendo em vista os momentos conturbados da época da peregrinação e provação dos apóstolos.

Assim como não havia base para a identificação de Madalena com uma prostituta, também não há fundamento para a afirmação de que ela e Jesus tenham sido casados, ou tenham tido um “caso”.

A referida tese é considerada inverossímil e fantasiosa pela pesquisadora Salma Ferraz. Segundo a autora não há base bíblica para se afirmar isto, já que Jesus só exerceu seu ministério durante três anos de vida pública. A pesquisadora defende que Jesus teve uma vida extremamente conturbada para dedicar-se a uma mulher. Desta forma, e ao contrário do livro,

³¹ FERRAZ, S. “Maria Madalena – a discípula amada”, In: *Maria Madalena, a mulher que amou o amor*. CD do II Simpósio Internacional sobre Religiões, Religiosidades e Culturas. Dourados, MS: UFGD/UFMS, 2006.

ela afirma que se Jesus fosse casado a história do Cristianismo não seria abalada: “O casamento era a coisa mais sacrossanta da época. Tanto para judeus como para cristãos era uma bênção ser casado. Portanto, se Jesus tivesse tido uma esposa, os evangelistas naturalmente contariam” (FERRAZ, 2006)³². Ferraz ainda concorda com o poeta Paulo Leminski, quando este assegura em *Jesus a.C.*, na obra *Vida* (LEMINSKI, 1990) que Jesus era um cortejador. “Com tantas mulheres em sua vida, seria natural se ele fosse casado” (Leminski, 1990, apud FERRAZ, idem). Mesmo aventando a naturalidade de um suposto casamento, Ferraz não acredita nisso por um simples motivo: “o homem Jesus não teve tempo para isto”.³³

No *Novo Testamento* não há registro sobre a infância e adolescência de Jesus. Também não é relatado nada sobre Madalena após a morte de Jesus. São essas lacunas, esses espaços vazios que servem de solo fértil para a literatura, para a ficção.

Segundo o teólogo Luís Dietrich, durante palestra realizada no *I Colóquio de Teopoética* da UFSC, em abril 2007, nos três primeiros séculos o pluralismo do cristianismo era maior do que atualmente. Havia uma infinidade de crenças. Na época, cada grupo se reunia e fazia seus escritos, seus pergaminhos. A partir daí cada comunidade se organizava em torno dos seus livros, de seus testemunhos. Depois do ano 200 é que estes livros foram selecionados sob envolvimento político: quem conseguia juntar mais forças impunha seus livros.

Esta idéia também está esboçada em *Apócrifos: os proscritos da Bíblia*, de Maria Helena de Oliveira Tricca. A autora é bastante irônica ao tratar da curiosa escolha dos quatro evangelhos que fazem parte do *Novo Testamento*, Evangelhos de Lucas, Mateus, Marcos e João, os únicos verdadeiramente “inspirados pelo Espírito Santo” (TRICCA, 1992, p. 9-18).

Tricca garante que, no Concílio de Nicéia, no ano de 325, é que foram efetivamente separados os Canônicos dos Apócrifos. Há várias versões lendárias sobre essa escolha, e a autora relata alguns incríveis e risíveis artifícios usados para tirar a autenticidade de alguns textos, mas é fato que tal escolha também foi uma questão política para desacreditar e deslegitimar alguns grupos e autenticar outros.

³² FERRAZ, Salma. Entrevista concedida à Ingrid Cristina dos Santos, bolsista de jornalismo da Agecom (UFSC), em 11 de setembro de 2006. Informações disponíveis em: <<http://www.agecom.ufsc.br/index.php?secao=arq&id=395>>. Acesso em: 11 set. 2008.

³³ Conforme entrevista concedida ao *Programa do Jô* e exibida em 23 de abril de 2006 pela Rede Globo de Televisão.

Ao que parece a história do Cristianismo é cheia de mistérios, enigmas e suspense. Com certa ousadia, tal análise nos permite alegar que, nessa perspectiva, há mais ficção na Bíblia do que em *OCDV*.

A verdade da Madalena bíblica é uma verdade que a Igreja não gosta de debater, é uma verdade inquestionável. Antônio Magalhães considera que nem a literatura, nem a teologia podem entender a canonicidade como o limite das interpretações (MAGALHÃES, 2000, p. 8). O autor ressalta que, limitando-se a uma única interpretação sobre o texto bíblico, a teologia contribui para os dogmas sem sentido, a interpretação inflexível e a verdade absoluta da mensagem cristã:

[...] a questão da canonicidade jamais será entendida, nem pela teologia, nem pela literatura, como limite das interpretações. [...] **Com essa atitude, a teologia contribuiu em muito para que o cristianismo – como religião do livro – se tornasse cada vez mais a religião da interpretação inflexível, dos dogmas sem sentido e do autoritarismo de alguns sobre forças criativas que tentam continuamente renovar a mensagem cristã** (MAGALHÃES, 2000, p. 8).

Segundo Magalhães os personagens bíblicos influenciaram e colaboraram para a constituição de novas narrativas e novos personagens. A partir desta reflexão, entendemos que através de *OCDV* Dan Brown apropriou-se de personagens bíblicos, combinados com o imaginário popular, para dialogar criticamente com os textos sagrados. Ele tinha em mãos o segredo do sucesso: ficção, Bíblia, romance policial, Jesus e Madalena.

A partir de uma nova leitura, novos personagens, novas narrativas, e distanciado da leitura dogmática e unívoca da teologia cristã, *OCDV* questiona a verdade absoluta, a imagem inflexível de personagens bíblicos propostos pelo Cristianismo, e imerge na verossimilhança da literatura, no campo do deleite. Dessacraliza, humaniza Jesus, separando-o do sagrado, a partir de seu casamento com Maria Madalena, para com ela gerar sua descendência humana, resgatando o feminino através de sua figura.

Mesmo estando no campo da ficção, *OCDV* humaniza Jesus, que se apaixona, se casa, tem filho e principalmente resgata o feminino. O romance destrona o Jesus divino, o Jesus celibatário, para instituir um Jesus humano, um Jesus homem, um Jesus mortal. Não só pelo fato de afirmar categoricamente que a divindade de Jesus foi uma invenção da Igreja após sua morte, mas também por defender que a Igreja escondeu um segredo milenar: Jesus era casado com Madalena, tinha uma filha e concebeu Sua descendência.

O modelo da Santíssima Trindade (Pai, Filho e Espírito Santo) de certo modo passa a ser questionado em *OCDV* pela composição de uma nova Trindade, uma Trindade

humana e não-profana, composta pela família de Jesus: Jesus-pai, sua filha e Maria Madalena, portadora da sabedoria, do conhecimento, da gnose, atributos que caracterizam o sagrado feminino. O romance opõe-se à Trindade cristã, posto que sugere uma Trindade humana: pai, filha e a sabedoria - personificada em Madalena.

A humanização de Jesus implanta a dúvida do que antes, dentro das questões de fé, era indiscutível, inverte estes valores e corrói dogmas estabelecidos pela Igreja Cristã “em que o homem deve fazer sempre e eternamente a vontade divina, sem jamais questioná-la, preocupando-se com a felicidade nos céus em detrimento da felicidade na terra” (FERRAZ, 2003, p. 138).

Enquanto a teologia pode ser definida como a ciência de Deus, do sagrado, como o estudo das questões referentes ao conhecimento da divindade e de suas relações com os homens, como a racionalidade da fé³⁴, a literatura é arte e como tal é livre. Não estamos querendo tornar a arte tão dócil a ponto de, por meio dela, não se poder questionar a realidade, tampouco conferir à literatura imunidade de qualquer juízo, tanto é assim que apontamos para as propostas efetivadas pelo livro em questão, como por exemplo: o resgate do feminino na religião; a crítica à religião enquanto estrutura fundada em interesses meramente externos; a crítica à hipocrisia instrumentalizada na religião. Mas, ainda considerando que uma das pretensões da literatura é a reivindicação da verdade, conferimos uma grande liberdade à ficção.

OCDV é romance, literatura e, deste modo, fala da vida, do mundo, das indagações dos homens. E ainda que não seja realidade faz alusão a ela, a representa, a considera. Há no referido livro uma reflexão teológico-cristã, um diálogo com o Jesus bíblico, mesmo que o enfoque não seja este, visto que seu universo é o ficcional.

Para Magalhães, a influência dos personagens e das narrativas do Cristianismo nos estilos literários - os quais passam a ser personagens das narrativas das culturas, disseminados

³⁴ Conforme Lacoste (2004, p. 1707), lemos que a etimologia de Teologia é: “T.”, do grego *theología*, “discurso sobre as coisas divinas”, é um termo pré-cristão. Ela explica “o motivo da fé cristã, falar com toda coerência do Deus de quem as Escrituras dão testemunho, ou falar de todas as coisas referindo-as a Deus, *sub ratione Dei* (Tomás de Aquino), essas fórmulas que só pretendem introduzir, e não são as únicas possíveis, apresentam o programa da teologia (t.). Esse programa, num sentido, já está cumprido nas Escrituras. Funda-se nelas como num *corpus* de textos eles mesmos teológicos (teol.), textos que ela tem a mais alta ambição de tornar totalmente legíveis. Esse programa, por outro lado, é o da Igreja cristã: os discursos teol. exercem uma responsabilidade para com uma comunidade crente cuja fé eles querem interpretar e transmitir; eles comprometem aqueles que os pronunciam como “homens de Igreja” mais do que como pensadores individuais. Esse programa, enfim, se cumpre numa multiplicidade sempre historicamente determinada de práticas discursivas e textuais: assim, é somente na exposição dessa multiplicidade e de sua história que a t. manifesta exatamente seus traços essenciais”.

dentro de novas tramas e tingidos com o imaginário dos povos - é que residiu em todo o poder que o Cristianismo tem:

Muito mais do que uma teologia voltada para a explicação dos dogmas da Igreja, o poder do cristianismo residiu no fato de que seus personagens e narrativas foram transmitidos, contados com novas cores e disseminados dentro de novas tramas (MAGALHÃES, 2000, p. 15).

Em *OCDV* o autor faz alusões a passagens contidas no *Novo Testamento*, mesclando história com ficção, real com imaginário, criando um clima detetivesco, de dúvida e suspense, e gerando discrepâncias entre o Jesus que para a Igreja Cristã é o Cristo - o Messias, divino, redentor e salvador da humanidade - e o Jesus proposto, que é humano, com defeitos, fraquezas, indagações, conflitos, desencantos, que casa e constitui família como todo homem comum daquela época.

Nesse sentido o Jesus humano apresentado por Dan Brown, com suas indagações, seus conflitos, desencantos, suas incógnitas, o qual vivencia uma história de amor com uma mulher com quem tem um filho, acaba por nos aproximar também de um Deus mais humano, menos inflexível, repressor, castigador, ou ainda, como diria a Madalena de Saramago, um “Deus medonho” (SARAMAGO, 2005, p. 258). O ser humano busca na literatura uma esperança menos utópica e uma experiência de Deus mais concreta na vida das pessoas, uma experiência que muitas vezes não é encontrada na teologia, na qual a divindade de Jesus é uma questão de fé, e como tal não é questionável.

Sabemos que a busca do sagrado ou de um contato mais próximo com o sagrado faz parte da existência humana, porém o ser humano busca na literatura não a figura divina acomodada em seu egoísmo, mas busca talvez um divino *demasiado humano*. É na literatura que o ser humano busca um sentido mais profundo para a vida, para seus sentimentos, seus sonhos.

Umberto Galimberti, em *Rastros do Sacro* (2003), compreende o sagrado como a essência ambivalente de toda religião e o considera como “separado”, superior, divino, ao mesmo tempo em que o homem é atraído por ele e por isso não consegue dominá-lo. Para ele o sagrado é o lugar do entre: está entre o divino e o profano, entre a razão e a loucura, entre Deus e o homem.

O autor assegura que o contato com o mundo sagrado se dá através de templos, igrejas e pessoas escolhidas, como por exemplo os sacerdotes. Neste aspecto podemos perceber que em *OCDV* o contato com o sagrado se dá através do resgate do feminino na figura de Madalena.

Seguindo este pensamento é possível afirmar que Madalena, assim como o sagrado, também está no lugar do *entre*. É como se o romance apresentasse uma “união hipostática” de Madalena, já que ela tem algo de divina e humana: divina por ser o arquétipo do sagrado feminino, a discípula amada e consagrada como guardadora da linhagem sagrada de Cristo; humana por ser a amante, a esposa, a mãe do filho de Jesus.

Depois destas afirmações, ficam intrigantes perguntas: qual é a verdade sobre Madalena? Jesus e Madalena foram mesmo casados? Tiveram uma filha? Picknett assegura em sua obra *Maria Magdalena: La Diosa Prohibida Del Cristianismo* que, se eles foram casados, é muito estranho o silêncio do Novo Testamento a respeito deste assunto, e questiona que, se eles foram amantes apaixonados, como sugerem alguns textos apócrifos, por que não formalizaram sua relação? (PICKNETT, 2005, p. 88-89).

Horácio, no seu conhecido tratado a amigos intitulado *Arte Poética*, aconselha: “guarde cada gênero o lugar que lhe coube a assenta” (ARISTÓTELES et al, 1997, p. 57). Considerando que estamos no campo da ficção, a resposta às indagações acima levantadas não nos pertence.

Neste mesmo tratado Horácio ressalta que a literatura pode instruir ou deleitar, mas o melhor é combinar ambas as coisas. Para o autor, a “arte poética” se dá numa conspiração amistosa entre a instrução e o deleite:

Os poetas desejam ou ser úteis, ou deleitar, ou dizer coisas agradáveis e ao mesmo tempo proveitosas [...] Arrebata todos os sufrágios quem mistura o útil e o agradável, **deleitando e ao mesmo tempo instruindo o leitor** (ARISTÓTELES et al, 1997, p. 65).

Embora alguns leitores passem a conhecer quadros famosos de Leonardo da Vinci como *O Homem Vitruviano*, *A Madona das Rochas* e *Mona Lisa* a partir da leitura de *OCDV*, fica claro que o romance prefere o deleite, somente o deleite, ele descarta o equilíbrio proposto pela *Arte Poética* de Horácio.

OCDV, literatura de ficção, não tem a Teologia nem os dogmas da Igreja Católica como principal objetivo. No entanto, na perspectiva de Antônio Manzatto em *Teologia e Literatura*, a literatura de ficção revela uma forma de compreensão do humano, uma antropologia, nesse sentido a teologia tem a literatura como interlocutora privilegiada:

A ficção não é apenas um dado cultural, mas antropológico. Todas as culturas têm ou tiveram narrações fictícias, já que a ficção faz parte do mundo humano. Desenvolvendo-se no imaginário a ficção também é um lugar privilegiado, de descobertas e invenções, e também utopias (MANZATTO, 1994, p. 31).

A partir do casamento entre Jesus e Madalena sugerido por Dan Brown também é possível estabelecer o diálogo entre Bíblia e Literatura, demonstrando que o homem serve-se das manifestações literárias para atender ao mundo do sonho, dialogando com o texto bíblico e a partir dele com a vida. O ser humano necessita de algo mais que o mundo dogmático, constituído por verdades estabelecidas e inquestionáveis, o ser humano necessita do mundo da literatura.

É justamente o casamento de Jesus e Madalena proposto por esse mundo mágico da literatura que despertará toda a polêmica em torno do livro e também do filme lançado a partir do romance. No mesmo ano da publicação de *OCDV*, foram lançados cerca de 20 livros que receberam a narrativa de Brown. Esses livros serão analisados no próximo Capítulo sob a perspectiva do conceito de crítica literária, suas correntes e sua função.

OCDV é um código que reúne e que se constrói no universo de diversos outros códigos, ele está no *entre-lugar* da Bíblia, da teologia, da literatura, do entretenimento, de lendas medievais, do romance policial, e gera outros livros que tentam decodificá-lo, talvez porque o autor dialoga criativa e criticamente com “O Grande Código da Arte”.

OCDV evoca, invoca, provoca, possui um elemento mágico e sedutor, no entanto o romance seguramente não é teologia, é uma obra literária, ele faz parte do mundo da literatura.

2.2 O CONFLITO ENTRE O QUE É LITERATURA E O QUE É TEOLOGIA NA ABORDAGEM DE O CÓDIGO DA VINCI

“O CDV é quente, os críticos ainda mais”.

Manchete do *New York Daily News*

Edição de 04 set. 2003.

OCDV levantou um motim contra a hipótese do casamento entre Jesus e Madalena. No seu diálogo com a Bíblia e com o Jesus bíblico, a principal acusação a Dan Brown é a afirmação contida na sua narrativa: “Todas as descrições de obras de arte, arquitetura, documentos e rituais secretos neste romance correspondem rigorosamente à realidade” (BROWN, 2003, p. 9). Mesmo sendo uma obra ficcional, estes fatores atrelam-se a “teorias da

conspiração”³⁵ de tal modo que despertam toda a polêmica em torno do livro, e servem de prefácio para as inúmeras e diversificadas opiniões que surgiram em torno de sua trama.

O romance manteve-se durante seis meses entre os primeiros lugares na lista dos mais vendidos do *New York Times*; foi traduzido para mais de cinquenta línguas; vendeu milhões de cópias em todo o mundo; teve uma excelente campanha publicitária e um imenso sucesso mercadológico. Desde seu lançamento, em 2003, vem abrindo espaço para muitas matérias jornalísticas (incluindo um especial produzido pela *ABC News: Jesus, Mary and Da Vinci*), e seu roteiro foi vendido para *Hollywood*, que em 2006 lançou o filme *OCDV* com o título igual ao do livro.

Confirmando o sucesso, a narrativa inspirou muitos outros livros: uma edição especial ilustrada; o exemplar de um caderno de viagens incluindo um roteiro ilustrado; um livro sobre o filme - *Os Mistérios do Código da Vinci - As Verdades que o Filme Mostra*; uma biografia não-autorizada de Dan Brown; e aproximadamente 20 livros, não-ficcionais, que o comentaram.

A narrativa despertou tamanha polêmica em torno de sua trama que muitas pessoas, ao entrarem na livraria para comprar o romance, também comprem um ou mais desses mencionados livros que, em sua maioria, se oferecem como “decodificadores” de *OCDV*.

É impressionante como o sucesso de uma ficção causou o lançamento de muitos outros livros surgidos a partir do primeiro ano de sua edição, com a promessa, e talvez ainda, o desejo, de *separar fatos de ficção*.

Este Capítulo explora essa estrondosa onda de lançamentos, utilizando um *corpus* de 10 livros comentadores de *OCDV*, escolhidos aleatoriamente para evitar um direcionamento tendencioso da pesquisa. São eles: *A Fraude do Código da Vinci*; *A verdade por trás de O Código Da Vinci*; *As Chaves do Código da Vinci*; *Decifrando o Código da Vinci - Os Fatos Por Trás da Ficção*; *Decodificando Da Vinci: os fatos por trás da ficção de O Código Da Vinci*; *Desmascarando o Código da Vinci*; *Os Segredos do Código*; *Quebrando o Código da Vinci*; *Revelando o Código da Vinci*; *Rough Guide - O Código da Vinci*:

³⁵ Teoria da conspiração é uma teoria que supõe que um grupo de conspiradores está envolvido num plano e suprimiu a maior parte das provas desse mesmo plano e do seu envolvimento nele. O plano pode ser qualquer coisa, desde a manipulação de governos, economias ou sistemas legais até à ocultação de informações científicas importantes ou assassinato. No caso de *OCDV*, o principal plano é ocultar um segredo milenar da Igreja Católica: Jesus e Maria Madalena foram casados e tiveram filhos.

Disponível em: <<http://pessoas.hsw.uol.com.br/teorias-da-conspiracao.htm>>. Acesso em 20/05/07.

História. Personagens. Lugares. No anexo D deste trabalho apresentamos, por ordem alfabética, as capas dos 10 livros que são o *corpus* da presente pesquisa.

Analisando esse *corpus*, levantamos a hipótese de que, ao se aproximarem de *OCDV*, texto literário e de ficção, essas obras confundem o que é Teologia e o que é Literatura. Imersas nessa ótica, surgem perguntas como: há crítica literária sobre *O Código Da Vinci*? Como podem ser classificados os livros que acolheram a referida narrativa: são de crítica jornalística? Resenhas com finalidade crítica? Manuais explicativos? Ou são apenas livros caça-níqueis?

Antes de respondermos a essas perguntas, apresentamos as reações que os 10 livros expressaram ao *OCDV*. Dividimos os livros em duas categorias: os moderados, que apresentam suas reservas e defesas ao romance com um tom ponderado e sem partidarismo exacerbado; e os radicais, que com discurso cristão se ofendem com o romance e o atacam, o acusam, o condenam e frequentemente o comparam com a Bíblia.

2.2.1 Os moderados

No livro *A verdade por trás de O Código da Vinci: uma Resposta desafiadora à Ficção mais Vendida*³⁶, publicado em 2005, Richard Abanes³⁷ promete desvendar o que ele chama de bases turvas, para então desmascarar a aparente historicidade que o romance de Dan Brown assume:

O assunto é fato contra ficção. Verdade contra mentiras. Precisão contra imprecisão. Em outras palavras, *O Código da Vinci* ainda seria quase tão ofensivo se suas deturpações de fatos históricos fossem usadas para atacar o budismo, o islamismo ou qualquer religião do mundo em vez do cristianismo (ABANES, 2005, p. 107).

A contradição do título do livro dá margens para pensarmos que Abanes não entendeu que se trata de ficção, e discorrermos sobre o fato de que ele não deveria ter escrito nem o título e nem o livro.

O equívoco se fortalece a cada virada de página quando o autor contesta *OCDV* com a frase que dá título ao livro. Nota-se a obsessão do autor pela verdade, que, na sua voz, é

³⁶ Negrito nosso.

³⁷ Richard Abanes é escritor e jornalista. Em 1997 recebeu o *The Myers Center Award* pelo seu estudo de direitos humanos, reconhecido como um “excelente trabalho sobre a intolerância na América do Norte”. Entre seus mais de dez livros, está o *best-seller Harry Potter e a Bíblia*.

ferida pelo romance de Brown. Epígrafes que ressaltam o amor à verdade iniciam, terminam e são distribuídas por todo o livro.

Richard Abanes trata Brown como um dos recentes propagadores e advogados da conspiração da linhagem sagrada e afirma que ele não é confiável. Entre as frases que mais lemos no livro estão: “*OCDV* falha”; “*OCDV* erra”; “as falsas idéias de *OCDV*”. No entanto, o mais preocupante para Abanes é “[...] a apropriação indevida de algumas figuras centrais da igreja cristã com o intuito de validar sua teoria de conspiração: especificamente Maria Madalena e Jesus Cristo” (ABANES, 2005, p. 45).

Para Abanes a principal fraqueza do romance é a falta de precisão em questões fundamentais como a apresentação dos fatos históricos e de crenças religiosas como o cristianismo e o gnosticismo, e a interpretação de obras de arte. Segundo o autor, Dan Brown insulta a obra e a vida de Leonardo da Vinci: “[...] ninguém mais do que o homem que, se estivesse vivo hoje, sem dúvida, levantaria um enorme protesto contra a forma com a qual seu nome e obras têm sido usados impropriamente” (ABANES, 2005, p. 105).

Estando claro que *ODCV* pertence ao campo da literatura, e dado sua classificação de *romance*, qualquer separação de fato contra ficção, verdade contra mentira, precisão contra imprecisão, é equivocada e não se justifica.

Através do livro *As chaves do Código Da Vinci: A descendência secreta de Jesus e outros mistérios*, publicado em 2004, L. F. Bueno e M. F. Urresti³⁸ intencionam investigar, minuciosamente e sem partidarismo, as teorias nas quais Dan Brown se baseia para escrever seu romance; oferecem “as chaves” para que o leitor faça a distinção entre verdade e especulações.

Os autores elogiam a maneira inteligente com que Brown soube dosar as informações. Além disso, analisam várias contradições bíblicas, confirmam muitas coincidências que sustentariam *OCDV* e questionam as histórias que ao longo dos séculos vem sendo contadas sobre Jesus Cristo. Para assegurar que o Jesus que conhecemos teve uma “biografia adaptada ao seu papel de messias”, afirmam:

Um ser que nasceu para sofrer com os pecados da humanidade e cuja existência pode ter sido um pouco diferente do que narram as Sagradas Escrituras. Evidentemente são especulações, mas há um ditado que diz que onde há fumaça, há fogo, e, neste caso, há muita fumaça [...] (BUENO; URRESTI, 2004, p. 17).

³⁸ Lorenzo Fernández Bueno e Mariano Fernández Urresti são jornalistas e radialistas na Espanha.

O livro ainda expõe comentários sobre o romance, para demonstrar que ele despertou inflamadas polêmicas e sentimentos contraditórios: muitas críticas que tentam “desmentir” seus argumentos, e poucos elogios.

Ainda que concordem que o romance é um livro de ficção que mexe com referências religiosas de milhares de pessoas no mundo, os autores se contradizem quando tendem a defender *OCDV* e afirmam que Dan Brown tem razão ao duvidar da história que o Novo Testamento nos conta.

Bueno e Urresti apropriam-se de *OCDV* como pretexto para fazer análise e indagações sobre as contradições que a Igreja tem apresentado à profissão de fé, por conta de dúvidas, vacilações e lacunas deixadas pela Bíblia. É assim que, mesmo sutilmente, tratam o romance de Brown, não apenas como ficção, mas como um livro que questiona e comprova que a Igreja mentiu e impôs um pensamento único sobre Jesus.

Em *Decifrando O Código Da Vinci: os fatos por trás da ficção*³⁹, publicado em 2005, Simon Cox⁴⁰, separa e responde, literalmente de A a Z, o que há de verdadeiro e de ficção no romance. Longe de fazer apologia ou de condenar a narrativa, o autor se mantém imparcial ao longo de todo o livro.

Poderíamos caracterizá-lo apenas como manual explicativo que cumpre o objetivo ao qual se propõe na introdução: “Se você está em busca de um livro que condene Brown e o seu romance escolheu a literatura errada” (COX, 2005, p. 12). Se não fosse, é claro, a grande contradição: se é *romance*, a distinção de “verdadeiro” e “fictício” é descabida.

No livro *Os Segredos do Código*, Dan Burstein⁴¹ explica que se sentiu intelectualmente desafiado pelo *OCDV*; por qual motivo despertou tanto o interesse do público e por que é tão sintonizado com o espírito contemporâneo? Desejou saber o que era fato e o que era ficção na narrativa.

Seu livro é apresentado como um guia explicativo sobre as questões levantadas pelo romance e compila mais de sessenta artigos extraídos de livros, *sites*, ensaios e

³⁹ Negrito nosso.

⁴⁰ Simon Cox é editor-chefe da revista *Phenomena*, a qual se dedica a desafiar dogmas, ortodoxias e “meias verdades”, é o autor dos livros *O Código Da Vinci Descodificado* e *Anjos e Demônios Descodificado*. É um escritor que se dedica a investigar antigos mistérios da antiguidade.

⁴¹ Dan Burstein é um jornalista do *New York Times*, romancista e autor de livros sobre a revolução tecnológica digital e sobre os mistérios e as complexidades do futuro. Este é o seu primeiro livro cujo foco são os mistérios e as complexidades do passado.

entrevistas sobre os temas abordados em *OCDV*. Estes textos são variados: respondem a muitas perguntas a respeito do livro, apresentam erros, falhas e detalhes, elogios etc.

Para Burstein está claro que a obra é um romance, mas ele expõe que as idéias por trás de seus temas lhe parecem válidas e bem fundamentadas. E a respeito da questão “fato versus ficção” conclui:

Minha conclusão pessoal é de que o CDV é uma fascinante e bem elaborada obra de ficção, construída, do começo ao fim, com interessantes partículas de fatos pouco conhecidos e provocações estimulantes, mesmo que fortemente especulativas. Seu máximo valor se expressa quando lido como livros de idéias e metáforas – um caderno de notas ao estilo de Leonardo, que ajuda o leitor a refletir sobre sua própria filosofia, sua cosmologia, suas crenças religiosas e suas críticas (BURSTEIN, 2004, p. 24).

O autor não se compromete tanto, porque apresenta textos diversificados e de vários autores, porém, ao almejar conhecer o que é fato e o que é ficção na narrativa, e exibir textos com a intenção de debater este tema, acaba se equivocando tanto quanto os outros livros aos quais já nos referimos.

Em *Revelando o Código da Vinci* (2005), Martin Lunn⁴² garante que o livro foi feito para leitores que buscam a verdade, esteja ela onde estiver. Para isso o autor promete mostrar a verdade por trás da pesquisa de Brown, separando a realidade da ficção.

Ao fazer a separação proposta, Lunn não toma partido a favor ou contra *OCDV*, não faz ataques ao romance e utiliza tom bastante sutil e ponderado: “Dan Brown enfatiza com razão”; “ao contrário do que Dan Brown escreve”; “o autor de *O Código da Vinci* exercita sua licença poética e cria um objeto completamente imaginário” (LUNN, 2005).

Por um lado o autor se abstém de dar qualquer opinião comprometedora a respeito do romance, sequer apresenta uma conclusão de seu livro. Em contrapartida, Lunn forma opinião a respeito de aspectos da ficção de Brown, como quando Lunn concorda e explica que Jesus tenha sido casado.

2.2.2 Os radicais

No livro *A fraude do Código Da Vinci – toda a verdade sobre a ficção do momento*⁴³, o teólogo Ervwin Lutzer⁴⁴ propõe-se a alertar o leitor sobre as “inverdades”

⁴² Martin Lunn é Mestre em História; possui extensa base jornalística e é considerado um *expert* sobre a linhagem de Davi.

⁴³ Negrito nosso.

afirmadas por Dan Brown, a revelar a verdadeira história que existe no romance e ainda defende a historicidade do cristianismo e da pessoa de Jesus.

Nota-se na palavra “fraude”, expressa no título do livro, a tendência em confundir-se relato factual e ficção. Isso se comprova logo nas linhas iniciais, quando Lutzer começa a análise de *OCDV* procurando dar “respostas dignas” a questões sobre a vida de Jesus, sobre o gnosticismo, e sobre o Novo Testamento, e apresenta: “creio que sua fé será não apenas desafiada, mas fortalecida” (LUTZER, 2004, p. 21).

Na medida em que as páginas avançam, o teólogo é mais enfático ao afirmar que o romance comete as mesmas heresias do gnosticismo, que é preocupante, obsceno e que ataca a fé cristã, a Igreja e Jesus Cristo: “Tenha ou não lido *O Código Da Vinci*, acredito que você se beneficiará de uma resposta cristã aos ataques desferidos contra o Jesus histórico” (LUTZER, 2004, p. 23).

Entretanto, são nos últimos capítulos que o autor esquece a análise a que se propunha e, através de um discurso dogmático e teológico cristão, exalta o Cristianismo e propõe um encontro com Deus. Após desafiar o leitor incrédulo a provar que a Bíblia mente, ele juramenta: “**Se você, como eu, crê na Bíblia**, posso assegurar-lhe que não temos nada a temer com essas especulações subjetivas” (LUTZER, 2004, p. 109).

Desconsiderando totalmente que *OCDV* é um livro de ficção, Lutzer o trata como um ensinamento que concorre com o ensinamento religioso cristão, propõe que devemos confiar no Jesus da Bíblia e nas palavras de Deus, não no Jesus de *OCDV* e nas palavras de Brown: “Veremos o motivo por que alguns leitores de *O Código Da Vinci* preferiram seus ensinamentos ao cristianismo” (LUTZER, 2004, p. 127).

Com seu discurso cristão e ameaçador, o autor demoniza Dan Brown, trata-o quase como o “tentador” encarnado a desvirtuar os fiéis dos caminhos do cristianismo. E prega sua palavra, advertindo o leitor para que este não seja um pecador, para que não escolha a mentira, não creia no *OCDV* e sim na Bíblia.

Também por esse viés, em *Decodificando Da Vinci: os fatos por trás da ficção de O Código Da Vinci*⁴⁵, publicado em 2004, obra a qual também apresenta problemas contraditórios já no título, Amy Welborn⁴⁶ diz tê-lo escrito para ajudar os leitores a examinar

⁴⁴ Ervwin Lutzer é pastor titular da Moody Church (evangelistas e reformadores) em Chicago, Bacharel em Artes, Mestre em Teologia e Doutor em Direito.

⁴⁵ Negrito nosso.

⁴⁶ Amy Welborn é Mestre em História, colunista redatora do seminário católico *Our Sunday Visitor* e escreveu livros sobre orações e santos, além de guias para o estudo das Escrituras.

as questões interessantes de *OCDV*. A autora, contudo, é pouco tolerante com a ficção de Brown e não o considera como fonte digna de crédito, já que, para ela, as afirmações são “bizarras, estranhas e cheias de falhas” (WELBORN, 2004, p. 21). Nota-se aqui o equívoco de Welborn, pois, sendo ficção, o livro não tem que ser digno de crédito.

A autora pretende elaborar uma tarefa dantesca: cobrir parte da atividade teológica que diz respeito ao cânone e também à natureza humana e divina de Jesus, com o propósito de explorar a verdade por trás de *OCDV*. Igualmente, é intenção da autora esclarecer e corrigir os erros surpreendentes relacionados à religião, história e arte, e também rever ensinamentos cristãos desenvolvendo a compreensão das raízes históricas da autenticidade da fé cristã.

Nota-se a vasta pretensão de Welborn e também sua dificuldade de síntese. A autora parece desconsiderar que é extremamente impossível, num livro de 136 páginas, dar conta de escrever e esclarecer sobre todos esses tópicos que ela pretende abranger.

Welborn alerta os leitores sobre os evidentes erros de Brown e por esta razão diz que o livro deve ser lido apenas como “pura ficção”. Ainda sinaliza o perigo na quantidade assustadora de leitores que estão aceitando as teorias de Brown como realidade, e assevera: “[...] por querer ensinar história dentro da estrutura da ficção é que ele não é ‘apenas um romance’” (WELBORN, 2004, p. 24).

Já no primeiro capítulo a autora dá indícios de que o romance tende a ser concorrente da Bíblia, e a partir daí apregoa, todo o tempo, que devemos dar mais crédito ao Novo Testamento do que às alegações de *OCDV*. Ela convida o leitor a, ao invés de levar a sério as afirmações de Brown, buscar a verdade no Novo Testamento (WELBORN, 2004, p. 25).

No segundo capítulo, considerando a afirmação de Brown de que os primeiros cristãos não viam Jesus como divino, ela atinge seu limite em tratar o romance com um tom “ponderado”, passando então a “desmenti-lo”, usando para a narrativa frases e adjetivos como “profundamente errada com relação ao pensamento cristão sobre Jesus”; “sua visão histórica é leviana”; “nada de que Brown diz faz sentido”; “é bobagem”; “não é verdade” etc.

É no epílogo que ela reafirma a fé em Jesus e promove o encontro do leitor com Ele. Sua conclusão impõe que não devemos deixar que Dan Brown nos diga quem é Jesus e recomenda:

Está curioso com relação a Jesus? A verdade está tão perto quanto o livro que está na sua estante. E não, não é *O Código da Vinci*. **Não deixe que um romancista que está na moda instrua você nos caminhos da fé. Volte**

para o começo e dirija-se à fonte: pegue a Bíblia. Você pode ficar surpreso com o que vai encontrar. (WELBORN, 2004, p. 136).

Welborn termina seu livro com um sotaque religioso, catequizador, com tom mais oracular, mais parenético do que argumentativo, faz com que seu texto esteja mais próximo de sermão do que propriamente da crítica literária.

Os autores de *Desmascarando O Código Da Vinci*⁴⁷, publicado em 2004, separam e simbolizam cada capítulo do livro em “Arco Divino”. Garlow e Jones afirmam que o romance de Brown apagou tais arcos: “No seu convite ousado para a espiritualidade centrada na terra, *O Código Da Vinci* apaga mais um pedaço do Arco Divino”. (GARLOW; JONES, 2004, p. 158).

O livro se apresenta como a tão esperada resposta para as perguntas que possam estar incomodando os leitores e traz a proposta de *desmascarar* a “motivação oculta” de Brown, que é uma poderosa forma de propaganda religiosa: a espiritualidade da Nova Era.

Na voz dos autores Garlow e Jones⁴⁸, *OCDV* é um exemplo de paganismo clássico e Dan Brown é um dos novos influenciadores que minam o cristianismo bíblico e querem reescrever a história, compromissados apenas com “conjecturas religiosas neopagãs”: “Na sua essência *O Código Da Vinci* é uma redefinição radical de Deus como a força impessoal da natureza.” (GARLOW; JONES, 2004, p. 214).

Com o propósito cristão e discursos de fé, afirmam que Brown manipula a realidade e que por isso seu código é muito perigoso para a alma. São muitas as frases como “O que *O Código Da Vinci* tem a ver com a sua fé?”, “Brown barateia a experiência exuberante que Deus planejou para nós”, “existe uma guerra espiritual pela alma humana”.

Durante todo o livro é feito um estudo comparativo entre *OCDV* e a Bíblia. Já nas primeiras páginas há a sugestão de que devemos fazer a leitura do livro acompanhados de um exemplar de *OCDV* e de uma Bíblia. Está claro que o leitor está diante de uma escolha. A opção que deve ser tomada é óbvia, pois escolher *OCDV* é servir ao diabo:

Depois de sua conversão ao cristianismo, Bob Dylan cantou em outra música: Você terá de servir alguém, [...] pode ser o diabo ou pode ser o

⁴⁷ Negrito nosso.

⁴⁸ Jim Garlow é Ph.D. em teologia Histórica pela universidade de Drew, Mestre em Teologia, Mestre em Divindade, pastor titular da Skyline Wesleyan Church, em San Diego, Califórnia, e apresenta um programa chamado *A Perspectiva de Garlow* numa rede de aproximadamente 300 rádios em todo o país; Peter Jones é Ph.D. pelo Seminário Teológico de Princeton, Mestre em Teologia, Mestre em Divindade e Diretor de Testemunho Cristão para um Mundo Pagão, uma organização dedicada a equipar a igreja para levar as boas novas do Evangelho.

Senhor”. *O Código Da Vinci* e o livro que você está lendo agora mostram a escolha que cada pessoa tem de fazer. É a mesma escolha que Elias colocou diante do povo de Deus: “Até quando vocês vão oscilar para um lado e para o outro? Se o SENHOR é Deus, sigam-no “(1Reis 18.21). (GARLOW & JONES, 2004, p. 218).

Os autores almejam separar fatos de ficção para “desmascarar” *OCDV*. No entanto, contradizem-se ao criarem um novo gênero para o romance: “O livro de Brown não é nem fato nem ficção. É uma **fa-cção** – isto é, uma narrativa astuta que mistura fatos restritos com algumas afirmações grosseiramente exageradas” (GARLOW; JONES, 2004, p. 42).

Darrell L. Bock⁴⁹, autor de *Quebrando O Código Da Vinci: respostas às perguntas que todos estão fazendo*⁵⁰, publicado em 2004, considera preocupante o fato de Dan Brown afirmar que alguns fatos correspondem à realidade. Por esse motivo, ele considera *OCDV* um livro de ficção que é “**quase não-ficção**”, ou uma quase-ficção. Para ele, o romance estaria implantado num gênero próprio, por apresentar “confusa categoria de ficção histórica, onde a idéia é a de que, apesar de ser um romance, **a história é um fato**” (BOCK, 2004, p. 22).

A partir de oito capítulos, Bock intenciona desmascarar os fatos apresentados pela narrativa, ou melhor, “quebrar” os códigos do livro e diz que uma das razões de ter escrito o livro é “trazer à superfície o código por trás de *O Código Da Vinci*” (BOCK, 2004, p. 25).

Do primeiro ao quinto capítulo, o autor “desmente”, uma a uma, as “falsas afirmações” do romance, alegando que Brown mergulhou fundo na ficção e também na má pesquisa histórica.

As declarações de Bock são bastante contraditórias, pois, como ele mesmo afirma, o livro é uma ficção, e sendo assim, não existem falsas afirmações, tampouco má pesquisa histórica.

Para instituir o argumento central de seu livro, Bock assegura que Dan Brown seleciona os pedaços que mais interessam do gnosticismo e ignora todo o resto, e então adverte: “Aqui começamos a descobrir o verdadeiro segredo e código por trás de *O Código da Vinci*. **Não é nada mais do que um esforço consciente para obscurecer a singularidade e vitalidade da fé e mensagem cristãs**” (BOCK, 2004, p. 108).

⁴⁹ Darrell L. Bock é missionário da Igreja da Fraternidade de Trinity, no Texas, professor e pesquisador de estudos do *Novo Testamento* no seminário Teológico de Dallas, também atua como professor de cultura e desenvolvimento espiritual no Centro de Liderança Cristã e é presidente da Sociedade de Estudos Evangélicos.

⁵⁰ Negrito nosso.

É a partir do capítulo seis que se institui sua principal tese: Dan Brown advoga como partidário da teoria da Nova Escola, cuja perspectiva é de que houve uma distorção histórica no início do Cristianismo. *OCDV* intenciona destruir a “história mestra”, ou seja, a história definitiva de determinado assunto, apresentada pelos líderes da Igreja. Para o autor *O Código Da Vinci*:

[...] reflete ainda o esforço para redefinir uma das forças culturais mais importantes nas bases da civilização ocidental: a fé cristã. O livro alega expor como fato algo que realmente não está ali. Embora haja alguns pontos a serem considerados nesse estudo, a maior parte do que está na base deste **megacódigo** carece de fundamentação histórica. Ao quebrar *O Código da Vinci*, descobrimos que **há muito mais acontecendo aqui do que a simples criação de um romance de ficção**. Existe uma revisão do que foi e é o cristianismo. (BOCK, 2004, p. 162).

Já no capítulo sete, ainda que afirme que o livro deve ser apreciado como ficção e de entretenimento, o autor parece esquecer-se do que diz quando classifica o romance de apelativo, negligente, e que suas informações são irrelevantes. Ao concluir seu livro, quebra *OCDV* e institui o código de Jesus, que, segundo ele, é o verdadeiro código e “é algo em que vale a pena acreditar” (BOCK, 2004, p. 182).

Nessa mesma linha de raciocínio, em *Rough Guide - O Código da Vinci: História. Personagens. Lugares*, publicado em 2004, seus autores discutem as principais questões da ficção de Brown, no entanto oferecem seu livro como guia de viagem para os cenários que o romance apresenta. Ainda considerando *OCDV* como ficção, Michael e Verônica levantam as seguintes perguntas: Em que medida a mensagem da narrativa é verdadeira? Será que o livro se julga mais que ficção?

O fato de Brown garantir a seus leitores que suas pesquisas o levaram a acreditar nas verdades dos acontecimentos que narra, e o de que as alegações do romance misturam *thriller*, história e teologia, segundo os autores faz com que muitos leitores fiquem em dúvida entre o que é ficção e o que é realidade.

No decorrer das páginas os autores pretendem desvendar “a verdade histórica segundo Dan Brown”, desmentindo o autor e empregando termos como “a mentira é de Dan Brown”, “Dan Brown abusa gravemente dos evangelhos gnósticos”, “uma salada de bobagens históricas”, “Brown faz manipulações lingüísticas”, “torce um pouco a verdade para obter os resultados desejados” etc.

Michael e Verônica entram em contradição no momento em que, mesmo considerando o livro ficção, levantam perguntas a respeito da veracidade da mensagem da

narrativa. Além disso, talvez não sejam os leitores que ficam em dúvida sobre este aspecto, mas os pretensos críticos.

Eles também contestam as pressuposições de Brown, alegando que este erra rotineiramente no decorrer de todo o romance, e exibem os fatos “de modo correto”, fazendo com que alguns episódios do romance caiam por terra.

Os autores também se valem de muitas frases irônicas para esclarecer as alegações do romance, advertindo que não se deve usá-lo como guia turístico, por ele conter “becos sem saída e sérias anomalias”, de forma que Dan Brown, portanto, “não é alguém a quem possamos pedir orientação nas ruas”.

Evidencia-se que os livros aqui analisados têm interpretado mal *OCDV* sob quase todos os pontos de vista. Os moderados são mais condescendentes, mas sem deixar de confrontar fato *versus* ficção, verdade *versus* mentiras, precisão *versus* imprecisão; os radicais, compromissados com suas convicções religiosas, atacam, excomungam *OCDV* e seu autor com discurso dogmático, teológico-cristão, convidam, ou melhor, apelam à espiritualidade do leitor, colocando-o diante de uma escolha: a verdade, o bem, o fato (ou seja, a Bíblia), ou a encarnação do mal, a mentira, a “fa-cção” (ou seja, *OCDV*).

Dadas tais evidências, organizamos no Anexo E uma tabela intitulada *O tribunal de julgamento*, que mostra de forma mais sintética as principais acusações que o *corpus* analisado faz ao romance de Dan Brown.

OCDV foi intitulado pela maioria destes livros de romance *mentiroso* por conter fatos, informações sobre documentos, obras de arte, sobre a Igreja Católica, que não condizem com a verdade do mundo real. Embora a principal acusação seja relacionada à apresentação de muitos episódios e afirmações que dão a aparência de precisão factual, é provável que o incômodo do romance esteja centrado no fato de considerarem que Dan Brown, ainda em meio a construções meramente ficcionais, traz à tona hipóteses que põem em xeque o celibato de Jesus e a própria tradição do cristianismo.

Desde seu lançamento e, conseqüentemente, de seu sucesso de vendas, a narrativa em questão é alvo constante de pareceres desfavoráveis, vindos destes livros e, ao que parece, o romance de Brown não foi aprovado, uma vez que desconsideram que *OCDV* deve ser lido pelo que é: uma obra de ficção.

Para Ricardo Piglia, em *Crítica y Ficción* (1986), não existe um lugar próprio para ficção, visto que tudo pode ser fictício. A própria realidade está tecida de ficções. Piglia assegura que, embora a ficção trabalhe com a verdade, ela constrói um discurso que não é e não pretende ser verdadeiro nem falso. É nesse ponto intermediário, duvidoso, no qual se

cruzam *verdadeiro* e *falso*, que está todo o efeito e a própria definição da ficção. A partir dessa assertiva, podemos considerar que *OCDV* está situado nesse ponto intermediário, pois mesmo que algumas afirmações pareçam camuflar a natureza ficcional do livro, a ficção se anuncia. Ainda quando disfarçada, ela adverte que é disfarce.

A afirmação de que as descrições do romance correspondem à realidade de certa forma dão credibilidade a este, mas para isso o leitor tem de levar a sério o que está lendo, só então poderá ter suas convicções abaladas por algo que é literatura de entretenimento, de ficção.

A outra opção é que o leitor entre no jogo e entenda que um dos recursos de Dan Brown é brincar, jogar com a história e, desse modo, se esforça em apresentar tudo da maneira mais realista, ou melhor, mais verossímil possível. Antes mesmo da declaração da página 9 do livro, na qual afirma que todas as descrições do romance correspondem à realidade, Brown ainda tem um forte argumento, quando lemos na contracapa de *OCDV* a classificação: **romance, ficção**.

No *corpus* analisado, os autores dão por suposto que Brown quer denunciar algo ou alguém, e esquecem que, se é ficção, o livro não erra, não mente, não mascara, não doutrina. Isso demonstra como esses pretensos críticos lêem de maneira confusa os textos que resenham.

A pretensão crítica nos livros que debateram e/ou bateram em *OCDV* talvez se estabeleça porque, de forma sintética, quando se fala em crítica, das reações de críticos a livros, a tendência é pensar naquilo que jornalistas ou quaisquer outras pessoas que escrevem ensaios, artigos, resenhas, publicam na mídia especializada, discutindo, recriminando, censurando ou elogiando.

Etimologicamente a palavra *crítica* origina-se do grego *krinein*, que significa separar, discernir, quebrar, e de algum modo também influenciou na formação da palavra *crise*, ou seja, crítica é colocar algo em crise, colocar a obra em crise. Entretanto, assim como cada época tem a sua concepção de literatura, também tem a de *crítica literária*. Há mudanças inclusive no papel do crítico.

No livro *La crítica literária del siglo XX: 50 modelos y su aplicación*, Jaime Blume e Clemens Franken passam pelas escolas e autorias mais representativas do século XX, analisando as diferentes correntes que disputam o direito de dizer suas verdades e buscando demonstrar os princípios teóricos de cada uma delas, os métodos críticos derivados desses princípios, expondo exercícios de aplicação prática para ilustrar cada teoria apresentada.

Ao falarem sobre a função da crítica os autores explicam que seus principais compromissos com o texto literário são: “*captar* los distintos elementos que conforman; *comprender* lo que dichos elementos significan al interior del texto; *valorar* axiológicamente la obra como um todo” (BLUME; FRANKEN, 2006, p. 13-14).

Terry Eagleton, em seu livro *A função da crítica* (1991), em lugar de inventar uma nova função para a crítica, recorda que a função do crítico contemporâneo é o papel tradicional, ou seja, seu papel crucial é redescobrir de dentro das academias - lugar de sua legitimidade, seu centro vital - uma das suas funções tradicionais: quando a crítica não podia ser desvinculada da instituição da esfera pública⁵¹, e dialogava com a sociedade, com o leitor comum.

O autor levanta a questão de que a crítica atual perdeu toda a relevância social. “Ou faz parte do ramo de relações públicas da indústria literária, ou é uma questão interna às academias” (EAGLETON, 1991, p. 1). Eagleton ressalta que a crítica está em crise, e ela ainda existe, porque ou essa crise ainda não foi registrada com suficiente profundidade ou está sendo ignorada.

Ao falarmos da função da crítica, não temos a intenção de cobrir o seu infinito campo, tampouco extinguir qualquer possibilidade de crítica e sim proporcionar alguns caminhos que nos levem a refletir que, se a própria crítica está em crise e tenta validar-se a todo custo, é difícil definir se há crítica literária sobre *OCDV* e classificar os livros que recepcionaram a referida narrativa.

Ainda segundo Eagleton, um crítico só pode escrever com segurança enquanto a instituição crítica estiver acima de questionamentos. A partir daí surgem perguntas como: Qual o critério que o *corpus* analisado utiliza ao pretender criticar *OCDV*? Qual é o valor, a referência utilizada? É o critério do vale-tudo?

Para Roland Barthes, em *Ensaio Críticos* (1982), a crítica ocupa um lugar intermediário entre a leitura e a ciência. Enquanto a leitura deseja a obra, a crítica deseja a sua linguagem, sua escritura; enquanto a leitura é imediata, a crítica é mediatizada por uma linguagem intermediária, que é a escritura do crítico. A crítica é discurso sobre um discurso, uma metalinguagem, cuja tarefa é descobrir validades e não verdades. Enquanto o objeto da ciência da literatura é a pluralidade dos sentidos da obra, ou seja, o sentido vazio que suporta

⁵¹ Em seu livro *Função da Crítica*, (1991), Eagleton explica o conceito de “esfera pública” burguesa desenvolvido por Jürgen Habermas e apresenta que “abrange todo um domínio de instituições sociais – clubes, jornais, cafés, periódicos – nos quais os indivíduos se reúnem para o livre e equitativo intercâmbio de um discurso racional, consolidando-se, assim, em um corpo relativamente coeso, cujas deliberações podem assumir a forma de uma poderosa força política” (EAGLETON, 1991, p. 13).

todos os seus sentidos, a crítica literária dá sentido particular à obra. Enquanto a ciência trata dos sentidos, a crítica os produz, os duplica. Não o sentido da obra, mas o sentido daquilo que o crítico diz de tal obra, um sentido que se dá através da diferença e não por meio da repetição.

Ao escrever seu texto na década de 60, Barthes afirma que nos últimos anos a crítica pode ter caído no vazio, na tagarelice, na repetição daquilo que o texto já diz. Uma crítica feita somente de julgamento e que por esta razão não tem função na sociedade. No embate ao que é chamado de “velha crítica”, o escritor francês propõe uma nova crítica, distanciada de concepções políticas e de sentimentos de valor; nela impera uma semiose infinita, em que a proposta é fazer análise e não interpretação, e uma análise sempre circunscrita dentro do texto, numa correspondência sempre textual:

Tentar estabelecer a estrutura das obras literárias é uma empresa importante e alguns pesquisadores com isso se preocupam, segundo métodos, é verdade, dos quais a velha crítica não diz uma só palavra, o que é normal, já que ela pretende observar as estruturas sem no entanto fazer ‘estruturalismo’ (palavra que irrita e da qual é preciso ‘limpar’ a língua francesa). **É certo que a leitura de uma obra deve ser feita ao nível da obra.** Mas por um lado não se sabe como, uma vez postas as formas, se poderia evitar de encontrar os conteúdos, que vêm da história ou da *psique*, em resumo, aqueles ‘alhores’ que a antiga crítica recusa a todo preço; por outro lado, a análise estrutural das obras custa muito mais caro do que se imagina, pois, exceto se se tagarelar amavelmente em torno do plano da obra, ela só pode ser feita em função de modelos lógicos: de fato, **a especificidade da literatura só pode ser postulada no interior de uma teoria geral dos signos:** para ter o direito de defender uma leitura imanente da obra, é preciso saber o que é a lógica, a história, a psicanálise; em suma, para devolver a obra à literatura, é necessário precisamente sair dela e pedir auxílio a uma outra cultura antropológica. (BARTHES, 1982, p. 204).

Segundo Barthes a velha crítica não contradiz o que vem da tradição, da opinião corrente, onde objetividade, gosto e clareza são necessários ao se falar de um livro, levando esta fala a cair numa fala nula, tagarelice ou silêncio, existindo assim regras que ditam um verossímil crítico⁵². O termo “verossímil crítico” acaba por contradizer a “verdade” buscada pela velha crítica e reafirma o pensamento de Barthes de que o trabalho da crítica não é encontrar “verdades”, mas apenas “validades”, o que corresponderia a uma verdade da linguagem, de uma linguagem possível, uma semiose.

Observa-se que há uma pretensão crítica nos livros que comentaram *OCDV*, porém não há crítica. Pelo menos não a semiológica, de uma análise inscrita no texto, numa

⁵² Segundo Aristóteles, o verossímil crítico corresponde ao que o público acredita possível e que pode ser bem diferente do real histórico ou do possível científico.

correspondência sempre textual, problemas sempre de literatura, mas a pretensão da crítica historicista, tagarela, que repete aquilo que o texto já diz, a crítica do vale-tudo, crítica que se propõe à interpretação, a relacionar verdade e mentira, a Bíblia e *OCDV*, Deus e Brown, Teologia e Literatura.

Na própria etimologia da palavra e no sentido barthesiano, crítica é pôr em crise, e não julgar. As duas categorias analisadas, com pretensão crítica, o que mais fazem é julgar, não buscam validades, pelo contrário: apresentam-se obcecadas pela *verdade*, segundo eles *ferida* pelo romance. Tanto os moderados quanto os radicais confirmam a hipótese desta Pesquisa, de que os livros “debatedores” de *OCDV* confundem o que é Teologia e Literatura nesse romance, já que muitas vezes o compreendem como uma proposta teológica *quando* deveriam compreendê-lo como uma obra ficcional.

As avaliações, subjetivas, não apresentam descrição de aspectos objetivos que dêem sustentação a seus argumentos. Apropriam-se de *OCDV* sob pretexto de explicar, decodificar, desmascarar, advertir, dar autos-de-fé, quebrar o romance, querem a todo custo expor Dan Brown ao descrédito. De forma amadorística, a maioria dos autores analisa fato e ficção em pé de igualdade e reflete apenas uma opinião, um gosto pessoal, uma convicção religiosa, ou o desejo de, na esteira de seu sucesso, na cauda de seu cometa, obter um lucro sórdido, quando diz qualquer coisa para conquistar sua fatia no mercado.

3 Terceiro Código: O Código do leitor

*“Que fique claro! O Código da Vinci é um romance,
e como tal teria direito de inventar o que quisesse.
Além disso, é escrito com habilidade e o lemos
de um só fôlego. Nem é grave que o autor de início
diga que o que nos conta é verdade histórica. Só faltava essa!
O leitor profissional está acostumado a esses apelos
narrativos à verdade, fazem parte do jogo ficcional”.*

Umberto Eco

Acreditando que o discurso literário também se constitui por um processo receptivo, analisaremos neste Código (Capítulo) as atividades desencadeadas pelo leitor de *OCDV*. Este Código é dividido em dois focos, os quais nos remetem à recepção dos leitores: o primeiro analisa como a grande imprensa (jornais, revistas e *sites*) recebeu a narrativa em questão; o segundo propõe uma dinâmica entre romance e as atividades desencadeadas pelo seu leitor sob o prisma da Estética da Recepção, cujos principais teóricos são Roman Ingarden, Stanley Fish, Wolfgang Iser, Umberto Eco e Hans Robert Jauss⁵³.

Eagleton fundamenta que um dos problemas que nunca deixaram de atormentar a moderna teoria literária pode ser sintetizado na seguinte pergunta: Qual o sentido de um texto literário? O autor explica que diferentemente do que ocorria quando a palavra hermenêutica limitava-se à interpretação da Bíblia, a mais recente manifestação da hermenêutica é conhecida como a estética da recepção (EAGLETON, 2006, p. 101).

A Estética ou Teoria da Recepção parece responder à pergunta de Eagleton quando Jauss, em seu artigo *A Estética da Recepção: Colocações Gerais*, publicado em 1979, considera que todo texto literário, no momento de ser lido, incorpora o significado que o leitor

⁵³ Algumas das principais obras dos teóricos relacionadas à estética da recepção são: *A Obra de Arte Literária* (1931), de Roman Ingarden; *Is there a text in this class? The authority interpretive communities*, (1980), de Stanley Fish; *O Leitor Implícito* (1972) e *O ato da leitura. Teoria do efeito estético* (1976), de Wolfgang Iser; O artigo *A Interação do Texto com o Leitor*, compilado no livro *A literatura e o leitor. Textos de Estética da Recepção* (1979), organizado por Luis Carlos Lima; *Obra aberta. Forma e indeterminação nas poéticas contemporâneas* (1988), de Umberto Eco; e *A história da literatura como provocação à teoria literária* (1967); *Pequena apologia da experiência estética* (1972); *O leitor como instância de uma nova história da literatura* (1975); *Experiência— estética y hermenêutica literária* (1986), de Hans Robert Jauss. Além dessas obras, consideramos também como fundamentais os artigos *O prazer estético e as Experiências Fundamentais da Poesis, Arethesis e Katharsis* e *A Estética da Recepção: Colocações Gerais*, ambos também de Jauss e publicados na compilação de Luiz Costa Lima de 1979.

lhe atribui. A estética da recepção, segundo seus teóricos, examina o papel do leitor na literatura e considera que o leitor “concretiza” a obra literária, ou seja, o sujeito receptor é intérprete receptor e intérprete hermenêutico do texto, e sem a sua constante participação não haverá obra literária.

3.1 A RECEPÇÃO DA GRANDE IMPRENSA: JORNAIS, REVISTAS E SITES

*“A interpretação da Bíblia pode
converter-se num instrumento do anticristo
se feita de forma equivocada.”*
Papa Bento XVI, ao falar sobre *OCDV*⁵⁴.

Poucos livros e escritores atingiram tanto sucesso junto ao público como *OCDV* e Dan Brown. Além da prontidão intelectual que causou (veja-se o lançamento de muitos livros relacionados ao romance, à religião, arte, lendas, roteiros de viagem, biografias etc.), *OCDV* inflamou um grande debate nos meios de comunicação social: revistas, sites, jornais, entrevistas, debates e programas de televisão. Para comprovar o ruído ensurdecador causado pelo romance, apresentamos uma prévia do que os jornais do mundo todo comentaram sobre ele:

The Times, Londres, 21/06/03: Este livro é, sem dúvida, o mais imbecil, inexato, mal informado, estereotipado, e enlatado exemplo de *pulp fiction* que já li.

Catholic News Service, 06/06/03: Brown mistura fatos reais com especulação e fantasia de tal forma que o resultado final tem uma aura de historicidade. Para um escritor, essa é uma habilidade de grande valor. Mas, como qualquer habilidade, pode ser utilizada para um fim desonesto. Em *O Código Da Vinci*, é utilizado para questionar os fundamentos da fé cristã e para atacar a Igreja no formato romance, no qual normalmente não se espera encontrar uma trama fantasiada de verdade histórica.

El Mundo, 16/12/04: Um livro oportunista e pueril.

People Magazine, 20/08/04: Um novo mestre de suspense inteligente. Uma aventura empolgante e instigante.

El País, Espanha, 20/04/04: O maior fiasco que este leitor teve entre as mãos desde as novelas de quiosque dos anos setenta.

⁵⁴ Observa-se como o Papa, ao apresentar seu livro *Jesus* aos jornalistas no dia 13 de abril de 2007, na cidade do Vaticano, faz clara alusão a *OCDV*.

Pittsburgh Post Gazette, 28/08/03: *O Código Da Vinci* é inexato mesmo quanto aos detalhes [...] os fiéis do Opus Dei não são monges, nem usam hábito.

The York Daily, 04/09/03: Os seus erros crassos só não deixam indignado o leitor que conheça pouco o assunto (BERNE, 2005, p. 32-33).

Como são inúmeras e diversificadas as opiniões que surgiram em torno de *OCDV* há a necessidade de selecionar os textos antes de apresentarmos as reações que estes expressaram sobre o livro. Com a intenção de se desviar de um encaminhamento intencional da pesquisa, a metodologia utilizada será optar aleatoriamente pelos textos noticiados na mídia proposta: jornais, revistas e *sites*.

3.1.1 Jornais

Os jornais eleitos foram *A Notícia*, *Diário Catarinense* e *Folha de São Paulo*, que trazem notícias, artigos, reportagens e capas relacionadas ao romance de Dan Brown. Resulta indispensável registrar que, só na *Folha de São Paulo*, foram publicadas, em média, 100 reportagens relacionadas a *OCDV*. Não teríamos como comentar todas, por esta razão foram selecionados, de maneira aleatória, dois artigos de cada jornal.

Na edição do jornal *A Notícia* do dia 25 de maio de 2006 há uma matéria de Artur Xexéo dirigida ao filme *OCDV* intitulada *Um filme de mistério sem mistério algum*.⁵⁵ O título sugere que a ênfase da reportagem é o filme, mas na verdade o destaque é a relação e/ou comparação entre o filme e o livro.

Xexéo, através do jornal *A Notícia*, sugere duas hipóteses para que a edição filmada de *OCDV*, que prometia ser empolgante, acabasse frustrando alguns telespectadores pelo fato de que, mesmo sendo um filme de mistério, toda a platéia já sabia o que iria acontecer na cena seguinte.

A primeira hipótese é a de que, ao contrário do que afirmava grande parte da imprensa, a estrutura do romance não é tão cinematográfica assim; a segunda, considerada pelo jornal mais relevante, é a de que quase todo o mundo já leu *OCDV*, e em um tom divertido, garante: “Pesquisas recentes constataram que, num canto remoto das Ilhas Galápagos, mora uma moça que não leu *O Código Da Vinci*, de Dan Brown” (XEXÉO, 2006, p. 5).

⁵⁵ Matéria também disponível em: <<http://www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos.asp?cod=382ASP016>>. Acesso em: 28 ago. 2007. Aqui reproduzimos o endereço eletrônico do *site* Observatório de Imprensa, pois a matéria, publicada pelo jornal *A Notícia* em meio impresso, em meio eletrônico não foi encontrada.

Uma das justificativas para confirmar a sua segunda hipótese como a mais provável é porque, segundo o articulista, no livro o leitor participa da trama de maneira mais efetiva, por exemplo, o leitor pode procurar uma tela de *A Última Ceia* para compará-la com a do romance, fato o qual Xexéo considera não ocorrer para com o filme.

Em outra edição do jornal *A Notícia* (22 de maio de 2006), a escritora Suzana Mafra, Mestre em Literatura pela UFSC e poetisa, diz que soube de última hora que seria cronista do caderno de cultura, e na sua carta de apresentação aos leitores não teve dúvidas ao escolher o tema que interessasse a todos, cujo título da crônica já anuncia: *O Código da Vinci*⁵⁶.

Ao perguntar-se sobre o que há de tão espetacular no romance, após afirmar que é uma leitura quase delirante, e que despertou em pessoas que nunca leram o interesse de ler o livro, a autora da reportagem se conforma que essa “febre” em ler *OCDV* não atinge só o Brasil: “sofremos do mesmo descabro do resto do mundo: gostamos de leituras fáceis e descartáveis” (MAFRA, 2006, p. 8).

A reportagem dessa edição de *A Notícia* ainda realça que livros como esses não servem de referência e padrão de qualidade, apesar de servirem para que alguns escritores consigam viver da literatura, enriquecer e ganhar fama. Nesse sentido, a articulista assim se posiciona sobre o sucesso de Brown:

Arrisco dizer, apenas um ponto de vista, que o sucesso de Dan Brown é resultado do insucesso do homem em relação ao conhecimento de sua própria cultura. **Ora, ficou muito fácil ludibriar e ser brilhante nos dias de hoje** (MAFRA, 2006, p. 8, negrito nosso).

Na edição do segundo jornal analisado, *Diário Catarinense*⁵⁷, do dia 16 de maio de 2006, encontramos o seguinte título de matéria na seção de cultura: *A culpa masculina em O Código Da Vinci*. O texto, escrito por Diana Lichtenstein Corso, considera que o sucesso do livro está no seu discurso “pró-mulheres”: “Considerando que a igualdade entre os sexos é uma conquista recente, ainda confusa e mal distribuída no planeta, o livro de Brown tenta redimir a culpa histórica por séculos de discriminação” (CORSO, 2006, p. 6).

Tal reportagem tem um tom irônico e enfatiza que, mesmo levantando a bandeira feminina através de um discurso retroativo que confere às mulheres, o livro em nada contribui

⁵⁶ Disponível em: <<http://www.an.com.br/2006/mai/22/0ane.jsp>>. Acesso em: 28 ago. 2007.

⁵⁷ As matérias aqui trabalhadas encontram-se organizadas no *Anexo F – Reportagens do jornal Diário Catarinense*.

para que as mulheres tenham um papel mais relevante na história: **“É o velho expediente de mudar as coisas para que elas permaneçam como estão.** É como se dissessem: ‘Fique quietinha, sendo objeto de culto, que do teu prestígio cuidamos nós, os homens’” (CORSO, 2006, p. 6, negrito nosso).

A capa da seção de variedades *DONNA DC*, do *Diário Catarinense* de 19 de dezembro de 2004, traz como título *“A outra face”*; a matéria fala sobre *OCDV* como um livro que, através de sua polêmica, intensificou muito o interesse sobre Jesus. A repórter Tatiana Beltrão sublinha que o romance é contestado por religiosos e até por ateus, porque “a obra mistura pura ficção e suposições fantasiosas a teses tidas como sérias, baseadas em pesquisas históricas e arqueológicas e que vêm sendo empreendidas há tempos [...]” (BELTRÃO, 2004, p. 9).

Nessa mesma reportagem, João Lupi, professor do Departamento de Filosofia da UFSC, considera que, apesar de as pessoas estarem se afastando da religião oficial, o interesse pela religiosidade continua. O frade franciscano Jacir de Freitas Faria também reitera, ainda nesta mesma reportagem, que a busca pela verdade, ou por uma “outra face” de Jesus, distinta da que está na Bíblia, pode ser positiva para encontrar novas formas de se viver o cristianismo.

A matéria segue com o subtítulo *Discórdia que gera lucro*, e enfoca que a confusão causada pelo *OCDV* inspirou e serviu de pretexto para muitos historiadores e teólogos publicarem livros relacionados ao romance. Além disso, outros títulos relacionados à vida de Jesus voltaram às prateleiras em tiragens altas.

No subtítulo seguinte, *Busca por vários caminhos*, o escritor Roméro da Costa Machado, que se diz interessado por assuntos relacionados a Jesus, acredita que a discussão em torno de *OCDV* é positiva para que o mundo conheça Jesus, entretanto, num trecho de seu comentário, ao falar sobre Dan Brown acusa: “o norte-americano fez um desserviço ao misturar hipóteses sérias à fantasia. **Meias-verdades são piores do que mentiras**” (BELTRÃO, 2004, p. 10, negrito nosso).

Ainda nessa reportagem, Dom Murilo Krieger, arcebispo de Florianópolis, considerado a maior autoridade católica de Santa Catarina, acredita que, mesmo que a polêmica em torno de *OCDV* desperte o interesse das pessoas, estas o procurarão no caminho errado, pois algumas pessoas aproveitam ocasiões polêmicas como esta para propagar sua tese anti-Cristo, e opina que “Jesus Cristo precisa da verdade. **E a verdade sobre ele está no Evangelho. Cristo não precisa de propaganda.** Precisa e quer ter seguidores, que o aceitem como ele é, não como gostariam que ele fosse” (BELTRÃO, 2004, p. 10, negrito nosso).

No jornal *Folha de São Paulo* do dia 27 de junho de 2004 foram publicados dois artigos⁵⁸ que prometem discutir o *best-seller* mundial de Dan Brown. O primeiro artigo, intitulado *Decifrando O Código Da Vinci*, destaca o espaço entre ficção e os fatos históricos e reais citados no romance, afirmando que vários pontos do enredo são falsos, inverossímeis, e outros se encaixam muito bem.

Jean Galard, autor desse artigo, parece discernir muito bem que, em se tratando de uma ficção, “provocar a dúvida a todo momento” é uma grande habilidade e estratégia de Dan Brown, mas ainda assim adverte que, talvez, aí esteja o perigo desse livro: “Segundo o humor do leitor e também segundo sua fé eventual, o equívoco pode parecer divertido ou escandaloso, e, o autor, **admiravelmente hábil ou diabolicamente perverso**” (GALARD, 2004, p. 14, negrito nosso).

Fabio Herrmann, autor do segundo artigo, também intitulado *Decifrando O Código Da Vinci*, explica a trama do romance e considera *OCDV* um livro superficial, simpático, divertido, sem pretensão literária e, sobretudo, aprecia a boa vontade de Dan Brown a favor da causa feminista, e afirma que “ele convida, de fato, a sonhar com o que poderia ter sido a história dos últimos 20 séculos se o cristianismo tivesse concebido de outra forma o papel e o estatuto das mulheres” (HERRMANN, 2004, p. 15).

Esse artigo relaciona *OCDV* com a realidade social de hoje, por exemplo as armas de destruição em massa que George W. Bush (atual presidente norte-americano) procurava no Iraque. O autor do texto acredita que o romance pode nos informar sobre isso não como reflexão, mas como sintoma da realidade, ou melhor, da cegueira em que vivemos. Para ele, o que está em jogo em *OCDV* é o “rebaixamento do mistério a enigma”, e uma vez que enigmas têm solução e mistérios não “dir-se-ia que nos cansamos de lutar contra sermos enganados e passamos a desejar o engano, a querer dele participar ativamente [...] versão contemporânea do “Cego Guiando Outros Cegos”, do velho Brueghel” (HERRMANN, 2004, p. 15).

Através do jornal *Folha de São Paulo*, o autor aproveita-se de um tema polêmico para fazer uma crítica social, e afirma que *OCDV* desvenda alguma dimensão da realidade, mas sem dramatizar. Mesmo que o romance não nos faça refletir, ele informa acerca do mundo em que vivemos.

A análise dos jornais apresentada até aqui nos permite dividi-los entre os que consideram *OCDV* uma ficção e os que não conseguem fazer essa distinção. Nos artigos do

⁵⁸ O primeiro e o segundo artigos estão disponíveis respectivamente em:
<<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs2706200409.htm>> e
<<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs2706200410.htm>>. Acesso em: 28 ago. 2007.

jornal *A Notícia*, por exemplo, embora ambos os autores opinem sobre *OCDV*, percebe-se uma diferença: enquanto um faz comparações entre livro e filme dentro da perspectiva do leitor/expectador, outro, mesmo reconhecendo que o livro despertou o interesse pela leitura, considera o romance como descartável, “subliteratura”.

Já os autores das matérias do jornal *Diário Catarinense*, mesmo quando não se comprometem em opinar sobre *OCDV*, apresentam alguns depoimentos em que se considera o romance como uma tentativa frustrada de mudar a história das mulheres ou como concorrente do Evangelho, e Dan Brown é tido como um mentiroso e/ou anticristo.

Nos artigos do jornal *Folha de São Paulo*, discute-se *OCDV* enquanto livro de ficção e sem balizar o que há de verdadeiro ou falso. Sem conferir responsabilidade ou perigo ao livro, há o alerta de que os leitores é que devem discernir que a trama apresentada é ficção.

3.1.2 Revistas

Para análise em revistas, optou-se por artigos que propõem ou ressaltam títulos e/ou subtítulos relacionados a *OCDV* publicados em revistas de editoras diferentes e de grande circulação nacional, por esta razão as reportagens selecionadas foram extraídas das revistas *Época* (Editora Globo), *Isto É* (Editora Três) e *Veja* (Editora Abril).

Época, primeira revista analisada, na edição de 05 de abril de 2004, na sessão *Cultura – Livros* traz a matéria *A charada do sucesso*⁵⁹. Beatriz Velloso, autora da reportagem, alega que a trama é irresistível e que *OCDV* “é um Harry Potter para marmanjos”. Ela também considera o romance um ótimo suspense:

Num mercado farto em *best-sellers* medíocres como o americano, o romance de Dan Brown corre o risco de ser enquadrado na mesma categoria. **Não merece. O Código Da Vinci está longe de ser alta literatura, e estilo não é o forte do autor. Mas a trama é irresistível** (VELLOSO, 2004, negrito nosso).

A matéria relata o fato de que, mesmo sendo uma obra de ficção, Brown comprou briga com católicos ao pôr em xeque os dois mil anos do cristianismo. Fato intensificado pelo fato de o autor não esclarecer o que é verdade e o que é ficção e não dar entrevistas: “Alguns padres sugeriram um boicote ao livro, a Opus Dei publicou uma crítica severa em seu *site* na

⁵⁹ Disponível em: <<http://revistaepoca.globo.com/Epoca/0,6993,EPT708553-1661,00.html>>. Acesso em: 28 ago. 2007.

internet e o arcebispo de Chicago, cardeal Francis George, declarou que o romance ‘pode enfraquecer a fé das pessoas’” (VELLOSO, 2004).

A edição de 20 de dezembro de 2004 da revista *Época* traz a capa *A Polêmica Do Código Da Vinci*⁶⁰. A reportagem está localizada na seção sobre religião. No início do texto, os autores Federico Mengozzi e Ivan Padilla apenas explicam a opinião de historiadores e teólogos sobre a relação mais debatida do cristianismo: Jesus e Madalena.

Em seguida, são feitas comparações entre o que se sabe através da tradição popular e o Jesus histórico. Num segundo momento, a comparação se dá entre o que *OCDV* afirma e o que se sabe sobre o Jesus histórico. Podemos citar um exemplo:

O Código Da Vinci - Jesus e Maria Madalena foram casados e tiveram uma filha, Sara. Perseguidas, elas teriam fugido para a França e dado origem à dinastia merovíngia.

Jesus histórico – Os Evangelhos nada dizem. Não há evidências nesse sentido (MENGOZZI; PADILLA, 2004, p. 105).

Apesar de fazer algumas comparações entre a vida bíblica de Jesus e principalmente de Madalena com *OCDV*, a reportagem discute o papel de Madalena no livro, sem atacar o romance. Ressalta que livros como *OCDV* trazem o surgimento de Madalena, seu resgate, em igualdade de importância com os demais apóstolos, inclusive em relação ao ordenamento para as mulheres, e esta, segundo *Época*, talvez seja a maior ameaça que o livro representa à Igreja Católica.

Na seção *Livros* de 14 de novembro de 2005 de *Época*, há a matéria *Clone de si mesmo*⁶¹, onde a autora Beatriz Velloso considera que os romances do autor são repetitivos, quando comparados uns aos outros, deixando uma “inevitável sensação de **autoplágio**”, e afirma que Dan Brown, em seu outro romance, *Ponto de Impacto*, repete a receita milionária de *OCDV*: “capítulos curtos, linguagem fácil, suspense para prender o leitor e **personagens rasos como um pires**. Ficção misturada a fatos reais” (VELLOSO, 2005, negrito nosso).

A parte dedicada a *Livros* da edição de 13 de março de 2006, escrita por Nelito Fernandes, intitula-se *Ele derrubou O Código Da Vinci*⁶² e conta como o livro *O Caçador de*

⁶⁰ Disponível em: <<http://revistaepoca.globo.com/Epoca/0,6993,EPT879889-1653,00.html>>. Acesso em: 28 ago. 2007. A Figura 15 do anexo G (ver página 139) apresenta a capa dessa edição da revista.

⁶¹ Disponível em: <<http://revistaepoca.globo.com/Epoca/0,,EPT1069972-1661,00.html>>. Acesso em: 28 ago. 2007.

⁶² Disponível em: <<http://revistaepoca.globo.com/Epoca/0,,EPT1153003-1661,00.html>>. Acesso em: 28 ago. 2007.

Pipas (2003), de Khaled Rosseini, conseguiu, logo na estréia, ultrapassar o “fenômeno de Dan Brown” e se tornar o mais vendido no Brasil. Esta reportagem é seguida por *Dan Brown plagiou?*, que relata sobre o processo de plágio apresentado na Inglaterra contra a editora Random House, publicadora de *OCDV*.

Num outro exemplar da revista *Época*, de 01 de maio de 2006, o sucesso do livro ganha a capa e é atribuído ao seu fundamental elemento: religião⁶³. A matéria, intitulada *O filme mais polêmico do ano*, também de Beatriz Velloso, assegura que o filme será alvo, em proporções muito maiores, dos protestos inflamados já dirigidos contra o livro. Embora a reportagem seja mais direcionada ao lançamento do filme, ela está extremamente relacionada ao livro. *Época* responde, em alternativas de falso (F) e verdadeiro (V), questões sobre o Opus Dei, “espremendo os erros e deslizos de Brown”. Além disso, reproduz depoimentos como o do professor e teólogo Pedro Lima Vasconcelos: “[...] o romance de Brown é menos uma agressão aos princípios católicos que à inteligência de qualquer fiel bem informado. **É um queijo suíço, está repleto de erros**” (VASCONCELOS apud VELLOSO, 2006, p. 118, negrito nosso).

A articulista considera mirabolantes as teorias de Dan Brown, explica as quatro obras famosas de Da Vinci e parece querer pôr fogo ao debate envolvendo a Igreja, o Opus Dei e a história de Jesus. Sobre as vendas do livro e sua edição filmada, ela afirma: “Dan Brown. É ele quem traz, estampado no rosto, um sorriso de fazer inveja a *Monalisa*” (Idem, p. 121).

Isto É, segunda revista analisada, traz na seção *Comportamento* da edição de 20 de outubro de 2004 a matéria *Suspense Turístico*⁶⁴, que comenta como *OCDV* inspira roteiros turísticos baseados na trama.

A autora, Dolores Orosco, destaca o fato de o pároco da igreja de Saint-Sulpice ficar tão irritado com o número de turistas perguntando sobre assuntos ficcionais a ponto de colocar uma placa enorme na frente da igreja dizendo que não fala sobre o assunto. Orosco afirma que, mesmo que os dirigentes do Louvre não concordem que um museu tradicional comente obras ficcionais, os passeios existem e custam caro: “o livro vitaminou o turismo no Museu do Louvre e em outros pontos de Paris” (OROSCO, 2004).

⁶³ Disponível em: <<http://revistaepoca.globo.com/Epoca/0%2C6993%2CEPT1186855-1653%2C00.html>>. Acesso em: 28 ago. 2007. A Figura 16 do anexo G (ver página 139) apresenta a capa dessa edição da revista.

⁶⁴ Disponível em: <http://www.terra.com.br/istoe/1828/comportamento/1828_suspense_turistico.htm>. Acesso em: 24 out. 2007.

Luiza Pastor, redatora da reportagem *Código de pé quebrado*⁶⁵ na edição de *Isto É* de 06 de abril de 2005, ressalta que *Fortaleza digital* perde de longe para *OCDV*, dada sua linguagem difícil: “O jeito para o leitor leigo é pular as partes incompreensíveis e ler o resto – **até porque, no final das contas, não faz a menor diferença**” (PASTOR, 2005).

Pastor ainda ressalta que, mesmo vivendo sob pressão de seus editores e da mídia em geral para lançar um novo sucesso, Dan Brown não conseguiu fazer nada de novo desde “as teorias esdrúxulas” de *OCDV*.

Na seção *Livros* de *Isto É* de 23 de novembro de 2005, Luiz Chagas publica *Código igual*⁶⁶. A matéria é relacionada a *Ponto de impacto*, terceiro livro de Dan Brown, e enfatiza a fórmula “igual” com que Dan Brown escreve seus romances.

Sob o título *O caminho do Código: os lugares onde se passa a história*⁶⁷, Ivan Claudio publica o artigo em *Artes e Espetáculos – Cinema*, na edição de *Isto É* de 17 de maio de 2006. A matéria traz o filme *OCDV* como o *thriller* histórico-teológico mais aguardado do ano.

Embora a reportagem seja sobre o filme, é inevitável a relação com o livro. O autor admite a irrelevância de discutir sobre se o filme é ou não uma boa adaptação do romance, e ressalta o sucesso estrondoso do livro: “O editor Geraldo Jordão Pereira, da Sextante, que teve a sorte de comprar os direitos de publicação do livro por US\$ 12 mil, espera que a estréia do filme dê uma nova alavancada nas vendas” (CLAUDIO, 2006).

A matéria de Claudio comenta ainda: a ameaça da Organização Nacional pelo Albinismo e Hipopigmentação (NOAH) de fazer manifestações nas portas dos cinemas por conta do personagem Silas; a estratégia adotada pelo Opus Dei, apelidada de Operação Limonada, que em síntese se nega a fazer *marketing* do filme; a preocupação da Igreja com a mensagem negativa e herética do filme; e comentários do professor de teologia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Fernando Altemeyer, sobre não levar Dan Brown muito a sério, pois “ele [Brown] está a milhões de anos-luz da seriedade teológica. O seu Jesus não tem nada a ver com o de Nazaré, o seu Opus Dei não coincide com o real, Da Vinci não pertencia a nenhuma organização secreta, diz ele [Altemeyer]” (CLAUDIO, 2006).

⁶⁵ Disponível em: <http://www.terra.com.br/istoe/1851/artes/1851_codigo_de_pe_quebrado.htm>. Acesso em: 24 out. 2007.

⁶⁶ Disponível em: <http://www.terra.com.br/istoe/1884/artes/1884_codigo_igual.htm>. Acesso em: 24 out. 2007.

⁶⁷ Disponível em: <http://www.terra.com.br/istoe/1908/artes/1908_codigo_da_vinci.htm>. Acesso em: 20 out. 2007.

Na edição de *Isto É* de 31 de maio de 2006, na seção *Artes e Espetáculos – Livros*, Osmar Freitas Junior publica a reportagem intitulada *O Código Da Vinci é meu*⁶⁸, em que o articulista fala sobre plágio e apresenta uma entrevista com Michael Baigent, quem, segundo a matéria, usa a polêmica do plágio para promover sua obra: “O código Da Vinci foi inspirado em meus livros e em minhas pesquisas, ele é meu, diz Baigent” (JUNIOR, 2006).

Na edição da revista *Veja* de 07 de abril de 2004, um pouco antes de *OCDV* ser lançado no Brasil, a seção *Artes e Espetáculos – Livros* apresenta a matéria *Leonardo da Vinci: o herege com causa*⁶⁹. O autor, Jerônimo Coelho, explica a trama do livro de Brown e a considera uma intriga religiosa que, através dos dados apresentados no enredo, “é o típico *best-seller-que-educa*” (COELHO, 2004), e em seguida reitera: “Brown às vezes se empolga demais com sua tese ocultista” (Idem). Em 27 de outubro de 2004, a capa da *Veja* também é sobre Leonardo da Vinci, mas a matéria menciona *OCDV*, apresenta trechos do livro, porém não o comenta.

Vale ressaltar que a lista dos livros mais vendidos da revista mostra que, logo após o lançamento de *OCDV*, este aparece em primeiro lugar, permanecendo assim até a última edição da revista, em dezembro de 2004.

Dada a evidência do romance, a segunda edição de *Veja* de 2005 faz um comentário sobre o livro, confirmando que o ano foi do escritor americano Dan Brown, por também ocupar o segundo lugar na categoria ficção com *Anjos e Demônios*, fato que se refletiu na lista de não-ficção, cujo oitavo lugar coube a *Revelando o Código Da Vinci*, de Martin Lunn⁷⁰.

Na edição da revista *Veja* do dia 23 de março de 2005, encontramos uma matéria também de Jerônimo Coelho e intitulada *Ficção herética*, com o subtítulo “*Não leiam Dan Brown*”, *recomenda o Vaticano*⁷¹. Ainda lembrando que *OCDV* é um livro de ficção, lê-se nessa reportagem que o Vaticano, apesar de já não manter mais oficialmente a sua lista de livros proibidos, denuncia *OCDV* como um perigo para a fé.

O cardeal Bertone (na ocasião, um dos nomes para a sucessão do papa João Paulo II) adverte: “Não leiam e não comprem este livro” (BERTONE apud COELHO, 2005). Para o

⁶⁸ Disponível em: <http://www.terra.com.br/istoe/1910/artes/o_codigo_da_vinci.htm>. Acesso em: 20 out. 2007.

⁶⁹ Disponível em: <http://veja.abril.com.br/070404/p_112.html>. Acesso em: 20 out. 2007.

⁷⁰ Disponível em: <http://veja.abril.com.br/120105/veja_recomenda.html>. Acesso em: 20 out. 2007.

⁷¹ Disponível em: <http://veja.abril.com.br/230305/p_117.html>. Acesso em: 20 out. 2007.

cardeal, Brown é um veículo para o anticatolicismo: “Fico surpreso e preocupado com o fato de tantas pessoas acreditarem nas mentiras do livro” (Idem, p. 117).

Na edição de *Veja* de 20 de julho 2005, na seção *Livros*, sai uma reportagem cujo tema é *A família dos best-sellers*⁷², explicando como a editora Sextante dominou as listas de livros mais vendidos do país. Ainda reconhecendo que sucesso da editora está fundamentado em livros de auto-ajuda, a seção afirma que o maior êxito da Sextante é *OCDV*. É importante ressaltar que o romance oscilou, durante todo o ano de 2005, entre o primeiro e o quinto lugar dos livros mais vendidos na lista de *Veja*, ocasionando outro comentário sobre os livros mais vendidos, agora na primeira edição da revista, em 2006⁷³.

Em 29 de março de 2006, na seção *Arte e espetáculos – Livros*, a matéria *Os ladrões criativos*⁷⁴ de Jerônimo Teixeira comenta o processo em que Dan Brown é acusado de plágio na redação de *OCDV*, e defende que não há por que negar o direito de Brown ao mesmo tipo de "empréstimo" praticado pelos gênios, já que:

Segundo a doutrina mais aceita no direito autoral, o que deve ser protegido é a forma de uma obra, e não suas idéias. Ou seja, o processo contra Brown só teria sentido se ele houvesse copiado trechos de *Holy Blood*, o que não ocorreu (TEIXEIRA, 2006).

A capa da edição de *Veja* de 17 de maio de 2006 anuncia o título *Muito além do Código Da Vinci*, uma reportagem especial sobre *OCDV*. Na seção dedicada a *Artes e Espetáculos*, Isabela Boscov chama a atenção para as “verdades e delírios” do romance e se intitula *O Código de Milhões*⁷⁵. A princípio, o texto trata da versão cinematográfica do livro e sobre sua bilionária bilheteria, e ressalta: “e esse é um dos poucos fatos reais que podem ser associados ao enredo que se desenrola nas telas” (BOSCOV, 2006, p. 126).

Em seguida, Isabela Boscov, autora do tema especial produzido pela referida revista, começa a posicionar-se “entre a verdade e a ficção” do livro, propondo subtítulos que incendeiam a imaginação dos leitores: “O (pouco) que pode ser levado a sério em *O Código Da Vinci* e o (muito) que não passa de invencionice” (Idem, p. 128).

⁷² Disponível em: <http://veja.abril.com.br/200705/p_116.html>. Acesso em: 20 out. 2007.

⁷³ Disponível em: <http://veja.abril.com.br/110106/veja_recomenda.html#lista>. Acesso em: 20 out. 2007.

⁷⁴ Disponível em: <http://veja.abril.com.br/290306/p_130.html>. Acesso em: 20 out. 2007.

⁷⁵ Disponível em: <http://veja.abril.com.br/170506/p_126.html>. Acesso em: 20 out. 2007. A Figura 17 do anexo G (ver página 140) apresenta a capa dessa edição da revista.

Na reportagem é evidenciada a pergunta “Será verdade?”, na qual a autora se propõe a esmiuçar e responder algumas questões sobre a “teoria tão provocativa” a respeito da possibilidade de que a figura à direita de Jesus seja Maria Madalena.

Segundo Boscov, as teorias de Brown esbarram em uma série de obstáculos. Por esse motivo ela é taxativa em negar que Jesus e Madalena tenham tido um relacionamento amoroso. Também é categórica ao dizer que a obra de Dan Brown é infiel à história de Leonardo da Vinci e que algumas de suas idéias, apesar de divertidas, são absurdas: “A partir daí, porém, Dan Brown dá pistas de que seu conhecimento sobre o italiano não é lá muito sólido” (BOSCOV, 2006, p. 132).

Boscov acredita também que o Opus Dei está sendo obrigado a se tornar mais transparente por causa de *OCDV*, mas afirma que há exageros na autoflagelação sangrenta do vilão da história, e aponta outro equívoco: “A Opus Dei abriga padres e leigos, mas não monges” (Idem).

Na edição de *Veja* de 10 de janeiro de 2007 saiu um comentário sobre os livros mais vendidos de 2006, reafirmando a força de Dan Brown, que se manteve na lista de ficção com quatro títulos, entre os quais *O Código Da Vinci*, que “teve fôlego renovado pelo lançamento em DVD do filme homônimo”⁷⁶.

Mesmo permanecendo tanto tempo na lista dos mais vendidos de *Veja* e saindo de cena apenas em setembro de 2007, ano em que outros títulos do autor ganharam espaço (por conta do sucesso de *OCDV*) na seção intitulada *VEJA recomenda*, é oportuno destacar que em *nenhuma* de suas edições a revista *recomendou* o livro nem o filme.

A análise até aqui das revistas nos permite alegar que existe dificuldade em aceitar *OCDV* como um livro de ficção. As reportagens de *Época* consideram a religião como principal elemento de *OCDV* e debatem a relação entre Jesus e Madalena sem atacar diretamente o romance. Entretanto, respondem a questões da trama com alternativas de “falso e verdadeiro”, reproduzem depoimentos agressivos ao romance e, principalmente, declarações que enfatizam os “erros e deslizes” de Dan Brown, confundindo assim a ficção com um relato factual.

As edições de *Isto É*, por sua vez, demonstram-se um pouco menos ofensivas, mas reproduzem apenas declarações negativas sobre o romance. Vale ressaltar que, com todo o sucesso e polêmica do livro e também do filme – em episódios reconhecidos pela própria revista - *OCDV* sequer ganhou uma capa em *Isto É*.

⁷⁶ Disponível em: <http://veja.abril.com.br/100107/veja_recomenda.html#lista>. Acesso em: 20 out. 2007.

A revista *Veja* trata o romance como uma teoria provocativa, como uma arma infiel à fé e à história. Há ainda o equívoco de considerá-lo uma “ficção herética” e a insistência em posicionar-se entre “o que é verdade e ficção” no livro. Desse modo, *Veja* não deixa de corroborar com as demais revistas analisadas.

3.1.3 Sites

Diante da imensidão de material disponível na *internet* sobre *OCDV*, optou-se por pesquisar no site de busca *Google* e digitar: “O Código Da Vinci, romance, sites”, dessa forma foram selecionados os três primeiros sites⁷⁷ relacionados ao romance de Dan Brown, a saber:

- Site 1: <<http://sitecristao.com/textos/analises/livros/codigodavinci2.htm>>;
- Site 2: <http://www.chamada.com.br/mensagens/codigo_da_vinci.html>;
- Site 3: <<http://www.opusdei.org.br/art.php?p=16168>>.

No site 1 encontra-se o artigo *CÓDIGO DA VINCI: o romance-evangelho da pós-modernidade*. O autor (Caio Fábio), alegando falta de interesse e pouco tempo a perder, afirma não ter lido *OCDV*. Ele ainda faz uma síntese da trama do livro - que não leu - e confessa que tira suas conclusões baseado em um documentário e também na leitura de seu filho. Quanto a Dan Brown, ele o considera “patético”:

Dan Brown, autor do livro, fala no assunto com fervor religioso. Ao invés de tratar a coisa como ficção, ele defende a “veracidade” de sua teoria como se fosse um fundamentalista evangélico. Nervoso, intenso, com cara de fuinha aflita, ele faz ousadas asseverações baseadas em tolices (FÁBIO, 2006).

O autor garante que as lendas européias e os textos de inspiração gnóstica apresentam muita informação ambígua e infantilidades, e por isso não devem ser levados a sério, nem serem utilizados como o foram por Dan Brown, ou seja, como textos inspirados, de revelação:

Quem lê os evangelhos vê textos simples, lúcidos, consequenciais, coerentes e sensatos. Quem lê os apócrifos tem que estar muito esotericamente

⁷⁷ Foram ignoradas matérias repetidas e também sites de livraria virtual, porque apresentam somente a trama e o preço do livro sem comentá-lo.

interessado em ali achar revelação, a fim de poder levá-los a sério (FÁBIO, 2006).

Para o autor a geração pós-moderna tem a necessidade de criar sua própria versão de um Jesus *pós-moderno*, mudando paradigmas que servem a essa 'nova era da humanidade' feminista, de um lado, e mística e esotérica de outro. Mesmo dizendo-se autor de dois livros de ficção, Fábio considera *OCDV* como um “fenômeno religioso-esotérico” e alerta: “Na realidade, o que estamos vendo é a troca de uma religiosidade por outra; e ambas são igualmente obscurantistas e mágicas”. (FÁBIO, 2006).

O site 2 apresenta o artigo *O Código Da Vinci Enganoso e Ofensivo*, escrito por Ed Hindson, que inicia seu texto falando sobre a popularidade do romance e considerando-o como “uma história excitante de aventura e intriga, e com grande poder de entretenimento” (HINDSON, 2004). Em seguida, o autor começa a explicação da “blasfema” trama e de seus problemas:

O problema é que o livro aborda a vida de Jesus de uma maneira completamente antibíblica, ofensiva e estupefaciente para os que nEle creem. Assim como tantos outros ataques à integridade de Jesus Cristo, *O Código Da Vinci* declara que Jesus realmente existiu, mas que Ele era meramente humano e não divino. Na realidade, os personagens do livro alegam insultuosamente que Jesus foi casado com Maria Madalena e que teria deixado uma linhagem de descendentes humanos, alguns dos quais estariam vivos hoje. (HINDSON, 2004, negrito nosso).

Através de subtítulos como *Engano intencional*, *Distorção diabólica* e *Desafio decisivo*, o autor desmente as alegações do romance, contesta sua “precisão histórica” e suas muitas distorções deliberadas a partir de relatos bíblicos:

O Cristianismo superou tais críticas antes e o fará novamente. A verdadeira história do Evangelho ainda é a maior história que já foi contada! Os ensinamentos de Jesus Cristo sempre foram e sempre serão superiores a qualquer coisa que o mundo venha a oferecer (HINDSON, 2004).

A preocupação do autor é que, por ser fascinante e de grande poder de entretenimento, *OCDV* parece muito convincente para um público que ele chama de “biblicamente ignorante” e que, dada sua ingenuidade, leva o livro a sério.

Mesmo afirmando ser este o grande problema do livro, o autor parece desconsiderar que ele próprio, ao citar várias passagens bíblicas em seu artigo, está se confundindo sobre o romance ao tentar desmenti-lo e considerá-lo como uma “combinação de secularismo ostensivo com feminismo hostil”. Tanto é assim que o autor termina da seguinte forma:

A Bíblia exorta: ‘Amados, não deis crédito a qualquer espírito; antes, provai os espíritos se procedem de Deus, porque muitos falsos profetas têm saído pelo mundo afora. Nisto reconheceis o Espírito de Deus: todo espírito que confessa que Jesus Cristo veio em carne é de Deus; e todo espírito que não confessa a Jesus não procede de Deus; pelo contrário, este é o espírito do anticristo, a respeito do qual tendes ouvido que vem e, presentemente, já está no mundo’ (1 João 4.1-3) (HINDSON, 2004).

O terceiro e último *site* analisado é uma Comunicação apresentada em 27 de abril de 2006 no V Seminário Profissional sobre “Escritórios de Comunicação da Igreja” ocorrido na Universidade da Santa Cruz de Roma. Com o título *Três anos com “O Código Da Vinci”*, relata como o Escritório de Informação do Opus Dei respondeu a *OCDV* numa conferência pronunciada nesse encontro profissional de jornalistas.

Quando foi lançado o romance, o Opus Dei inicialmente ignorou o livro e, no máximo, respondeu às perguntas que foram feitas, mas hoje reconhece que *OCDV* lhe causou “muitas dores de cabeça”, que sem dúvida teria preferido evitar.

O Plano de Comunicação do Opus Dei, exposto no *site* em 2006 por Marc Carroggio, Brian Finnerty e Juan Manuel Mora, quer dar respostas ao livro e ao filme, sempre fazendo comparação entre os dois, no sentido de saber e até prevenir-se sobre se o filme mudaria as informações “mentirosas” sobre o Opus Dei.

Nesta página há a informação de que o Opus Dei, quando soube que a *Sony Pictures* tinha comprado os direitos do romance, “diante da apelação dos cristãos”, tentou negociar com a empresa, na tentativa de que o filme não fosse tão ofensivo ao Opus Dei quanto o livro:

A característica fundamental de “O Código Da Vinci” talvez seja a mistura da ficção com a realidade feita de maneira irresponsável. O cristianismo e a Igreja Católica aparecem impropriamente descritos como um invento do imperador romano Constantino no século IV. O romance apresenta também uma caricatura grotesca do Opus Dei, personificado em Silas, o monge albino criminoso (CARROGGIO; FINNERTY; MORA, 2006).

Como não houve acordo com a *Sony Pictures*, eles consideraram ambos, filme e livro, como produtos negativos para o cristianismo. Na tentativa de “neutralizar seus efeitos negativos” o Plano de Comunicação do Opus Dei procurou dar uma resposta de conteúdo cristão e enfoque positivo através da via da comunicação, aproveitando o seu grande momento de exposição.

Até 2005, o *site* norte-americano do Opus Dei recebeu mais de 3 milhões de visitantes, proporcionando ao grupo uma excelente oportunidade para informar “amplamente sobre a realidade de Cristo e da Igreja e, nesse contexto, sobre o Opus Dei” (Idem):

Ao mesmo tempo teria que ser feito um esforço informativo para mostrar que o Opus Dei “real” nada tem a ver com o aquele que o romance apresenta. Nem monges, nem assassinos, nem masoquismo, nem misoginia, mas católicos normais, com virtudes e defeitos como todos, que se esforçam por “viver o evangelho no mundo”, como disse João Paulo II (CARROGGIO; FINNERTY; MORA, 2006).

O *site* considera *OCDV* uma obra de ficção, com uma forte dimensão de *marketing*, contudo se contradiz ao sublinhar que não é uma fonte confiável, “é falso e injusto na sua representação do cristianismo, da Igreja Católica, do Opus Dei e da História” (Idem), além disso apresenta erros grotescos e é como uma “comédia de erros no que se refere ao cristianismo”, além de não retratar o “Opus Dei real”: “O romance e o filme afetam principalmente os cristãos, especificamente os católicos e de maneira secundária o Opus Dei” (Idem).

Neste *site* também é relatado que a opinião pública considera o fenômeno *OCDV* sem nenhuma conexão com a realidade e o está colocando no seu devido lugar. Para corroborar, o *site* apresenta quatro diferentes respostas no *website* de Dan Brown à mesma pergunta: Em que medida o romance se baseia em fatos reais?

28/8/2003: Totalmente. Todas as obras de arte, lugares, documentos históricos e organizações descritas no romance existem [...]

17/1/2004: Todas as obras de arte, lugares, documentos históricos e organizações descritas no romance existem [...]

11/5/2004: ‘O Código Da Vinci’ é um romance, ou seja, uma obra de ficção. Ainda que os personagens do livro e suas ações, evidentemente, não sejam reais, as obras de arte, a arquitetura, os documentos [...]

30/1/2006: ‘O Código Da Vinci’ é um ROMANCE, ou seja, uma obra de ficção [...] (BROWN, apud CARROGGIO; FINNERTY; MORA, 2006).

Os *sites* analisados confirmam um conflito no entendimento de *OCDV* enquanto ficção. O artigo contido no primeiro *site* foi escrito por alguém que não leu o livro e, no entanto, se dispôs a considerá-lo como um fenômeno religioso-esotérico. O texto ainda ressalta que Dan Brown propaga seu romance como algo verídico, utiliza os apócrifos como revelação e pretende instituir uma outra religiosidade.

Nesse mesmo ponto de vista, o segundo *site*, embora reconhecendo o grande poder de entretenimento de *OCDV*, com um discurso bíblico considera o livro ofensivo aos cristãos, inferior à história do Evangelho, e o caracteriza como blasfemo, antibíblico, e seu autor como o espírito do anticristo.

O terceiro *site* em análise, ao apresentar quatro diferentes respostas no *website* de Dan Brown sobre o romance se basear em fatos reais, ressalta que *OCDV* é um romance. Sob a controversa alegação de que a ficção em questão não retrata o Opus Dei real, tampouco tem relação com a realidade, no entanto, a página do Opus Dei “responde” às menções (consideradas mentirosas, ofensivas e irresponsáveis) que o romance faz à instituição.

Baseando-se nos textos extraídos dos jornais, revistas e *sites* analisados, afirmamos que a maioria desses textos, assim como a maioria dos livros analisados no segundo Capítulo, também faz uma leitura tortuosa de *OCDV*, uma vez que parte do princípio de seriedade, veracidade ou falsidade apresentadas no seu enredo, desconsiderando que o livro *não é* uma tese teológica.

O artigo intitulado *O êxito do Código Da Vinci*, de Umberto Eco⁷⁸, sugere que os livros sobre o “caso Brown”, embora sejam escritos para denunciar falsidades, acabam sendo seu megafone, pois mesmo quando contestado, *OCDV* se auto-reproduz. (ECO, 2006). Esse *efeito megafone* também ocorre através dos textos editados pelos meios de comunicação aqui investigados (jornais, revistas e *sites*).

Sabe-se que o fascínio despertado pelo romance foi tamanho que este causou um fenômeno turístico em Paris, onde há uma onda de visitas aos lugares mencionados no livro. Algumas agências de turismo oferecem passeios ao Museu do Louvre e a outros lugares descritos no livro; o próprio Museu do Louvre oferece uma turnê de duas horas e meia, cujo tema é *Quebrando O Código Da Vinci*. O número de visitantes ao quadro da *Monalisa* e ao quadro *A Última Ceia*, que está em Milão, também aumentou consideravelmente.

O efeito megafone e seu conseqüente itinerário Da Vinci não devem ser considerados algo negativo. Podem ser entendidos como o despertar de muitas pessoas desinteressadas por assuntos religiosos, a se interrogarem sobre a fé e a espiritualidade; permite que os desinteressados pela arte entrem no mundo da literatura, capaz de convencer aos leitores de uma “verdade” da ficção, a ponto destes fazerem um roteiro para conhecer os cenários do romance.

⁷⁸ Disponível em: <http://www2.uol.com.br/entrelivros/artigos/o_exito_do_codigo_da_vinci_2.html>. Acesso em: 13 abr. 2007.

As atividades desencadeadas pelo leitor de *OCDV* continuam a ser analisadas no próximo tópico deste Capítulo, à luz da Estética da Recepção, que considera a literatura como produção, recepção e comunicação propondo uma dinâmica entre autor, obra e público, mas priorizando os aspectos da recepção sobre os da produção e representação.

3.2 A ESTÉTICA DA RECEPÇÃO

*“Há três classes de leitores:
o primeiro, o que goza sem julgamento;
o terceiro, o que julga sem gozar;
o intermédio, que julga gozando e goza julgando,
é o que propriamente recria a obra de arte.”*

Goethe⁷⁹

Vimos que a maioria dos livros, jornais, revistas e *sites* analisados no item 3.1 confundem o que é teologia e o que é literatura em *OCDV*. Embora sejam escritos para denunciar falsidades, acabam propagando o romance e sendo seu “megafone”, colaborando para a assustadora cifra de vendas: 60 milhões de pessoas compraram o livro, e há que se considerar também os leitores que o emprestaram para ler.

Acreditando que o discurso literário também se constitui pelo método receptivo, e que a leitura desencadeia um processo de transformação na subjetividade dos leitores, analisaremos as atividades desenvolvidas pelo leitor de *OCDV*.

O papel do leitor na literatura é examinado pela Estética da Recepção, que considera que o leitor “concretiza” a obra literária, ele é o sujeito, o intérprete receptor e hermenêutico do texto; como a condição para a recepção estética do texto ficcional depende da interação entre texto e leitor, o objeto de análise deste tópico é o leitor de *OCDV* à luz da Estética da Recepção.

A soberania do leitor também é estabelecida pelo fato de a obra necessitar de destinatário, a obra só se mantém viva se tiver leitores. O leitor é o alicerce da Estética da Recepção, é a partir dele que os textos são observados.

⁷⁹ Trecho de carta enviada a J. F. Rochlitz em 13 de julho de 1819.

Roman Ingarden, Stanley Fish, Wolfgang Iser, Umberto Eco e Hans Robert Jauss podem ser considerados os principais teóricos da Estética da Recepção. Entretanto, os textos serão abordados apenas em duas vertentes: uma representada por Jauss, outra por Iser. Conforme nos apresenta Luiz Costa Lima em seu artigo *O Leitor Demanda (d)a Literatura*:

Jauss está interessado na *recepção* da obra, na maneira como ela é (ou deveria ser) recebida, Iser concentra-se no *efeito* (*Wirkung*) que causa, o que vale dizer, na *ponte* que se estabelece entre um texto possuidor de tais propriedades - o texto literário, com sua ênfase nos vazios, dotado pois de um horizonte aberto - e o leitor. Com o primeiro, pensa-se de imediato no receptor, com o segundo, ele só se cogita mediatamente (LIMA, 1979, p. 25).

Partindo da idéia da indeterminação, da existência dos vazios nas relações humanas, Wolfgang Iser considera que a interpretação dos textos, e não só dos ficcionais, cobre os vazios contidos entre a pergunta e a resposta. Assim, Iser avalia que os vazios do texto são preenchidos mediante a projeção do leitor (ISER, 1979, p. 107).

Luiz Costa Lima, em seu artigo *O Leitor...*, ao referir-se aos vazios do texto propostos por Iser afirma que “[...] o próprio do texto literário é concentrar-se nos vazios comuns a todas as relações humanas, explorá-los, torná-los sistemáticos” (LIMA, 1979, p. 24).

Iser parte de uma concepção do literário, para em seguida ampliá-la para a recepção ficcional, a qual, segundo sua teoria, deve conter “complexos de controle” que orientam o processo da comunicação e exigem a entrada do leitor no texto (ISER, 1979, p. 89).

A teoria de Iser está concentrada nos vazios do texto; estes vazios estimulam a imaginação do leitor, que no ato da leitura preenche as lacunas do texto de maneira subjetiva, possibilitando assim que vários leitores tenham a liberdade de concretizar a obra literária, de diferentes maneiras. Dessa forma, não há uma única interpretação correta (ISER, 1979: 83).

Hans Robert Jauss também acredita na subjetividade do leitor: para Iser, a receptividade da arte é aceitação em liberdade, e a produção e reprodução da arte não são capazes de determinar sua recepção (JAUSS, 1979, p. 60). Entretanto, enquanto Iser se baseia nos vazios do texto, a teoria de Jauss é fundamentada em “horizontes de expectativas”, termo que ele revela ter tomado, juntamente com o entusiasmo para sua pesquisa, da hermenêutica filosófica de Gadamer (JAUSS, 1979, p. 56). É ainda Jauss quem infere que a função da hermenêutica literária é diferenciar dois modos de recepção:

[...] aclarar o processo atual em que se concretizam o efeito e o significado do texto para o leitor contemporâneo e, de outro, reconstruir o processo histórico pelo qual o texto é sempre recebido e interpretado diferentemente, por leitores em tempos diversos. (JAUSS, 1979, p. 46).

O teórico da recepção propõe como método: considerar os fatos literários à luz dos leitores sucessivos, ou seja, as sucessivas recepções que um texto teve; recompor os horizontes de expectativas do primeiro público leitor; analisar historicamente a obra desde a nova experiência surgida, comparando a primeira leitura e a atual; reconstituir o primeiro horizonte de expectativas leitoras, o que implica averiguar a que perguntas respondiam a obra em questão e como esta foi entendida.

OCDV foi lançado em 2003, não há como entender a sua recepção em momentos diversos, em realidades históricas diferentes. Por esta razão, será analisada a recepção do romance de Brown na situação contemporânea abrangendo o período entre 2003 e 2008.

Em termos gerais, o termo recepção é a acolhida, a percepção que o texto terá por parte do leitor; a estética ou teoria da recepção movimenta-se no interior de uma esfera crítica que inclui a leitura, a interpretação, o público, a audiência e o consumo de uma obra literária.

Para manter uma coerência com o tópico anterior, procura-se analisar os comentários que os leitores de *OCDV* fazem na grande imprensa: jornais, revistas e *sites*; se possível, nos mesmos analisados anteriormente.

3.2.1 Jornais

Na sessão *Opinião* do jornal *A Notícia* do dia 28 de maio de 2006, encontramos o artigo *O código da luz*, enviado por um leitor ao *e-mail* dedicado a esta sessão⁸⁰.

Para o leitor, Dan Brown aproveitou o momento em que as pessoas vivem angustiadas, inseguras, procurando remédios para a alma, tempo em que assuntos relacionados à religião ganham destaque, para escrever seu livro, considerado pelo leitor como: “[...] apostasia, de uma blasfêmia e de mais uma “revisão” da história que não revisa nada, mas provoca polêmica” (A NOTÍCIA, 2006, p. A5).

Segundo o leitor, as religiões atualmente comercializam e exploram o nome de Deus, mas a ciência, mais especificamente a física quântica, dá ao homem a compreensão do “código da luz”, ou seja, explicará os assuntos relacionados à alma e ao espírito.

⁸⁰ Os comentários que os leitores fizeram aos jornais *A Notícia* podem ser visualizados no anexo H deste trabalho.

O leitor investe contra *OCDV* ao considerá-lo apostasia, blasfêmia que quer revisar a história. Jauss confere grande valor à identificação do leitor com a obra, já que este é um importante passo para a função comunicativa (JAUSS, 1979, p. 49). Nesse sentido o leitor ataca o romance por identificar-se com ele; sente-se agredido por seu atrevimento, por sua pretensa “revisão da história”. E aí podemos também fazer alusão a Iser quando este fundamenta que tanto o texto quanto o seu leitor carregam conhecimentos e normas sociais, éticas e culturais, as quais interagem no momento da leitura.

No dia 05 de junho de 2006, também na sessão *Opinião* do jornal *A Notícia*, outro leitor pronuncia-se, fala de como o Papa Bento 16 o surpreendeu quando rezou em Auschwitz, pois apesar de ser considerado conservador ao falar que “Deus é Amor”, tratava “do amor erótico e da amizade como caminhos para chegar à caridade, ao amor de Deus”.

É nesse contexto, sob o título *Código da Vinci*, que o leitor fala da trama do romance, ressaltando o papel preponderante da mulher nos Evangelhos gnósticos. Discernindo o livro enquanto ficção, ele afirma:

[...] Impossível não ler o livro de enfiada. Tem o ritmo do “Caçador de Tesouros”, do Spielberg. **A invenção da presença de uma mulher descendente de Jesus vivendo entre nós parece conto de fadas.** No romance ela tem nome, endereço e telefone. Vive num castelo na Escócia. Atende a necessidade comovente que o papa demonstrou na oração. Seria um consolo para palestinos oprimidos, israelenses ameaçados, americanos em pânico e brasileiros apavorados. Pena que ela não mora no Brasil. (A NOTÍCIA, 2006, p. A3).

Nas edições do jornal *Diário Catarinense* foi encontrado apenas um comentário de leitor referente a *OCDV*. Na sessão *Diário do Leitor* datada de 14 de maio de 2006, sob o título *Cristo*⁸¹, a leitora opina sobre os rumores do casamento entre Jesus e Madalena:

[...] No meu entendimento, a pessoa que é inteligente e conhece os quatro evangelistas (Marcos, Mateus, João e Lucas) sabem que eles não relatam o casamento de Jesus. Se tivesse acontecido um fato tão importante como esse, eles o teriam narrado [...] (DIÁRIO CATARINENSE, 2006, p. 54).

Dada a concepção de Jauss de que todo texto literário, no momento de ser lido, incorpora o sentido que o leitor lhe atribui (JAUSS, 1979, p. 50), afirmamos que a leitora não concretiza o casamento proposto pela trama de *OCDV* como uma verdade possível. É presumível também verificar, a partir das concepções de Iser sobre horizonte de referência da situação (ISER, 1979, p. 89), que a leitora, ao construir seu horizonte de sentido para a obra,

⁸¹ Esse comentário pode ser visualizado no anexo I deste trabalho.

estabelece seu ponto de vista a partir do qual recepciona a obra enquanto ficção. A leitora cumpre seu papel no jogo ficcional, mas seu ponto de vista, a partir da sua experiência, é de que o Jesus e a Madalena bíblicos não foram casados.

O jornal *Folha de São Paulo* de 17 de março de 2005, na sessão *Opinião – Painel do Leitor*, sob o título *Da Vinci*, publica duas cartas enviadas por leitores⁸². A primeira considera insana a instrução para que católicos não comprem o livro:

A hipótese (melhor seria dizer a especulação) de que Cristo teria gerado filho em Maria Madalena não é uma originalidade de Dan Brown, porque é assunto recorrente em toda história da Cristandade. Todavia, a recomendação do Cardeal Bertone, para que católicos não comprem nem leiam o livro **"Código Da Vinci" é estabanaada, porque impossível destruir a acepção divina que está no humanismo cristão e que se sumariza na mais perfeita acepção de bem existir**: Ama o próximo como a ti mesmo e a Deus sobre todas as coisas (FOLHA DE SÃO PAULO ONLINE, 2005, negrito nosso).

Na segunda carta, o leitor se preocupa e se questiona sobre até que ponto os fatos deformados por livros de ficção como *OCDV* poderiam ocasionar o esquecimento da história:

Minha preocupação com toda essa movimentação em torno de um livro de ficção ("Igreja faz ofensiva contra "O Código Da Vinci", 16/3) é o problema mais sério que ele coloca: o esquecimento da história. Afirma-se que o livro "já começou a circular nas escolas como um novo modelo". Pergunto se a deformação de fatos poderá continuar com tanta tranquilidade ou se haverá alguma esperança de voltarmos a falar da realidade histórica. E, é claro, não estou me referindo somente aos temas tratados nesse livro, mas a muitos outros (FOLHA DE SÃO PAULO ONLINE, 2005).

Também em *Opinião – Painel do Leitor* da *Folha de São Paulo*, de 17 de abril de 2006, é editada uma carta de um leitor que se mostra indignado com o fato de o Vaticano hostilizar *OCDV* e Judas Iscariotes⁸³.

Evangelho de Judas - Os manuscritos encontrados no Egito de autoria de Judas Iscariotes não podem ser menosprezados pelo papa Bento 16 ("Vaticano hostiliza "O Código da Vinci" e Judas na Semana Santa", Mundo, pág. A12, 15/4), e sim servir de inspiração para que a Igreja Católica reveja alguns de seus conceitos. O próprio Jesus Cristo nos ensinou, em suas pregações, que a verdade nos liberta. **O tempo é o senhor da razão e se encarregará de reverter o injusto papel de prostituta atribuído a outra evangelista que também foi censurada pela Igreja na época: refiro-me a Maria Madalena.** Quem sabe num futuro não muito distante a Igreja tenha

⁸² Estes textos podem ser acessados no *site*: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniaofz1703200511.htm>>. Acesso em: 20 mai. 2006.

⁸³ Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniaofz1704200611.htm>>. Acesso em: 20 mai. 2006.

que pedir desculpas a Judas e a Maria, tal como fez em outros casos ao se redimir de erros políticos e históricos (FOLHA DE SÃO PAULO ONLINE, 17/05/06, negrito nosso).

Em 17 de dezembro de 2007, na sessão *Folhateen*, foram publicadas algumas indicações aprovadas por leitores que escreveram para a sessão *Dicas do Leitor* durante todo o ano de 2007. Entre os mais citados está *OCDV*.⁸⁴

A partir dos comentários que os leitores de *OCDV* fizeram aos jornais aqui examinados, é possível verificar que alguns leitores entendem perfeitamente que o livro é uma ficção, enquanto outros se mostram confusos e/ou se sentem afrontados pelo romance.

É a partir dessa constatação que nos apoiamos na teoria de Iser, quando este teórico, declarando seu débito às concepções de Ingarden, amplia o entendimento da recepção ficcional. Lima ressalta este fato de maneira exemplar:

[...] diante do texto ficcional, o leitor é forçosamente convidado a se comportar como um estrangeiro, que a todo instante se pergunta se a formação de sentido que está fazendo é adequada leitura que está cumprindo. Só mediante esta condição, dirá Iser, a assimetria entre texto e leitor poderá dar lugar “ao campo comum de uma situação” comunicacional (LIMA, 1979, p. 24).

A trama de ficção de Brown desperta a atenção do leitor ao descortinar outra visão da vida de Jesus e de Madalena. Mesmo que o ficcional se transforme em real somente na imaginação do leitor, institui uma realidade fictícia que questiona a experiência pessoal tida como verdade pelo leitor.

3.2.2 Revistas

A revista *Época*, em sua edição de 27 de dezembro de 2004, publicou comentários de leitores na seção *Carta dos Leitores*, edição posterior àquela em que o livro *OCDV* foi capa. Nesta, a reportagem intitulada *A Polêmica Do Código Da Vinci* foi a que mais recebeu manifestação das opiniões de leitores (48% de explanações)⁸⁵:

[Leitor 1] A história de Jesus a cada dia que passa torna-se mais interessante. Nós sabemos que Jesus seguia normas e padrões religiosos. Mas por que também não poderia sentir vontades ou ter sentimentos, sendo naquele momento de carne e osso e sentia vontade e desejos [sic]? Os sentimentos e desejos do ser humano devem ser respeitados. Aceito a questão em que

⁸⁴ Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/folhatee/fm1712200710.htm>>. Acesso em: 05 mar. 2008.

⁸⁵ Disponível em: <<http://revistaepoca.globo.com/Epoca/0,6993,EPT881531-2119,00.html>>. Acesso em: 12 mar. 2008.

temos de saber separar as relações de amizade com as de prazer. O que acontece com o ser humano é que ele não sabe dividir as diferenças. Por isso a mente das pessoas se confunde e elas fazem besteiras.

[Leitor 2] Talvez, realmente, Jesus e Madalena tenham tido um romance. Apesar de todo o questionamento ético-religioso, o que se discute é a relação carnal de um homem e uma mulher. Caso esse amor tenha existido, eliminaria as questões do celibato. **Por trás do maior dos homens teria mesmo de existir a maior guerreira das mulheres, 'Madalena'.**

[Leitor 3] **O livro *O Código Da Vinci* é chatérrimo, oportunista, feito para causar escândalo e vender.** Por que temos de acreditar nessas besteiras a respeito de Jesus? O homossexual Da Vinci como pessoa foi de um péssimo caráter e passou toda sua vida criando problemas. Louvemos o artista Da Vinci, que foi um gênio, mas deixemos de lado o homem que nada tem a nos dizer. Para esse maravilhoso artista poder configurar Madalena ao lado de Jesus, ele deveria estar presente na Santa Ceia ou então ter fotografado a cena. O resto, ora, não passa de sua imaginação fértil. Deixemos **Jesus em paz. Ele morreu por nós e não merece esse tipo de tratamento.**

[Leitor 4] *O Código Da Vinci* é um sinal do tempo que vem para mexer com a imaginação e a fé de todas as pessoas. Só que a fé é o maior 'dom' que recebemos, e se existir dúvidas após uma leitura sobre esse tema, a fé é vã.

[Leitor 5] A verdadeira história de Jesus encontra-se na Bíblia. **Quem quiser conhecê-la, basta ler os evangelhos.** Eles falam de sua vida e do plano de Deus. O céu e a terra, que agora existem, passarão - o próprio Jesus afirmou. E, enquanto eles existirem, tenho certeza de que ninguém conseguirá acrescentar nem retirar nada a sua história. Todo homem deveria refletir sobre a oportunidade que temos, enquanto estamos a caminho de conhecer a verdadeira história de Jesus que encontra-se na Bíblia. O resto é ilusão, a mesma ilusão que um dia a serpente provocou em Adão e Eva.

[Leitor 6] Questiona-se, ao longo dos tempos, o possível caso amoroso de Jesus Cristo, tema que se tornou uma verdadeira obsessão para alguns. Na verdade, como vimos na reportagem, o próprio livro *O Código Da Vinci* é um plágio de outro, de cunho investigativo. Vê-se uma feição meramente comercial em torno da polêmica, uma vez que o livro já vendeu 15 milhões de exemplares. Seria bem melhor que esses senhores se espelhassem e direcionassem sua vida em busca daquilo que foi a maior lição que Jesus nos deixou, a conquista da paz e da felicidade (ÉPOCA ONLINE, 27/12/04).

Os comentários dos leitores, publicados por essa edição da revista, demonstram o conflito e a dificuldade de aceitar *OCDV* como ficção. No entanto, na sessão *Caixa Postal* de 08 de maio de 2006, posterior à edição em que o filme *OCDV* foi capa da revista Época⁸⁶, foi possível separar as opiniões dos leitores e classificá-los entre os que avaliam o livro enquanto ficção:

⁸⁶ Disponível em: <<http://revistaepoca.globo.com/Epoca/0,,EPT1191415-5588,00.html>>. Acesso em: 12 mar. 2008.

[Leitor 1] Não vejo motivos para que os cristãos percam tempo em querer refutar ou polemizar uma obra de ficção que afirma ser uma obra de ficção. Estrategicamente, para prender o leitor na trama do livro, Brown colocou um apêndice afirmando que suas pesquisas se baseiam em relatos históricos reais. Mas quais pesquisas ele fez?

[Leitor 2] A revista deveria ter ressaltado que Sophie Neveu é neta de Jacques Saunière, que fazia parte do Priorado de Sião, sociedade secreta que "combatia" a Igreja Católica. Falou-se tanto do Opus Dei, e não se fez nenhuma referência ao Priorado. (ÉPOCA ONLINE, 08/05/06).

Há também os que consideram que *OCDV* estabelece uma nova versão para Jesus, que o romance é insultuoso, mentiroso, humilhante, com discurso parenético, acreditam que o romance quer instituir uma nova história de Jesus:

[Leitor 3] Como Jesus Cristo poderia ter cometido pecado se sua missão aqui, segundo as Escrituras Sagradas, foi exatamente livrar o mundo do pecado?

[Leitor 4] Sou judeu, tenho 46 anos e fui criado por uma família católica não-praticante. Desde pequeno respeito Jesus de Nazaré como um Rabi, ou seja, homem de grande sabedoria e mestre na religião judaica. Creio que Jesus foi um homem normal, mas com características de revolucionário. Queria combater o domínio romano sobre o povo judeu e consertar erros de conduta do clero judaico. **Creio que Jesus casou-se com Madalena e tiveram filhos. O que há de pecado nisso?**

[Leitor 5] Como membro supranumerário do Opus Dei, venho acompanhando com interesse as reportagens relacionadas ao polêmico filme *O Código Da Vinci*. A forma como a obra é relatada no *best-seller* de Dan Brown é ultrajante. Escarnecido no meio acadêmico e teológico por suas mentiras, o referido autor fez fortuna. Gostaria de saber se, com a impressionante arrecadação acumulada, ele conseguirá fazer uma pequena parte do que faz o Opus Dei ao redor do globo com seus supostos US\$ 2 bilhões, como universidades na África e escolas rurais em regiões paupérrimas da América Latina.

[Leitor 6] **Verdadeiramente, o Ocidente perdeu o valor do sagrado e, pior ainda, nem sequer respeita os próprios valores.** Mas por que a mídia costuma respeitar mais o islã? Quando se trata de continuar flagelando e crucificando Jesus Cristo, infelizmente, ela é extremamente ousada. Seria porque o filho de Deus ensinou a perdoar os que não sabem o que fazem? (ÉPOCA, 08/05/06).

Estas cartas referem-se à reportagem *O Código Da Vinci: O filme mais polêmico do ano*, sobre a qual posicionaram-se 21,5% dos comentários. Vale ressaltar que a revista *Época* fez uma enquete *online* totalizando 860 votos e cujo título era: Você acha que a polêmica criada pelo filme *O Código Da Vinci* poderá ter algum efeito sobre o

posicionamento da Igreja Católica? 67,4 % responderam: “sou contra”; 32,6% responderam: “sou a favor”.

A revista *Isto É* editou reportagens relacionadas a *OCDV*, entretanto não dedicou nenhuma das suas capas ao romance, talvez por esse motivo, mesmo tendo uma seção dedicada às cartas, não publicou e/ou recebeu nenhuma resposta dos leitores às matérias relacionadas ao livro.

A revista *Veja*, na seção *Cartas* da edição de 24 de maio de 2006, posterior àquela em que *OCDV* foi capa desta revista, sob o título *Muito além do Código Da Vinci*, publicou comentários enviados pelos leitores⁸⁷:

[Leitor 1] VEJA acerta ao mostrar que *O Código da Vinci* é uma fantasia. Não passa de uma tentativa do escritor de tirar o pé da lama.

[Leitor 2] Não li o livro e pretendo assistir ao filme como quem procura uma diversão no fim de semana, mas o que vou levar como conhecimento adquirido é o que se pode ver na matéria "O código de milhões", encontrada estrategicamente no final da revista, no espaço reservado às críticas e recomendações sobre obras literárias, cinematográficas e musicais do Brasil e do mundo. Parabéns a VEJA pela matéria e pela indicação de minha diversão nesta sexta-feira.

[Leitor 3] A criatividade de Dan Brown impressiona, ao juntar textos bíblicos com fatos históricos. Mas ele não conseguiu provar nada contra nem uma linha escrita da *Bíblia*. **O que me intriga é por que tantas pessoas querem buscar verdades em uma obra de ficção – pois é nessa prateleira que se encontra *O Código Da Vinci*.**

[Leitor 4] Fico muito feliz pela reportagem tão oportuna que a revista VEJA fez sobre o livro *O Código Da Vinci*. É intrigante como os temas centrais do livro, tão rechaçados pela comunidade científica especializada, estão chamando tanto a atenção das pessoas esclarecidas. (VEJA ONLINE, 24/05/06, negrito nosso).

Nas demais edições em que a revista dedicou reportagens ao romance, não foram divulgados comentários dos leitores. As cartas supracitadas demonstram que os leitores distinguem *OCDV* como ficção, ou pelo menos não atacam o livro e seu autor. Entretanto, percebe-se um equilíbrio entre esses leitores e a quantidade de leitores que são intolerantes ao opinarem sobre o romance, na mesma edição de 24/05/06:

[Leitor 1] Os mitos e verdades sobre a vida de Jesus não devem ser impostos por um livro ou uma revista. Dizer se são "verdades" ou "mentiras" absolutas os fatos apresentados por Dan Brown é de uma responsabilidade muito

⁸⁷ Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/240506/cartas.html>>. Acesso em: 12 jun. 2006.

grande, cabendo a cada cristão, em seu livre-arbítrio, decidir para que lado a balança deve pesar mais.

[Leitor 2] Lendo a reportagem de VEJA desta semana sobre *O Código Da Vinci* pude esclarecer uma série de dúvidas que surgiram à medida que eu lia o livro. Apesar de todo o suspense e da trama bem elaborada por Dan Brown, **ao ler esse best-seller mais de uma vez fiquei atordoada, sem saber se a história relatada era verídica ou mera ficção, e creio que o mesmo aconteceu com outros inúmeros leitores pelo mundo.** Mas, graças às informações apresentadas pela revista de maneira clara e objetiva, agora posso formular uma opinião substancial sobre livro e autor (VEJA ONLINE, 24/05/06, negrito nosso).

As cartas dos leitores às revistas comentadas até aqui demonstram certo equilíbrio entre os leitores que aceitam *OCDV* como um livro de ficção e os que confundem ficção com um relato factual. Vale ressaltar que desconhecemos a estratégia utilizada pelas revistas para selecionar as cartas que foram editadas.

Para Jauss, entre o leitor e o texto se estabelece um diálogo do qual se depreende um significado. O teórico inclusive chama a atenção para o fundamento teórico de Iser quando, ao lado da estética da recepção, coloca a teoria de efeito estético que conduz também à constituição de sentido que o leitor dá ao texto (JAUSS, 1979, p. 53). Iser reitera que cada leitor cria o sentido a partir de seu compromisso imaginativo, de acordo com o que o texto sugere à sua própria experiência e seu desejo de dar coerência ao que lê (ISER, 1979, p. 107-108).

Em meio à construção ficcional de *OCDV* cada leitor atribui-lhe sentidos no momento em que interage com o livro. O romance de Brown causa impressões de leitura diferentes, mas de uma forma ou de outra causa impacto, dada a origem da herança cultural do ocidente, extremamente vinculada ao cristianismo.

3.2.3 Sites

Os *sites* constantes no tópico anterior não apresentam comentários de leitores, por este motivo optou-se por pesquisar o que os leitores de *OCDV* têm postado no *Orkut*⁸⁸, a rede social com maior participação de brasileiros.

Utilizou-se como estratégia digitar no tópico “Pesquisa” do *Orkut* a expressão: o código da vinci. Apareceram mais de 1.000 comunidades. Selecionamos três comunidades

⁸⁸ O *Orkut* configura-se como um *site* de relacionamentos que possibilita ao usuário cultivar um espaço virtual onde possa definir seus interesses, postar fotografias, manter uma lista de amigos e/ou conhecidos, criar e participar de comunidades virtuais para trocar mensagens de texto. Para acessar o site *Orkut*: <<http://www.orkut.com/>>. O anexo J traz à página 144 exemplo de comunidade do *Orkut* sobre *OCDV*.

que aparecem na primeira página: 1) a maior comunidade, com maior número de membros; 2) uma comunidade de membros contra *OCDV*; e 3) uma comunidade de membros a favor.

A primeira comunidade a ser analisada é também a maior; tem 63.384 membros e intitula-se *O Código Da Vinci*; inscreve-se na categoria Artes e Entretenimento e descreve-se como *um grupo para discutir sobre o romance*.

Ela apresenta mais de 50 páginas de tópicos no fórum relacionado ao livro. Para não sermos tendenciosos, procuramos selecionar aleatoriamente três tópicos, criados por leitores que: 1) atacam o romance de Brown; 2) distinguem o livro como ficção; 3) demonstram dúvidas se é ficção ou realidade.

O primeiro exemplo demonstra a ofensiva do leitor-autor do tópico ao livro. Em tom oracular ele desaconselha a leitura de *OCDV* sob pena de seu leitor ir para o inferno. Parafraseando a Bíblia, num tom de sermão adverte:

[Título do tópico:] **Quem leu O Código da Vinci vai para o inferno.**

Meus irmãos ainda há tempo de Glória, pois aquele que têm ouvido escute é aquele que têm olhos veja. O Código da Vinci é uma farsa...vocês não estão vendo colocarão a figura de Jesus que fundou a maior religião do mundo, com a questão que se mais discute no Dia à Dia que é o Sexo, só para as pessoas não se sentirem culpadas. Cuidado! O Demônio está próximo de vocês, pois vou te dar uma dica não vão dormir lendo o Código da Vinci...**queime o livro. É, a força está com vocês. Cuidado!** (ORKUT, 24/06/08, negrito nosso).

Na postagem citada a seguir como segundo exemplo, o leitor distingue o livro como ficção. Descontente com a possibilidade de algumas pessoas não terem esse discernimento, ele alerta:

[Título do tópico:] **Romance de ficção**

Infelizmente muitas das pessoas que leram O Código da Vinci têm uma profunda dificuldade de entender que o livro é apenas uma ficção romântica, muitas delas professam o ateísmo usam as hipóteses citadas e criadas por Dan Brown, sem saber a real proposta do livro que, foi fictícia no sentido literal. (ORKUT, 07/10/07).

Entre os leitores que investem contra o romance de Brown e os que fazem a distinção entre ficção e realidade, estão os que se encontram perdidos em meio a essa “polêmica”:

[Título do tópico:] **Me ajudem a entender...**

Oi gente! Tô lendo o Código Da Vinci agora, ainda estou um pouco além da metade, mas **ando meio confusa com o que é verdade ou ficção**. Todas aquelas informações dadas por Tiebing (o amigo de Langdon), a história

sobre Maria Madalena, o fato de Jesus ter tido um filho, os documentos históricos ocultos pela Igreja, tudo isso tem um fundo de verdade ou é mera imaginação de Dan Brown para compor seu romance? Se estiver sendo ignorante me desculpem, é que ainda to na metade do livro...se alguém puder me ajudar, por favor o faça! (ORKUT, 01/04/05, negrito nosso).

A segunda comunidade analisada intitula-se *Código da Vinci - Uma BLASFÊMIA*, tem 572 membros, está na categoria Religiões e Crenças e se descreve da seguinte maneira:

Você não aceita o que a mídia está "VOMITANDO" no cristianismo, deturpando toda a história da bíblia sagrada, patrocinando uma blasfêmia em forma de livro e filme de nome:"O Código da Vinci"? Você não é trouxa? Uma Maria – vai -com as outras?Você não aceita levar este desaforo? Então seu lugar é aqui!Entre e exponha suas idéias! ATENÇÃO: NÃO ACEITAREMOS DESRESPEITO OU OFENSAS A QUALQUER RELIGIÃO!_Porém podem expor suas opiniões e idéias! SE VOCÊ É TOTALMENTE CONTRA O CRISTIANISMO, POR FAVOR NÃO ENTRE! (ORKUT, 15/05/06, maiúsculas do *site*).

Esta comunidade apresenta uma página de fórum com mais de trinta tópicos relacionados a *OCDV*. Selecionamos três tópicos com o comentário dos leitores que os criaram:

[Título do tópico:] **mais uma blasfêmia**
DENUNCIEM POR FAVOR!! DENUNCIEM GENTE, POR FAVOR!! PEÇO AJUDA DE TODOS PARA TIRARMOS ESSA COMUNIDADE DO ORKUT. ESTÃO DIFAMANDO O QUE TEMOS DE MAIS PRECIOSO EM NOSSA IGREJA QUE É O CORPO EUCARÍSTICO DO SENHOR!! POR FAVOR!! AJUDEM!! DENUNCIEM!! DEUS ABENÇOE!! AMÉM!! (ORKUT, 30/07/06, negrito e maiúsculas do *site*).

[Título do tópico:] **para os não católicos...**
Poxa galera...não sou católica sou espírita e achei esse livro esse filme esse autor um lixo...pelo amor de Deussss gente Jesus um simples mortal...teve filhos com Maria madalena!?!sem nem comentários ele é divino nós somos meros mortais cheios de defeitos...estou pasma chocada com essa colocação...pro coitado do Dan Brown só uma coisa..."Senhor perdoai os ignorantes pois eles não sabem o que dizem... (ORKUT, 06/07/07, negrito do *site*).

[Título do tópico:]**ELE MORREU POR MIM E POR VC!!!!**
ELE MORREU POR MIM E POR VC!!!!Sim JESUS morreu por mim e por vc...Ele morreu para que hoje nós possamos viver livres do pecado e de toda imundície que o mundo oferece. satanás age a partir do momento q vc der lugar pra ele agir, ele age em vão pq ele mesmo sabe q já é um DERROTADO em nome do SENHOR JESUS!!!!!!Eu creio e vc???? (ORKUT, 09/10/07, negrito e maiúsculas do *site*).

As atividades desencadeadas pelos leitores que postaram esses comentários podem ser vistas como um misto de fascínio e indignação: fascínio no sentido destes leitores sentirem-se provocados pelo romance, interagirem com ele, atuarem e escreverem o que

sentem, demonstrando seu envolvimento; indignação porque esses leitores se sentem agredidos pela trama que o livro propõe.

Quando *OCDV* instiga a participação do leitor, seja pelo fascínio ou pela indignação (e até certa repulsa), ele nos reporta outra vez à teoria da recepção, no sentido de que o texto provoca o leitor e necessita deste para poder existir.

A última comunidade analisada está situada na categoria Arte e Entretenimento; apresenta sete páginas com tópicos do fórum; denomina-se *Eu já li “O Código a Vinci”* e afirma dirigir-se a todas as pessoas que já leram e adoraram o “perfeito” romance de Dan Brown. Apresentamos a seguir três tópicos desta comunidade, com os respectivos textos de seus autores:

[Título do tópico:] **LI O LIVRO E AMEI**

BOM SEM DUVIDA ESSE LIVRO EH PERFEITO UM SHOW DE AVENTURA AÇÕES E DESCOBERTAS.....PRA TODOS Q LERAM ESSE LIVRO COM CERTEZA ELE É INESQUECIVEL....ALUCINANTE CORRIDA DE ROBERT LANGDON E DA CRIPTOLOGA SOPHIE NEVEU EM BUSCA DE DESVENDAR SEGREDOS QUE VÃO DO MISTERIOSO SORRISO DE MONALISA ATÉ A DESCOBERTA DO SANTO GRAAL LIVROS ASSIM SEM DÚVIDA INESQUECÍVEL..... (ORKUT,08/06/06, negrito e maiúsculas do *site*).

[Título do tópico:] **Será q é verdade?**

É muito conflitante para pessoas leigas e de muita fé; pra ler esse livro ou assistir ao filme, tem que ter uma flexibilidade emocional bem estruturada...é um tipo policial perfeito envolvendo todas as esferas da fé possível. Como nunca se tem provas concretas ainda de nada; fica aí a imaginação e a expectativa: de onde viemos? Pra onde vamos? Gostei muito do filme, tenho certeza q todos gostaram...Té+ amigos...abraços! (ORKUT, 12/12/06, negrito e maiúsculas do *site*).

[Título do tópico:] **A criação do mundo, a bíblia e o Código da Vinci**

primeira coisa... vamos analisar o código da Vinci...logicamente um livro literário, onde Brown intercalou fatos, como as pinturas de da Vinci,com literatura e invenções...Não podemos crer que aquela história é verdade e viria assim, num livro, meramente num livro... se essa fosse a verdade(segundo o código da Vinci), com certeza teria vindo de outros lugares a muitos anos atrás...Mais também analisando, não podemos deixar de notar, os fatos, e a desafios para com a igreja católica, que por sinal, foi, é e sempre será uma usurpadora... no livro, existe muitas coisa verídicas que afrontam a igreja e que por sinal foi muito bom...E segundo, eu só acho ki faltou uma coisinha no livro. Embora nada a ver com o tema central, Dan Brow deveria ter usado para afixar mais suas idéias: A criação do mundo...Se alguém ler a Bíblia, e depois a ciência sobre a criação do mundo, verá varias incoerências, e uma das mais fortes é quando Deus separa a luz das sombras fazendo dia e noite, e depois de dois ou mais dias

que Ele cria o sol...estranho não? fora as outras coisas que não batem em relação a lógica da existência... Então pode-se concluir de tudo, ki como Código da Vinci é um livro completamente literário, a Bíblia também é, ou seja, foram inventados, sem muitas comprovações...Então cabe a cada um ter um filtro próprio e selecionar o que é bom do que é ruim, o que é verdade do que é mentira, e principalmente, ter a fê do tanto que achar necessário... (ORKUT, 11/07/08, negrito e maiúsculas do *site*).

As postagens dos leitores no *Orkut* retomam o processo dialógico entre leitor e texto e a subjetividade na recepção da obra literária inferida por Jauss e também por Iser. A atribuição de sentidos que o leitor dá ao texto, ainda que às vezes paradoxal, nunca é única e fechada, cada leitor lê o texto a sua maneira. A subjetividade e a liberdade com que o leitor recebe a obra literária (em geral) e *OCDV* (em particular) nos mostram que não há uma única interpretação correta.

Jauss, através da sua teoria da recepção, assinala critérios e sistemas de valores mediante os quais os leitores percebem e julgam seus textos. O autor baseia-se em Kant para elucidar o juízo de gosto:

[...] o fato de o juízo estético depender do consenso de outrem possibilita a participação em uma norma em formação, e, ao mesmo tempo, constitui a sociabilidade. Kant, portanto, reconheceu no juízo de gosto, necessariamente pluralístico, a capacidade de juízo sobre tudo aquilo através de que se pode transmitir a qualquer um até o seu próprio sentimento. (JAUSS, 1979, p. 61).

Vimos, no segundo tópico do primeiro Capítulo, que é difícil chegar a uma concordância quando se trata de gosto literário, pois os juízos de valor são variáveis, “privados e gratuitos”, e o que é boa literatura se constitui numa entidade instável.

As reações dos leitores a *OCDV* e às reportagens editadas nos jornais, revistas e *sites* sobre o livro, trilham os caminhos da repulsa à reverência. Os leitores sentem-se instigados a comentar o livro, querem demonstrar seus próprios sentimentos a respeito de um assunto tão provocante quanto o suposto casamento de Jesus com Madalena.

Como ressaltamos no início deste tópico, *OCDV* é um livro contemporâneo. Desse modo, não podemos captar a sua recepção em épocas anteriores e compará-las às condições históricas da época atual, tampouco compreender os diferentes sentidos que foram atribuídos ao texto. Não temos, assim, como comparar “horizontes de expectativas” de públicos leitores de distintas épocas.

Ainda sobre esse aspecto, Jauss infere que nem sempre é claro o horizonte de expectativas de uma determinada sociedade num determinado tempo. (JAUSS, 1979, p. 45).

Dentro dessa perspectiva surge a pergunta: qual é o horizonte de expectativas dos leitores de *OCDV*?

Mesmo refletindo sobre qual o “horizonte de expectativas” que envolve essa obra, quais as expectativas os leitores investem nos textos que lêem (condicionados que estão por outras leituras já realizadas, por outras crenças, religiões estabelecidas, por suas raízes culturais), é difícil formular qual é o horizonte de expectativas dos receptores de *OCDV*.

Os receptores do livro se relacionam com o romance de Dan Brown num processo de identificação, que mescla sentimentos de atração e repulsa: sentem-se atraídos pela trama misteriosa, detetivesca, e também repudiam o livro pelo fato deste falar sobre sentimentos tão humanos, tão carnis entre estes dois mitos da nossa cultura: Jesus e Madalena. A reação dos leitores ao livro é sintomática de períodos de mudanças religiosas, do Cristianismo e da própria religião como um espaço ameaçado. Nesse sentido inferimos, como um possível horizonte de expectativa do leitor de *OCDV*, o desejo de buscar subsídios sobre a hipótese do casamento de Jesus e Madalena.

É importante que cada leitor compactue deste universo ficcional, que fala da vida, do mundo, das indagações dos homens, ao imaginar os acontecimentos da trama e de personagens como, por exemplo, Jesus e Madalena, preenchendo as indeterminações e lacunas do texto, e construindo coerência para o “incompreensível”. Assim, essa recepção da obra corresponde ao modo com que cada leitor tem de ver o mundo representado. Cada leitor é responsável por dar coerência às perspectivas do texto:

O texto ficcional adquire sua função no encontro do leitor com o texto, tal encontro pode ser o confronto entre a identificação e a resistência por meio de uma interferência da realidade, dos “horizontes de expectativas” que trazem à tona os valores, as normas sociais, culturais, religiosas. É também a partir desse encontro que o leitor percorre o caminho baseado nos seus horizontes, nas suas escolhas, e confere “vida” à ficção.

OCDV, ao apropriar-se de personagens bíblicos e criar a sua versão para a vida de Jesus, causa um estranhamento do leitor, leva-o ao inusitado, à não-familiaridade, excitando-o a questionar o seu mundo, dramatizar seus conflitos e incertezas, fazendo o leitor pensar sobre tudo aquilo que “ouviu” falar de Jesus.

A indeterminação resulta da função comunicativa dos textos ficcionais e, como esta função é realizada por meio das determinações formuladas no texto, esta indeterminação, à medida que textualmente localizável, não pode deixar de ter uma estrutura. As estruturas centrais de indeterminação no texto são seus vazios e suas negações. Eles são as condições

para a comunicação, pois acionam a interação entre texto e leitor, e até certo nível a regulam (ISER, 1979, p. 106).

Retomamos novamente as concepções de Jauss quando o teórico entende que os impasses da interpretação e os da literatura comparada só seriam superados através de um processo dinâmico de produção e recepção, e da relação dinâmica entre autor, obra e público, utilizando-se para isso da hermenêutica da pergunta e da resposta (JAUSS, 1979, p. 48). Jauss fundamenta que a obra engloba o texto e a percepção do texto por parte do leitor. Enquanto produzida por um emissor, a composição é texto, enquanto consumida por um receptor, é obra, portanto o texto só será obra de arte literária quando o leitor a legitimar como tal. (JAUSS, 1979, p. 53).

Analisando a recepção dos leitores de *OCDV* percebe-se que, enquanto alguns se fascinaram com o livro e distinguiram ficção de realidade, outros condenaram o romance e seu autor à fogueira sob acusação de “graves mentiras e manipulações” sobre a história da Igreja e a vida de Jesus.

Quando lemos *OCDV* sob o prisma da Estética da Recepção, todavia, não podemos nos afastar das suas formulações teóricas que indicam a autonomia de sua recepção. Na sua trama de ficção, Dan Brown provocou a atuação dos leitores, os quais demonstram pleno envolvimento com o texto: atacam, elogiam, polemizam, são intolerantes, defendem, buscam verdades em uma obra de ficção, acreditam, desmentem; enfim, reagem.

Ao reagirem, escrevem como se sentem em relação ao romance, motivados que estão pelo texto, não se limitam a uma resposta única, preenchem, atribuem sentido à obra, participam, se comunicam. Nesse sentido a experiência estética se concretiza quando respondem as afirmações do livro e demonstram que, mesmo sendo ficção, não são indiferentes à trama.

No resgate hermenêutico da necessidade da experiência estética do leitor, Jauss questiona o conceito de experiência estética em seu artigo "O prazer estético e as experiências fundamentais da *Poiesis*, *Aisthesis* e *Katharsis*" (LIMA, 1979). O teórico faz uma substancial retrospectiva sobre a história do prazer estético antes de afirmar que ele passa por esses três momentos simultâneos e complementares, explicando, através dessas três fases (*Poiesis*, *Aisthesis* e *Katharsis*) a natureza libertadora da arte em dois aspectos importantes: seu papel transgressor e seu papel comunicativo⁸⁹.

⁸⁹ Jauss denomina as atividades produtiva, receptiva e comunicativa como *Poiesis*, *Aisthesis* e *Katharsis* respectivamente. Essas três funções da ação humana na atividade estética podem afirmar a autonomia desta

A ficção de Dan Brown nesse ponto é contemplativa porque atinge o leitor, mexe com seus brios, provocando a fruição da *poiesis*, *aisthesis* e *katharsis* que, na concepção de Jauss, podem ser resumidas da seguinte forma:

[...] para a consciência produtora, pela criação do mundo como sua própria obra (*poiesis*); para a consciência receptora, pela possibilidade de renovar a sua percepção, tanto na realidade externa, quanto da interna (*aisthesis*); e, por fim, para que a experiência subjetiva se transforme em inter-subjetiva, pela anuência ao juízo exigido pela obra, ou pela identificação com normas de ação predeterminadas e a serem explicadas (JAUSS, 1979, p. 81)

OCDV contempla a fruição da *poiesis*, *aisthesis* e *katharsis*. Da *poiesis* porque, ao propor uma visão alternativa para Jesus e Madalena, não esperava uma aceitação pacífica e unânime dos leitores, que participam e se sentem co-autores do livro. Jauss busca Hegel quando este afirma que o indivíduo, pela criação artística, pode satisfazer a sua necessidade geral de “sentir-se em casa, no mundo”, ao “retirar do mundo exterior a sua dura estranheza” e convertê-la em sua própria obra. (JAUSS, 1979, p. 80).

Da *aisthesis*, quando os leitores renovam a sua percepção de mundo através do processo de estranhamento, como uma visão renovada, ao se questionarem sobre a possibilidade de haver outra história para a vida de Jesus.

Da *katharsis*, quando os leitores são estimulados a posicionar-se, o receptor vivencia a identificação com o romance, através das sugestões emitidas pelo texto, ressaltando a sua função comunicativa.

Luiz Costa Lima, em seu artigo *O Leitor Demanda (d)a Literatura*, publicado em 1979, admite que a experiência estética, de fato, “contém um espectro assim variado de possibilidades” (LIMA, 1979, p. 15). Os autores da Estética da recepção propõem como condição para a recepção estética do texto ficcional a interação entre texto e leitor, Jauss mais interessado na recepção, Iser nos efeitos que a obra causa no leitor. *OCDV* desencadeou um processo de transformação na subjetividade dos leitores, e levou o receptor a uma profunda identificação, de tal modo que o estimulou a expressar a sua reação.

Dada a classificação de leitores indicada por Goethe na epígrafe que abre este tópico, e dada às divergências nas opiniões emitidas pelos leitores de *OCDV*, torna-se pertinente sugerir que os leitores de *OCDV* podem ser classificados como uma combinação

ação da seguinte forma: a técnica transparece como *Poiesis*; a visão de mundo como *Aaisthesis*; e a comunicação como *Katharsis* (JAUSS, 1979, p. 60).

dessas três tipologias: o que goza sem julgamento; o que julga sem gozar, e o julga gozando e goza julgando.

Decodificando (Conclusão)

“[...] os textos ficcionais são,
no sentido próprio, textos de ficção
apenas quando se possa contar com
a possibilidade de um desvio do dado,
desvio na verdade não sujeito a correção,
mas apenas interpretável ou criticável.”

(Karlheinz Stierle)

Essa pesquisa foi motivada pela observação de subversões geradas na recepção de livros de ficção com fundamentação teórico-teológica e o interesse em encontrar possíveis explicações para questões levantadas em diálogos e ruídos entre literatura e teologia a partir da abordagem de livros desse gênero, mais especificamente daquela em *OCDV*.

Considerando que a Bíblia é a fonte inspiradora mais polêmica citada no *OCDV*, no primeiro Capítulo constituímos relações recíprocas e dialógicas entre Bíblia e Literatura, fundamentadas nos estudos comparados entre Teologia e Literatura, utilizando referencial teórico de autores que tratam a Bíblia como Literatura.

Depois da análise baseada no referencial teórico, constatamos que os caminhos para o diálogo entre textos literários e textos bíblicos são diversos, e que ler a Bíblia como obra literária, aparentemente, é uma questão unânime entre os pesquisadores aqui estudados, que em sua maioria a consideram “O Grande Código da Arte”.

Também localizamos a riqueza e os princípios formais da literatura que muitos textos bíblicos nos proporcionam, além de oferecerem à literatura magníficos personagens: Jesus, Deus, Madalena, Judas, Lúcifer e outros.

OCDV apropria-se livremente de alguns desses personagens bíblicos, dentre os quais Jesus e Madalena, que servem de solo fértil e propiciam o diálogo com os Evangelhos, fato que possivelmente determinou que o romance se tornasse um *best-seller*.

Ainda no primeiro Capítulo tratamos da questão dos *best-sellers*, uma vez que o romance é classificado por determinados segmentos de recepção, entre eles a crítica jornalística, como literatura de massa. Talvez por essa razão, passa a ser preconizado como literatura menor, ou seja, sublitteratura. Discutimos o que é literatura culta e o que é literatura adjetivada de sublitteratura; debatemos através de teóricos como Abreu, Barthes, Eangleton e Eco o grande problema de medir o gosto literário de alguém, de como se chegar ao consenso

do que é boa literatura ou sublitteratura quando se trata da questão do gosto pessoal, já que o juízo literário é extremamente subjetivo.

Nosso entendimento final é que mesmo imperando “questões de valor”, há diferenças entre literatura clássica e literatura de entretenimento, e é um desafio conflituoso defini-las. Entendemos que *OCDV* não tem o refinamento literário e a inesgotabilidade dos grandes clássicos da literatura universal, e ao que parece, tampouco tem essa pretensão, mas acreditamos tratar-se de leitura de prazer, para quem busca entretenimento. Dan Brown contraria Valéry ao preferir ser lido uma vez só por muitos.

É de fundamental importância para essa pesquisa demonstrar que a literatura clássica não se opõe necessariamente à literatura de entretenimento. Portanto, elas não devem ser comparadas numa relação de superioridade. Elas são literaturas com características diferentes, mas não se pode dizer melhor ou pior. A literatura não é feita só de clássicos, ela também pode ter como único objetivo entretenimento, distração, lazer. Por esta razão, mesmo que *OCDV* não seja um “clássico”, não deve ser considerado como literatura inferior, sublitteratura, e sim um tipo de literatura diferente, que nem por isso é menos valiosa. *OCDV* deve ser compreendido enquanto ficção destinada ao entretenimento.

No segundo Capítulo consideramos o casamento entre Jesus e Madalena, tida no imaginário popular como a pecadora redimida, como a provocação mais estimulante de *OCDV* e o que desperta toda a polêmica em torno do romance.

Após apresentarmos a discussão popularizada acerca do mencionado casamento, concluímos que, assim como não há base para a identificação de Madalena com uma prostituta, também não há fundamento para a afirmação de que ela e Jesus tenham sido casados. Entretanto, este casamento sugerido por Dan Brown com sua narrativa criativa e crítica ao “Grande Código da Arte” que também possibilita o diálogo entre Bíblia e Literatura.

Ainda no segundo Capítulo, utilizamos um *corpus* de 10 livros lançados sobre *OCDV*, escolhidos aleatoriamente, para demonstrar o conflito que existe entre o que é literatura e o que é teologia na abordagem do romance; também é objetivo do segundo Capítulo esclarecer como podem ser considerados esses livros.

Esclarecemos essas questões quando apresentamos as reações que os 10 livros manifestaram com relação ao *OCDV*. Tais livros foram divididos em duas categorias: os moderados, que apresentam suas reservas e defesas ao romance com um tom ponderado e sem partidarismo exacerbado; e os radicais, que com discurso cristão se ofendem com o romance, o atacam, o acusam, o condenam e freqüentemente o comparam com a Bíblia.

Após nossas reflexões percebemos que *OCDV* foi intitulado pela maioria destes livros como romance “mentiroso”, por conter fatos, informações sobre documentos, obras de arte, sobre a Igreja Católica, que “não condizem com a verdade do mundo real”. Embora a principal acusação seja relacionada à apresentação de muitos episódios e afirmações que dão a aparência de realidade, é provável que o incômodo do romance esteja centrado no fato de leitores considerarem que Dan Brown, ainda em meio a construções meramente ficcionais, traz à tona hipóteses que põem em xeque o celibato de Jesus e a própria tradição do cristianismo.

O *corpus* analisado dá por suposto que Brown quer denunciar algo ou alguém, além de esquecer que, se é ficção, o livro não erra, não mente, não mascara, não doutrina, e lembramos que esse nosso argumento não tem a intenção de separar radicalmente a ficção da realidade, a literatura da teologia, mas justamente a de diferenciar um discurso ficcional de uma tese teológica. Isso demonstra como os autores dos livros ora analisados lêem de maneira confusa os textos que resenham, na medida em que não fazem tal distinção.

Quando nos fundamentamos na etimologia da palavra *crítica* e também nas concepções de Barthes, observamos que mesmo havendo pretensão crítica, a crítica não se estabelece. As duas categorias analisadas (os moderados e os radicais) julgam, relacionam verdade e mentira, a Bíblia e *OCDV*, Deus e Brown, Teologia e Literatura.

É desta forma que, tanto os moderados quanto os radicais, confirmam a hipótese desta pesquisa de que os livros “debatedores” de *OCDV* confundem o que é Teologia e Literatura no referido romance. Os pretensos críticos apropriam-se do livro sob pretexto de explicar, decodificar, desmascarar, advertir, dar autos-de-fé, quebrar o romance, expondo Dan Brown ao descrédito. De forma amadorística, a maioria deles analisa fato e ficção em pé de igualdade e refletem uma opinião, um gosto pessoal, uma convicção religiosa, ou o desejo “oculto” de, na esteira de seu sucesso, na cauda de seu cometa, obter um lucro sórdido, quando dizem qualquer coisa para conquistar sua fatia no mercado, quando ganham dinheiro parasitando o sucesso mercadológico de *OCDV*.

No terceiro Capítulo, após apresentarmos uma prévia do que os jornais do mundo todo comentaram sobre *OCDV*, analisamos como a grande imprensa (jornais, revistas, e *sites*) recebeu a narrativa em questão.

Constatamos que os jornais se dividem entre os que consideram *OCDV* uma ficção e os que não conseguem fazer essa distinção, considerando o livro concorrente do Evangelho e Dan Brown como um anticristo. As revistas apresentam dificuldade em aceitar *OCDV* como um livro de ficção. Algumas menos ofensivas que outras, mas todas insistem em posicionar-se

entre o que é verdade e ficção no livro. Os *sites* percorrem o mesmo caminho das revisas confirmando o conflito no entendimento de *OCDV* enquanto ficção.

Através dos textos extraídos dos jornais, revistas e *sites*, afirmamos que a maioria deles, assim como a maioria dos livros analisados no segundo Capítulo, também faz uma leitura tortuosa de *OCDV*, uma vez que partem do princípio de seriedade, da veracidade ou falsidade apresentada no seu enredo, desconsiderando que o livro não é uma tese teológica.

Também no terceiro Capítulo analisamos as atividades desencadeadas pelo leitor de *OCDV* sob o prisma da Estética da Recepção, que examina o papel do leitor na literatura e o considera o “concretizador” da obra literária. As análises foram feitas a partir de comentários que os leitores do romance fazem na grande imprensa: jornais, revistas e *site Orkut*, à luz de duas vertentes: uma representada por Hans Robert Jauss, cujo foco é a recepção da obra; outra concebida por Wolfgang Iser, concentrado no efeito que a obra causa no leitor com ênfase nos vazios do texto.

Ressaltamos desconhecer os critérios que a grande imprensa utilizou para selecionar os comentários editados. Ainda assim, percebemos que alguns leitores de *OCDV* entendem perfeitamente que o livro é uma ficção; enquanto outros se mostram confusos e/ou se sentem afrontados pelo romance.

Os receptores do livro se relacionam com o romance de Dan Brown de maneiras distintas. A subjetividade e a liberdade com que o leitor recebe o *OCDV* nos mostram que não há uma única interpretação correta. Cada leitor é responsável por dar coerência às perspectivas do texto. As formulações teóricas da Estética da Recepção indicam essa autonomia da recepção. Ainda originando impressões de leitura diferentes, acreditamos que *OCDV* causa impacto dada a origem da herança cultural do ocidente, majoritariamente vinculada ao cristianismo.

Dan Brown provocou a atuação dos leitores, que demonstram pleno envolvimento com o texto: atacam, elogiam, polemizam, são intolerantes, defendem, buscam verdades em uma obra de ficção, acreditam, desmentem; enfim, reagem, participam, se comunicam.

Essa interação entre texto e leitor é proposta pelos teóricos da Recepção e considerada condição para a recepção estética do texto ficcional. Retomamos Luiz Costa Lima quando este autor admite que a experiência estética, de fato “contém um espectro assim variado de possibilidades” (LIMA, 1979, p. 15). Nessa perspectiva a experiência estética dos leitores de *OCDV* se concretiza e contempla a fruição proposta por Jauss (*poiesis*, *aisthesis* e *katharsis*) quando eles respondem as afirmações do livro e demonstram que, mesmo sendo ficção, não são indiferentes à trama.

Nosso entendimento, através dos livros, jornais, revistas e *sites* analisados, é de que a recepção a *OCDV*, na maioria das vezes, engana-se quanto à forma de compreender o texto, e confirma a hipótese central desta pesquisa, quando confunde o que é literatura e o que é teologia na abordagem de *OCDV*, concretizando uma tensa relação entre teologia e literatura pelo fato de se aproximar de um texto literário e de ficção com finalidade teológica. Como se percebeu ao longo deste trabalho, tal recepção *crítica* lê *OCDV* como uma proposta teológica, quando deveria compreendê-lo como uma obra ficcional.

Quanto aos leitores, estes divergem: entre os que levam a sério o que estão lendo, e tem suas convicções abaladas por algo que é literatura de entretenimento, ficção; e os que consideram *OCDV* **romance, ficção**, entram no jogo e entendem que um dos recursos de Dan Brown é brincar, jogar com a história, e desse modo, se esforça em apresentar tudo da maneira mais realista, ou melhor, mais verossímil possível.

OCDV mostra-se um romance; uma obra literária que deve ser lida como ficção, como já sugeria Horácio, na sua conhecida *Arte Poética*: “guarde cada gênero o lugar que lhe coube a assenta” (ARISTÓTELES, 1997, p. 57). *OCDV* dialoga com a Bíblia, e assim colabora para o esclarecimento e a utilização da literatura como lugar de debate enquanto função social e como linguagem privilegiada para discutir qualquer tema, inclusive o teológico.

Dan Brown tem a seu favor o direito atribuído ao ficcionista: liberdade descompromissada com os dogmas teológicos. Ampliando essa perspectiva, a epígrafe que inicia esta conclusão nos remete aos textos de ficção que se estabelecem através de um desvio do dado, desvio na verdade não sujeito à correção, mas apenas interpretável ou criticável.

Ressalto⁹⁰ que este é um trabalho datado, o qual compreende a recepção a *OCDV* que abrange o período entre 2003 e 2008. Saliento ainda que, embora o objetivo do trabalho *não* tenha sido “defender” Dan Brown e/ou seu romance, agi muitas vezes, ainda que inconscientemente, como advogada do autor e/ou do livro diante do tribunal de julgamento a qual estes foram submetidos. Acredito que isso tenha ocorrido pelo fato de considerar impossível tratar de questões tão polêmicas, como literaturas que conseguem penetração massiva e outras versões para a vida de Jesus, de maneira imparcial e desapaixorada.

⁹⁰ A partir daqui volto a utilizar discurso em primeira pessoa do singular.

Bibliografia

A seguir subdividimos a bibliografia em “Do Autor”, mais relacionada propriamente à obra *O Código da Vinci*, de Dan Brown, e “Do Corpus”, mais relacionada aos teóricos e conceitos utilizados para o presente trabalho.

DO AUTOR

ABANES, Richard. **A verdade por trás de O Código Da Vinci**: uma resposta desafiadora à ficção mais vendida. Trad. Thais M. S. da Silva Amadio. São Paulo: Celebris, 2005.

BROWN, Dan. **Anjos e Demônios**: A Primeira Aventura de Robert Langdon. Rio de Janeiro: Sextante, 2004.

_____. **Caderno de Viagem de O Código Da Vinci**: Edição Especial Ilustrada. Rio de Janeiro: Sextante, 2006.

_____. **Fortaleza Digital**. Rio de Janeiro: Sextante, 2004.

_____. **O Código Da Vinci**. Trad. Celina Cavalcante. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.

_____. **Ponto de Impacto**. Rio de Janeiro: Sextante, 2005.

_____. **The Da Vinci Code**. New York: Random House, 2003.

BOCK, Darrell L. **Quebrando o Código Da Vinci**: respostas às perguntas que todos estão fazendo. Trad. Eduardo Rado. Osasco: Novo Século, 2004.

BUENO, Lorenzo; URRESTI, Mariano. **As chaves do Código Da Vinci**: A descendência secreta de Jesus e outros mistérios. Trad. Amilton Lovato e Monalisa Neves. São Paulo: Companhia dos Livros, 2004.

BURSTEIN, Dan. **Os Segredos do Código**. Trad. Carlos Irineu da Costa, Cláudio Figueiredo e Pedro Jorgensen Jr. Rio de Janeiro: Sextante, 2004.

CAINE, Peter. **No Rastro do Código da Vinci**: Um Guia de Paris. Lisboa: Edições 70, 2006.

CARONE, Cláudio. **Alquimia do Amor**: Reflexos Sobre o Código da Vinci e a Ascensão do Feminino. São Paulo: AGNI, 2005.

COSTA, Samuel. **Desautorizando “O Código Da Vinci”**. Lisboa: Actual, 2005.

COX, Simon. **Decifrando o Código Da Vinci**: os fatos por trás da ficção. Trad. Claudia Gerpe Duarte. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

EHRMAN, Bart D. **A Verdade e a Ficção em O Código da Vinci**. Rio de Janeiro: Record, 2005.

FINN, Huck. **O Caminho da Vinci**: Guia de Viagem Planetária Pelos Esconderijos do Código. São Paulo: Planeta do Brasil, 2005.

GARLOW, J.; JONES, P. **Desmascarando o Código da Vinci**. Curitiba: A. D. Santos Editora, 2004.

GOES, Ludenberg. **O Abc do Código da Vinci**. Porto Alegre: Conex, 2006.

HAAG, Michael; HAAG, Verônica. **O Código Da Vinci**: História: personagens e lugares. São Paulo: Publifolha, 2004.

LUNN, Martin. **Revelando o Código Da Vinci**. Trad. Milena Soares Carvalho. São Paulo: Madras, 2005.

LUTZER, Erwin. **A fraude do Código Da Vinci**: toda a verdade sobre a ficção do momento. Trad. James Monteiro dos Reis. São Paulo: Vida, 2004.

MAKSoud, Cláudio. **Os Doze**: O Código que Nem Da Vinci Sabia. São Paulo: Madras, 2005.

MCDOWELL, Josh. **Perguntas e Respostas Sobre o Código da Vinci**. São Paulo: Candeia, 2006.

RICCI, Sophia (Ed.). **Leonardo da Vinci e a história dos códigos secretos**. São Paulo: Editora Escala, [s.d.]. Coleção Entendendo O Código Da Vinci. Número 3, 2005.

_____. **Priorado de Sião e as sociedades secretas**. São Paulo: Editora Escala, [s.d.]. Coleção Entendendo O Código Da Vinci. Número 1, 2005.

_____. **Realidade e ficção no Código Da Vinci**. São Paulo: Editora Escala, [s.d.]. Coleção Entendendo O Código Da Vinci. Número 2, 2005.

SIÃO, Thiago. **Mistérios e Vibrações do Código Da Vinci**: As Energias da "Última Ceia". Rio de Janeiro: Revan, 2005.

VASCONCELLOS, Pedro Lima. **O Código Da Vinci e o Cristianismo dos Primeiros Séculos**. São Paulo: Paulinas, 2006.

WELBORN, Amy. **Decodificando Da Vinci**: os fatos por trás da ficção de O Código Da Vinci. Trad. Rosane Albert. São Paulo: Cultrix, 2004.

WITHERINGTON, Ben. **O Fim do Conflito**: Jesus, Maria Madalena e o Código Da Vinci. São Paulo: Landscape, 2006.

DO CORPUS

ABREU, Márcia. **Cultura letrada**: literatura e leitura. São Paulo: Editora UNESP, 2006.

ADABIA, José P. T. **A Bíblia Como Literatura**. São Paulo: Vozes, 1999.

AGUIAR, Flávio. Sob o olhar da crítica literária. In: **Revista EntreLivros** [A Bíblia muito além da fé], série Biblioteca, Ano I, Nº 2. São Paulo: Ediouro e Segmento-Duetto, dez. 2005, p. 60-67.

AGUIAR E SILVA, Vítor Manuel. **Teoria da Literatura**. Coimbra: Almedina, 1967.

ALCARÁZ, Rafael, C. Mito literário e mito religioso. In: **Revista RDC**: Revista de Divulgação Cultural. Blumenau: FURB, ano 27, n. 5, mai/ago, p. 41-49.

ALMEIDA, João Ferreira de (Trad.). **A Bíblia Sagrada**. Ed. revista e corrigida. Rio de Janeiro: Sociedade Bíblica do Brasil, [s/d].

ALTER, Robert; KERMODE, Frank. **Guia Literário da Bíblia**. Trad. Raul Fiker. São Paulo: UNESP, 1997.

A NOTÍCIA. **Código da Vinci**. Florianópolis, 05/06/06, p. A3.

A NOTÍCIA. **O código da luz**. Florianópolis, 28/05/06, p. A5.

ARISTÓTELES; HORÁCIO; LONGINO. **A Poética Clássica**. Trad. Jaime Bruna. São Paulo: Cultrix, 1997.

ASSIS BRASIL, Luiz Antonio. **O prazer da leitura**. Comunicação apresentada no terceiro encontro do projeto Paiol Literário, em 17 de agosto de 2006, na cidade de Curitiba (PR).

AUERBACH, Erich. **Figura**. Trad. Duda Machado. São Paulo: Ática, 1997.

_____. Mimesis: A Cicatriz de Ulisses. In: **Mimesis**: A representação da realidade na Literatura Ocidental. Trad. George Sperber. São Paulo: Perspectiva, 1998.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

_____. **Problemas da Poética de Dostoiévski**. Trad. Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 2002.

BARCELLOS, José Carlos. **Literatura e Espiritualidade**. Bauru: EDUSC, 2001.

_____. Literatura e Teologia: Perspectivas teórico-metodológicas no pensamento católico contemporâneo. In: **Numen**: Revista de Estudos e Pesquisa da Religião. Juiz de Fora: Editora da UFJF, v. 3, nº 2, jul/dez, p. 09-30.

BARTHES, Roland. **Crítica e verdade**. Trad. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Ed. Perspectiva, 2000.

_____. **Ensaaios Críticos**. Trad. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1982.

_____. **O Prazer do Texto**. Trad. Maria Margarida Barahona. Lisboa: Edições 70, 1973.

_____. **Rumor da língua**. Trad. Mario Laranjeira. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1988.

BELTRÃO, Tatiana. A outra face. In: **Diário Catarinense** [Caderno DONNA DC], Florianópolis, 19 dez. 2004, p. 9.

BERNE, Túlio. Final do Código. In: **Os Segredos Do Código Da Vinci**. São Paulo: Minuano, 2005, p. 32-33.

BLOOM, Harold. Leio, logo existo. In: **Revista Veja**. São Paulo: Abril, ano 34, 31/01/2001, p. 11-15.

_____. **Onde Encontrar a Sabedoria**. Trad. José Roberto O'Shea. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.

BLUME, Jaime; FRANKEN, Clemens. **La crítica literaria del siglo XX**: 50 modelos y su aplicación. Santiago: Ediciones Universidad Católica, 2006.

BOSCOV, Isabela. Muito além do Código Da Vinci. In: **Veja**, 17 mai. 2006. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/170506/p_126.html>. Acesso em: 20 out. 2007.

CAIXA POSTAL. In: **Revista Época** [online], 08/05/06. Disponível em <http://revistaepoca.globo.com/Epoca/0,,EPT1191415-5588,00.html>>. Acesso em: 12/03/2008.

CALVINO, Ítalo. **Por que ler os clássicos?** São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

CARROGGIO, Marc; FINNERTY, Brian; MORA, Juan Manuel. **Três anos com “O Código Da Vinci”**. 2006. Disponível em: <<http://www.opusdei.org.br/art.php?p=16168>>. Acesso em: 20 out. 2007.

CARTA DOS LEITORES. In: **Revista Época** [online], 27/12/04. Matéria de capa: A Polêmica Do Código Da Vinci. Disponível em: <<http://revistaepoca.globo.com/Epoca/0,6993,EPT881531-2119,00.html>>. Acesso em: 12/03/2008

CARTAS. In: **Revista Veja** [online], 24/05/06. Matéria de capa: Muito além do Código Da Vinci. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/240506/cartas.html>>. Acesso em: 12 jun. 2006.

CHAGAS, Luiz. Código igual. In: **Isto É**, 23 nov. 2005. Disponível em: <http://www.terra.com.br/istoe/1884/artes/1884_codigo_igual.htm>. Acesso em: 24 out. 2007.

CLAUDIO, Ivan. O caminho do Código: os lugares onde se passa a história. In: **Isto É**, 17 mai. 2006. Disponível em:

<http://www.terra.com.br/istoe/1908/artes/1908_codigo_da_vinci.htm>. Acesso em: 20 out. 2007.

COELHO, Jerônimo. Ficção herética. In: **Veja**, 23 mar. 2005. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/230305/p_117.html>. Acesso em: 20 out. 2007.

_____. Leonardo da Vinci: o herege com causa. In: **Veja**, 07 abr. 2004. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/070404/p_112.html>. Acesso em: 20 out. 2007.

CORSO, Diana Lichtenstein. A culpa masculina em O Código Da Vinci. In: **Diário Catarinense**, Florianópolis, 16 mai. 2006, p. 6.

DERRIDA, Jacques. **Paixões**. Campinas: Papirus, 1995.

DIÁRIO CATARINENSE. **Cristo**. Florianópolis, 14/05/06, p. 54.

DIONIGI, Paula Nelly. Da Vinci. In: **Folha de São Paulo** [online], São Paulo, 17/03/05. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniaofz1703200511.htm>>. Acesso em: 20 mai. 2006.

EAGLETON, Terry. **A função da Crítica**. Trad. Jefferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

_____. **Teoria da Literatura: Uma Introdução**. Trad. Waltensir Dutra. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

ECO, Umberto. **Apocalípticos e Integrados**. São Paulo: Perspectiva, 1990.

_____. O êxito do Código Da Vinci. In: **Revista EntreLivros**, São Paulo: Ediouro e Segmento-Duetto, 2006. Disponível em: <http://www2.uol.com.br/entrelivros/artigos/o_exito_do_codigo_da_vinci_2.html>. Acesso em: 13 abr. 2007.

_____. **Obra aberta**. São Paulo: Perspectiva; Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

FÁBIO, Caio. **CÓDIGO DA VINCI: o romance-evangelho da pós-modernidade**. 2006. Disponível em: <<http://sitecristao.com/textos/analises/livros/codigodavinci2.htm>>. Acesso em: 20 out. 2007.

FERNANDES, Nelito. Ele derrubou O Código Da Vinci. In: **Época**, 13 mar. 2006. Disponível em: <<http://revistaepoca.globo.com/Epoca/0,,EPT1153003-1661,00.html>>. Acesso em: 28 ago. 2007.

FERNANDES, R. Paulo Coelho e outros. In: **RASCUNHO: O jornal da Literatura do Brasil**, ano 6, nov. 2005. Disponível em: <<http://rascunho.rpc.com.br/index.php?ras=secao.php&modelo=2&secao=2&lista=1&subsecao=3&ordem=108&semlimite=todos>>. Acesso: 23 ago. 2008.

FERRAZ, Salma. **As faces de Deus na obra de um ateu**: José Saramago. Juiz de Fora: Editora da UFJF; Blumenau: Editora da FURB, 2003.

_____. (Org.). **Madalena: a Mulher que Amou o Amor (Textos Críticos)**. Florianópolis: NUTEL, 2007.

_____. **O Quinto Evangelhista: O (Des)Evangelho Segundo José Saramago**. Brasília: UnB, 1999.

_____. Los estudios literarios sobre Dios. In: **Revista RDC: Revista de Divulgação Cultural**. Blumenau: FURB, ano 27, n. 5, mai/ago 2005, p. 15-23

_____. Os estudos literários sobre Deus. In: **DC Cultura**. Florianópolis: Jornal Diário Catarinense, 27 set. 2003, p. 7.

FRYE, Northrop. **Anatomia da Crítica**. Trad. Péricles E. da Silva Ramos. São Paulo: Cultrix, 1957.

_____. **Código dos Códigos: A Bíblia e a Literatura**. Trad. Flávio Aguiar. São Paulo: Boitempo Editorial, 2004.

GABEL, J. B.; WHEELER, C. B. **A Bíblia como Literatura**. Trad. Adail Sobral e Maria Gonçalves. São Paulo: Loyola, 1993.

GALARD, Jean. Decifrando O Código Da Vinci. In: **Folha de São Paulo**, São Paulo, 27 jun. 2004. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs2706200409.htm>>. Acesso em: 28 ago. 2007.

GALIMBERTI, Umberto. **Rastros do Sacro**. Trad. Euclides L. Calloni. São Paulo: Paulus, 2003.

GENETTE, Gerard. **Discurso da Narrativa**. Trad. F. C. Martins. Lisboa: Vega, 1995.

GEORGE, Margaret. **Maria madalena: a mulher que amou Jesus**. Trad. Jô Amado. São Paulo: Geração Editorial, 2002.

GOMES, Pinharanda. **Teodicéia Portuguesa Contemporânea**. Lisboa: Sampedro, 1974.

GÖSMANN, Elisabeth et alli. **Dicionário de Teologia Feminista**. Trad. Carlos Almeida Pereira. Petrópolis: Vozes, 1997.

GOUVEIA, Luiz A. S. Da Vinci. In: **Folha de São Paulo** [online], São Paulo, 17/03/05. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniao/fz1703200511.htm>>. Acesso em: 20 mai. 2006.

HEGEL, G. W. F. **Estética**. Lisboa: Guimarães Editores, 1993

HERRMANN, Fabio Herrmann. Decifrando O Código Da Vinci. In: **Folha de São Paulo**, São Paulo, 27 jun. 2004. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs2706200410.htm>>. Acesso em: 28 ago. 2007.

HINDSON, Ed. **O Código Da Vinci Enganoso e Ofensivo**. 2004. Disponível em: <http://www.chamada.com.br/mensagens/codigo_da_vinci.html>. Acesso em: 20 out. 2007.

ISER, Wolfgang. A Interação do texto com o leitor. In: LIMA, Luis (org.). **A literatura e o leitor**. Textos de Estética da Recepção. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

_____.; ISER, Wolfgang et alii. **A Literatura e o Leitor**: Textos da Estética da Recepção. Organização e Tradução de Luiz Costa Lima. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

JAUSS, Hans Robert. A Estética da Recepção: Colocações Gerais. In: LIMA, Luis (org.). **A literatura e o leitor**. Textos de Estética da Recepção. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

_____. O prazer estético e as Experiências Fundamentais da Poiesis, Arethesis e Katharsis. In: LIMA, Luis (org.). **A literatura e o leitor**. Textos de Estética da Recepção. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

JUNIOR, Osmar Freitas Junior. O Código Da Vinci é meu. In: **Isto É**, 31 mai. 2006. Disponível em: <http://www.terra.com.br/istoe/1910/artes/o_codigo_da_vinci.htm>. Acesso em: 20 out. 2007.

KOTHE, Flávio. **A narrativa Trivial**. Brasília: UnB, 1994.

KRAMER, Heinrick; SPRENGER, Jacobus **O Martelo das Feiticeiras**: Malleus Maleficarum. Trad.de Paulo Fróes. Rio de Janeiro: Rosa dos ventos, 1991.

KRISTEVA, Julia. **Introdução à semanálise**. Trad. Lúcia Helena França Ferraz. São Paulo: Perspectiva, 1974.

KUSCHEL, Karl-Josef. **Os Escritores e as Escrituras**. Trad. Paulo Soethe et alii. São Paulo: Loyola, 1999.

LACOSTE, Jean-Yves. **Dicionário Crítico de Teologia**. Trad. Paulo Meneses. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

LAJOLO, M. **Literatura**: leitores & leitura. São Paulo: Moderna, 2001.

LELOUP, Jean-Yves. **O Evangelho de Felipe**. Petrópolis: Vozes, 2006.

LEMINSKI, Paulo. Jesus a.C. In: **Vida**. Porto Alegre: Sulina, 1990.

LIMA, Luis Carlos (org.). **A literatura e leitor**. Textos da Estética da Recepção. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

_____. Prefácio. In: JAUSS, Hans Robert; ISER, Wolfgang et alii. **A Literatura e o Leitor**: Textos da Estética da Recepção. Organização e Tradução de Luiz Costa Lima. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

MAFRA, Suzana. O Código da Vinci. In: **A Notícia**, Florianópolis, 22 mai. 2006. Disponível em: <<http://www.an.com.br/2006/mai/22/0ane.jsp>>. Acesso em: 28 ago. 2007.

MAGALHÃES, Antonio. **Deus no Espelho das Palavras**: Teologia e Literatura em diálogo. São Paulo: Paulinas, 2000.

MAIA, Márcia. **Evangelhos Gnósticos**. São Paulo: Mercuryo, 1992.

MANZATTO, Antonio. **Teologia e literatura**. Reflexão teológica a partir da antropologia contida nos romances de Jorge Amado. São Paulo: Loyola, 1994.

MATTA, Luiz Eduardo. A LPB e o thriller verde-amarelo. In: **Sítio Digestivo Cultural**: 20/11/1993. Acesso em 24/08/06.

MAYER, Marlyse. **Folhetim**: uma história. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

MENGOZZI, Federico; PADILLA, Ivan. A Polêmica Do Código Da Vinci. In: *Época*, 20 dez. 2004. Disponível em: <<http://revistaepoca.globo.com/Epoca/0,6993,EPT879889-1653,00.html>>. Acesso em: 28 ago. 2007.

MILES, Jack. **Deus**: Uma Biografia. Trad. José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

MINOIS, Georges. **História do Riso e do Escárnio**. Trad. Maria Helena Ortiz Assumpção. São Paulo: UNESP, 2003.

ORKUT. **Código da Vinci - Uma BLASFÊMIA**. Comunidade criada em 15/05/06. Disponível em: <<http://www.orkut.com.br/Community.aspx?cmm=13561836>>. Acesso em: 18/07/2008

ORKUT. **Me ajudem a entender...** Post publicado em 01/04/05. Disponível em: <<http://www.orkut.com.br/CommMsgs.aspx?cmm=67390&tid=9064483>>. Acesso em: 18/07/2008.

ORKUT. **Quem leu O Código da Vinci vai para o inferno**. Post publicado em 24/06/08. Disponível em: <<http://www.orkut.com.br/CommMsgs.aspx?cmm=67390&tid=2452283052363883330>>. Acesso em: 18/07/2008.

ORKUT. **Romance de ficção**. Post publicado em 07/10/07. Disponível em: <<http://www.orkut.com.br/CommMsgs.aspx?cmm=67390&tid=2556366422254129096>>. Acesso em: 18/07/2008.

OROSCO, Dolores. Suspense Turístico. In: **Isto É**, 20 out. 2004. Disponível em: <http://www.terra.com.br/istoe/1828/comportamento/1828_suspense_turistico.htm>. Acesso em: 24 out. 2007.

PAES, José Paulo. Por uma literatura brasileira de entretenimento (ou: o mordomo não é o único culpado). In: **A Aventura Literária**: ensaio sobre ficção e ficções. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p. 25-39.

PASTOR, Luiza Pastor. Código de pé quebrado. In: **Isto É**, 06 abr. 2005. Disponível em: <http://www.terra.com.br/istoe/1851/artes/1851_codigo_de_pe_quebrado.htm>. Acesso em: 24 out. 2007.

PERRONE-MOISÉS, L. **Altas Literaturas**: escolha e valor na obra crítica de escritores modernos. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

PICKNETT, Lymm. **María Magdalena**: la diosa prohibida del Cristianismo. Madrid: Océano, 2005.

PIGLIA, Ricardo. Crítica y Ficción. In: **Cuaderno de Extensión Universitaria**, nº 9, serie Ensayo, Argentina: Universidad Nacional del Litoral, 1986.

_____. **Formas Breves**. Trad. José Marcos Marani de Macedo. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

QUEIRÓS, Eça de. **A Relíquia**. São Paulo: Publifolha, 1997.

RAMALHO, Christina. A circularidade cultural da imagem mítica de Maria Madalena. In: **Madalena**: a Mulher que Amou o Amor (Textos Críticos). Florianópolis: NUTEL, 2007, p. 51-71.

RANKE-HEINEMANN, Uta. **Eunucos Pelo Reino de Deus**. Trad. Paulo Fróes. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, 1988.

RILKE, Rainer Maria. **Amor de Madalena**: L'amour de Madeleine. Trad. Renata Maria Pereira Cordeiro. São Paulo: Landy, 2000.

SANTOS, João B. dos. Cristo. In: **Jornal Diário Catarinense**, Florianópolis, 14/05/06, p. 54.

SARAMAGO, José. **O Evangelho Segundo Jesus Cristo**. São Paulo: Companhia da Letras, 2005.

SARTRE, J. P. **Que é a Literatura?** São Paulo: Ática, 1989.

SAYAD, João. Código da Vinci. In: **Jornal A Notícia**, Florianópolis, 05/06/06, p. A3.

SCLIAR, Moacyr. O fascinante universo bíblico. In: **Revista EntreLivros** [A Bíblia muito além da fé], série Biblioteca, Ano I, nº 2, São Paulo: Ediouro e Segmento-Duetto, dez. 2005.

SEBASTIANI, Lilia. **Maria Madalena**: de pecadora do Evangelho a mito de pecadora redimida. Trad. Antonio Angonese. Petrópolis: Vozes, 1995.

SEDEM, Márcio A. O Leitor Comum. In: **DC cultura**. Florianópolis: Jornal Diário Catarinense, 04/ago/2007, página 4.

SODRÉ, Muniz. **Best-seller**: a literatura de mercado. São Paulo: Ática, 1988.

STARDIRB, Margaret. **Maria Madalena e o Santo Graal**. Trad. Simona Reiser. Rio de Janeiro: Sextante, 2004.

TEIXEIRA, Jerônimo. Os ladrões criativos. In: **Veja**, 29 mar. 2006. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/290306/p_130.html>. Acesso em: 20 out. 2007.

TENFEN, Maicon. **Alquimias, bruxarias e mercadoria**: a narrativa de mercado e o fenômeno Paulo Coelho. Florianópolis: UFSC – Dissertação de mestrado, 2002.

TERNES, Apolinário. O código da luz. In: **Jornal A Notícia**, Florianópolis, 28/05/06, p. A5.

TRICCA, Maria Helena de Oliveira (Comp.). **Apócrifos I**: Os proscritos da bíblia. São Paulo: Mercuryo, 1989.

_____. **Apócrifos II**: Os proscritos da bíblia. São Paulo: Mercuryo, 1991.

VALENTIM, Pedro. Evangelho de Judas. In: **Folha de São Paulo** [online], São Paulo, 17/04/06. Disponível em: < <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/opinioao/fz1704200611.htm> >. Acesso em: 20 mai. 2006.

VARAZZE, Jacopo de. **Legenda Áurea**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

VASCONCELOS, Yuri. O homem que inventou Cristo. In: **Revista Superinteressante**, edição 195. São Paulo: Editora Abril, dez. de 2003, p. 5-63.

VELLOSO, Beatriz. A charada do sucesso. In: *Época*, 05 abr. 2004. Disponível em: <<http://revistaepoca.globo.com/Epoca/0,6993,EPT708553-1661,00.html>>. Acesso em: 28 ago. 2007.

_____. Clone de si mesmo. In: *Época*, 14 nov. 2005. Disponível em: <<http://revistaepoca.globo.com/Epoca/0,,EPT1069972-1661,00.html>>. Acesso em: 28 ago. 2007.

_____. O filme mais polêmico do ano. In: **Época**, 01 mai. 2006. Disponível em: <<http://revistaepoca.globo.com/Epoca/0%2C6993%2CEPT1186855-1653%2C00.html>>. Acesso em: 28 ago. 2007.

VIDAL, Gore. **Ao vivo do Calvário**: O evangelho segundo Gore Vidal. Trad. Lia Wyler. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

XEXÉO, Artur. Um filme de mistério sem mistério algum. In: **A Notícia**, Florianópolis, 25 mai. 2006. Disponível em: <<http://www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos.asp?cod=382ASP016>>. Acesso em: 28 ago. 2007.

YOURCENAR, Marguerite. **Fogos**. Trad. Martha Calderaro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983.

Anexo A – Capa do livro *O Código Da Vinci*, de Dan Brown

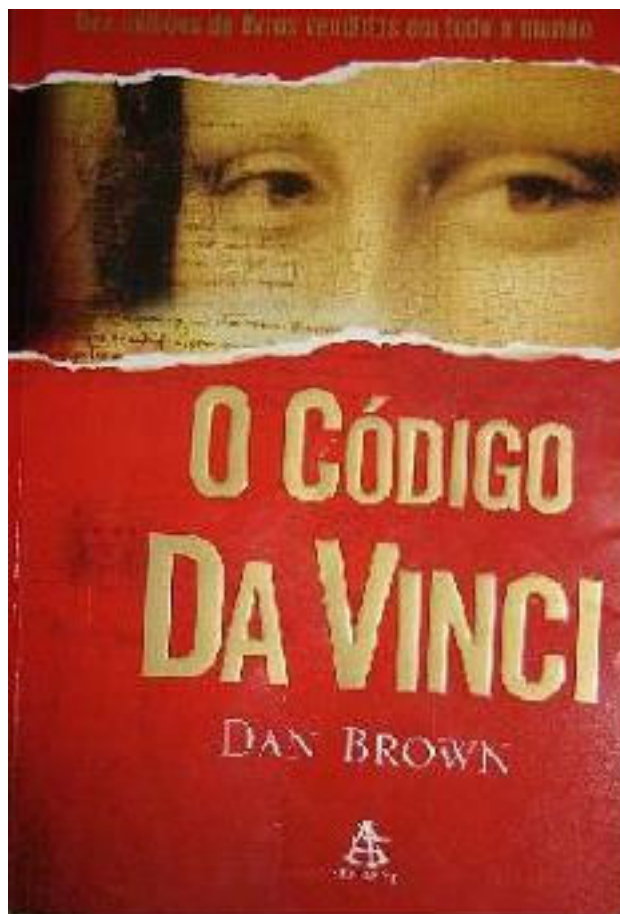


Figura 1. Capa da 1ª edição de OCDV

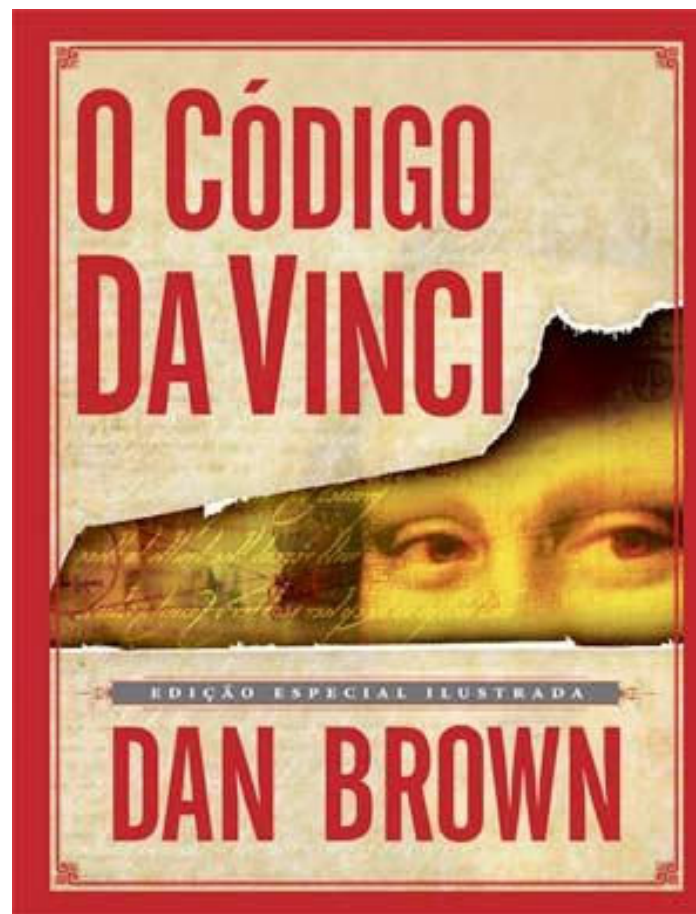


Figura 2. Capa da edição especial (ilustrada) de OCDV

Anexo B – Ficha catalográfica de *O Código Da Vinci*

fotolitos RR Donnelley América Latina	
impressão e acabamento Geográfica e Editora Ltda.	
CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ	
B897c Brown, Dan, 1964- O Código Da Vinci / Dan Brown ; tradução de Celina Cavalcante Falck-Cook. – Rio de Janeiro : Sextante, 2004. Tradução de: The Da Vinci Code ISBN 85-7542-113-1	
1. Leonardo, da Vinci, 1452-1519 – Ficção. 2. Ficção americana. I. Falck-Cook, Celina Cavalcante. II. Título.	
04-0552.	CDD 813 CDU 821.111(73)-3
Todos os direitos reservados por Editora Sextante / GMT Editores Ltda. Rua Voluntários da Pátria, 45 – Gr. 1.404 – Botafogo 22270-000 – Rio de Janeiro – RJ Tel.: (21) 2286-9944 – Fax: (21) 2286-9244 Atendimento: 0800-22-6306 E-mail: atendimento@esextante.com.br www.sextante.com.br	

Figura 3. Ficha Catalográfica com indicações "Ficção" e "Ficção americana" (ver destaque).

Anexo C – Pinturas de Maria Madalena grávida

Observe, a seguir, os quadros I e II (ambos óleo sobre tela) de Georges de La Tour, representando Maria Madalena Grávida.



Figura 4. Maria Madalena Rezando⁹¹ (I)



Figura 5. Maria Madalena Rezando⁹² (II)

⁹¹ Localização: Sammlung Wrightsman, *New York*. Informações e figura disponíveis em: http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/2/29/Georges_de_La_Tour_009.jpg. Acesso em: 15 set. 2008.

⁹² Localização: Musée du Louvre, *Paris*. Informações e figura disponíveis em: http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/c/cc/Georges_de_La_Tour_007.jpg. Acesso em: 15 set. 2008.

Anexo D – Capas dos 10 livros - *corpus* da pesquisa

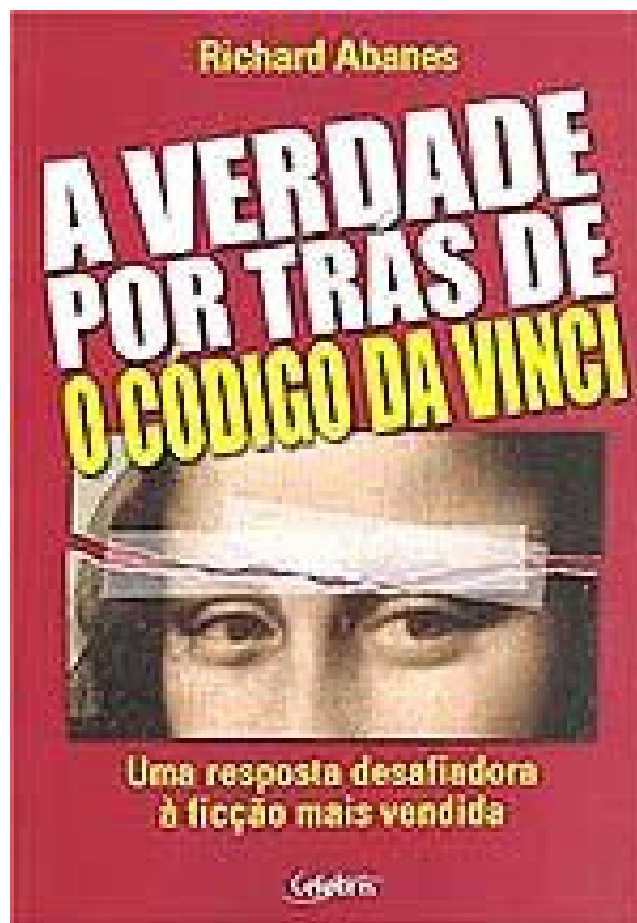


Figura 6. Capa do livro de Richard Abanes

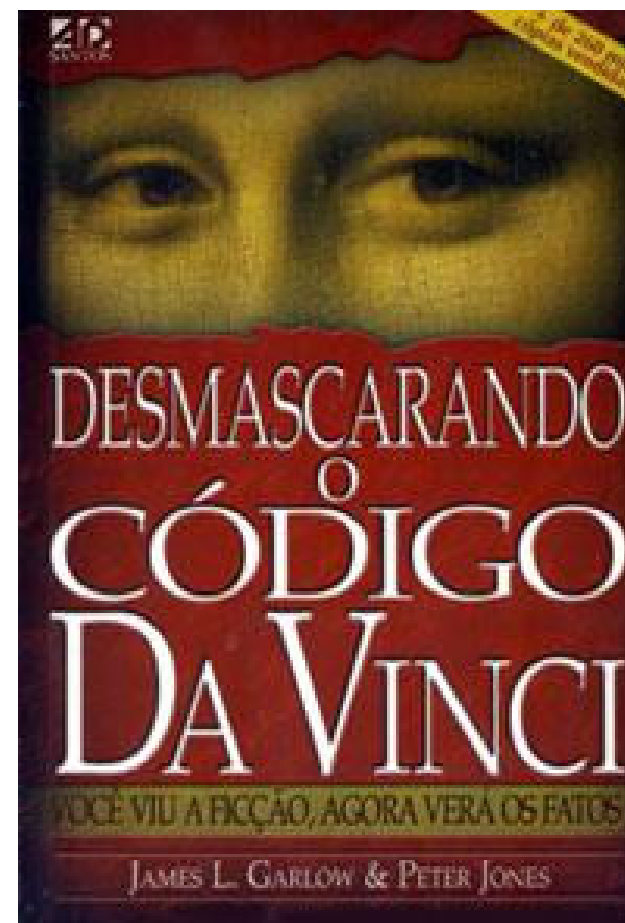


Figura 7. Capa do livro de Garlow e Jones



Figura 8. Capas dos outros 8 livros que compõem o *corpus*

Anexo E - Principais acusações do *corpus* analisado ao romance de Dan Brown

Tabela 1. O tribunal de julgamento

Título	Moderado	Radical	Autor	Profissão	Principais Acusações
<i>A fraude do Código Da Vinci: toda a verdade sobre a ficção do momento.</i>		X	*Erwin Lutzer	Pastor, Bel. em Artes, Ms. em Teologia e Dr. em Direito.	Herético; preocupante; obsceno; ataca a fé cristã, a Igreja e Jesus Cristo; demoniza Dan Brown.
<i>A verdade por trás de O Código da Vinci: uma Resposta desafiadora à Ficção mais Vendida</i>	X		*Richard Abanes	Escritor e jornalista.	Fere a verdade Cristã; valida a teoria de conspiração; insulta a obra e a vida de Leonardo da Vinci.
<i>As chaves do Código Da Vinci: A descendência secreta de Jesus e outros mistérios</i>	X		*L.F. Bueno *M.F. Urresti	Ambos são jornalistas e radialistas.	O romance não é apenas ficção, pois questiona e comprova que a Igreja mentiu e impôs um pensamento único sobre Jesus.
<i>Decifrando O Código Da Vinci: os fatos por trás da ficção</i>	X		*Simon Cox	Editor chefe de revista e escritor.	Responder o que há de verdadeiro e de ficção no romance.
<i>Decodificando Da Vinci: os fatos por trás da ficção de O Código Da Vinci</i>		X	*Amy Welborn	Ms. em História, colunista redatora e escritora.	Não é apenas um romance; concorre com a Bíblia; visão histórica leviana.
<i>Desmascarando o Código da Vinci</i>		X	*Garlow *Jones	Ambos são Ms. em Teologia e em Divindade; Ph.D. em teologia; Garlow é pastor e radialista.	O livro é uma fa-cção ; propaganda religiosa da Nova Era; paganismo clássico; neopagão, redefinição radical de Deus; concorrente da Bíblia; demoniza Dan Brown.

Tabela 2. O tribunal de julgamento (continuação)

<i>Os Segredos do Código</i>	X		*Dan Burstein	Jornalista do <i>New York Times</i> e romancista.	Debate e contesta fato versus ficção.
<i>Quebrando O Código Da Vinci: respostas às perguntas que todos estão fazendo</i>		X	*Darrell L. Bock	Missionário, professor e pesquisador de estudos do Novo Testamento.	Megacódigo partidário da teoria da Nova Escola; apelativo, negligente, falso, mentiroso e que pretende obscurecer a fé e a mensagem cristã; o livro é quase não-ficção, apesar de ser um romance, a história é um fato.
<i>Revelando o Código da Vinci</i>	X		*Martin Lunn	Ms. em História e Jornalística.	Mostrar a verdade por trás da pesquisa de Brown, separando a realidade da ficção.
<i>Rough Guide - O Código da Vinci: História, personagens e lugares</i>		X	*Michael *Verônica	Em nossas pesquisas não foi encontrada nenhuma informação sobre a titulação destes autores.	O livro se julga mais que ficção; Dan Brown não é confiável, manipula a verdade, escreve bobagens históricas, seu romance apresenta sérias anomalias.

Anexo F – Reportagens do jornal Diário Catarinense

A culpa masculina em *O Código Da Vinci*

O sucesso do best-seller do escritor Dan Brown pode estar no seu discurso pró-mulheres

DIANA LICHENSTEIN CORSO *

Cenas de correrias e empolgações à parte, o popular livro de Dan Brown que está chegando aos cinemas parece demonstrar que o cinema e a literatura podem aproximar-se mais do que acreditávamos: *O Código Da Vinci* já é um filme impresso.

O que não é uma censura. Nos dias em que andei com ele em baixo do braço, não houve fila ou sala de espera que me irritasse, estava imersa nessa aventura de bolso.

Falta literatura e sobra cinema ao texto de Brown. Os personagens são meio fracos, mas o ritmo e a cadência de aventuras são os mesmos que nos prendem a um bom filme de ação. Não é na excelência do texto que devemos buscar a razão do seu sucesso. Contando Calligaris escreveu que esse livro, assim como o também epidêmico *Harry Potter* e o erudito *O Nome da Rosa*, repercutiram face ao valor que palavras e discursos sagrados, mágicos ou filosóficos têm em suas tramas.

Num mundo essencialmente hipócrita, de palavras desvalidas e discursos vazios, onde políticos e publicitários mentem e iludem impunemente, a busca de uma palavra poderosa, a ser reverenciada, cultivada e preservada parece devolver-nos uma consistência perdida. O melhor tipo de aventura seria, então, a da busca de um passado de palavras nobres e códigos transcendentais, num suposto tempo em que as palavras tinham mais força e ainda diriam algo verdadeiro.

Minha hipótese é que no feminismo exacerbado está outra chave para decifrar os efeitos do *Código*. Do início ao fim, estamos frente a um discurso pró-mulheres, melosamente entusiasta e caricatural, destinado a expiar uma culpa histórica. O eixo do livro apoia-se sobre uma sólida organização secreta milenar destinada a desfazer ou contrabalançar a segregação das mulheres. Somos levados a crer que o cristianismo original teria sido mais equilibrado, mais justo, porém a força do patriarcalismo o dobrou, apagando o lugar da mulher na história de Jesus e seus discípulos.

Mas nem tudo está perdido, por sorte, uns sábios guardaram a verdade da mensagem original! Conclui-se que os homens não são tão maus assim, afi-

nal, um seletto grupo deles fazia resistência clandestina ao machismo dominante. Ficamos perguntando-nos a que se deve toda essa exaltação retroativa do feminino.

Considerando que a igualdade entre os sexos é uma conquista recente, ainda confusa e mal distribuída no planeta, o livro de Brown tenta redimir a culpa histórica por séculos de discriminação. Podemos dizer que todos esses cuidados de espalhar entre obras de arte e igrejas, inúmeras pistas de exaltação do feminino, funcionaram como forma de compensar a atitude inversa: a anulação do lugar público do feminino.

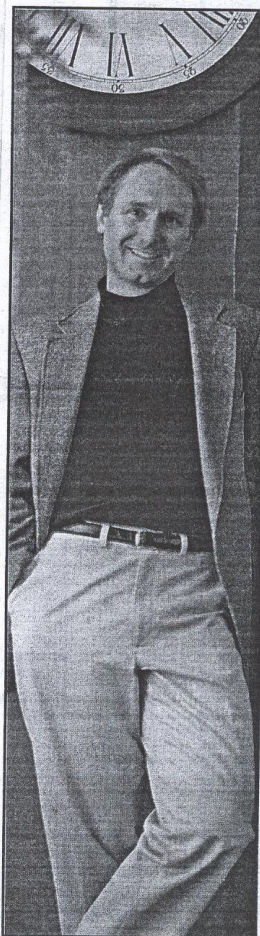
Enfim, ao contrário do que parece, *O Código Da Vinci*, relativo às mulheres e sua possibilidade de ocupar um lugar histórico relevante, parece não avançar. É o velho expediente de mudar as coisas para que elas permaneçam como estão. É como se dissessem: "Fique quietinha, sendo objeto de culto, que do teu prestígio cuidamos nós, os homens", o que não parece ser um bom negócio. A modificação do status das mulheres na vida pública se conquistará elaborando e incluindo os séculos de silêncio e poder clandestino vividos por elas, uma história da qual ainda temos que nos apropriar.

Compreendendo o próprio patriarcado

A presença feminina realmente deixou pistas na história e as encontramos nas manifestações artísticas como nos ensina o *Código*. Os livros de história social têm se valido destas, assim como de fontes epistolares, analisando a intensa correspondência através da qual a sensibilidade das mulheres ia traduzindo a vida privada nos tantos séculos em que elas foram as sacerdotisas do lar.

Recuperar a silenciosa história das mulheres equivale a compreender o próprio patriarcado. Os homens dormiram a política, possuíram os bens e subjugaram as mulheres que não tinham direito a voz nem voto, mas foram elas que revelaram a intimidade deles para a posteridade. O rolo compressor da família patriarcal foi tal, que as histórias das sociedades supostamente matriarcais ficaram reduzidas a estudos antropológicos, hipóteses históricas, ficções ou manifestações místicas.

Antes de Brown, a também muito bem sucedida escritora Marion Zin-



Dan Brown: séculos de discriminação

mer Bradley, ousou converter a lenda da figura mitológica do rei Arthur ao ponto de vista feminino, em seu conhecido *As Brumas de Avalon*. Ela foi longe, com menos aventuras e mais romance, mais ao gosto das mulheres, para demonstrar que os homens não passavam de marionetes frente ao verdadeiro poder dos feitiços delas.

Para Bradley, Camelot era uma corte matriarcal. Se elaborar sobre o lugar das mulheres numa sociedade ajuda a

compreendê-la, convém questionar qual a finalidade dessa exaltação da Deusa para a discussão sobre a Igreja Católica que o livro de Brown está oportunizando.

A devoção ao sagrado feminino no *Código* visa retratar uma série de figuras importantes, entre artistas, cientistas e políticos, como um grupo de militantes da contestação ao poder patriarcal situado dentro do catolicismo. Ora, Leonardo Da Vinci não precisa venerar a Deusa para ser considerado uma das mentes mais irreverentes da história da humanidade!

Gostáramos, porém, de que além de suas descobertas científicas e de sua vida ímpar, ele nos legasse alguns códigos nos quais pudéssemos apoiar a revolução de costumes que mudou a vida de todos no último século e que segue em curso. Se hoje as mulheres e os homens não são mais o que eram, os pais tampouco e muito menos os filhos, seria bem bom que estivéssemos continuando a obra dos nossos antepassados ilustres e não somente inventando modas, que sabe-se lá no que vão dar.

Sendo assim, *O Código Da Vinci* seria um bom calmante para nossos nervos: se parece que hoje tudo está fora de lugar, tranquilizem-se, isso já estava escrito, é um velho plano sendo executado. Sendo assim, os homens podem voltar a sentir-se na condução da locomotiva da história. Consideradas difíceis de entender e satisfazer, essas fêmeas que hoje se revelam tão poderosas, podem ser ainda incluídas na linhagem e no rebanho de Cristo.

Alívio enfim, se estava tudo previsto, portanto elas terão um limite, uma lei. A Igreja Católica deveria ficar lisonjeada com o livro, afinal, ele dá a essa instituição um poder que ela já não tem. A força que ela ganha nessa trama já faz parte de seu passado, e pelo andar de suas políticas não a recuperará tão cedo. O *Código* faz parecer que em seu seio houve lugar até para a gestação da ascensão da mulher. Por isso mesmo é tão importante no livro o contraponto com o grupo Opus Dei, que representa o que de mais retrógrado a igreja tem. Dessa contenda, o cristianismo sai ganhando. É para isso que Maria Madalena foi convocada.

Quanto a nós, mulheres, agradecemos o prestígio retroativo recebido, mas sinceramente, eu passo...

* Psicanalista e co-autora de *Fadas no Divã*.

inônica

Figura 9. DC 16/05/06 - Reportagem: A culpa masculina... (por Diana L. Corso)



Tom Hanks vive o especialista americano em simbologia Robert Langdon

Superlativos na literatura e no cinema

Agência RBS
CARLOS ANDRÉ MOREIRA

Doubleday, editora responsável pela publicação de *O Código Da Vinci*, alega que o livro já vendeu cerca de 44 milhões de exemplares – isso é mais do que a população da Argentina. O número de leitores pode ser maior. Quanta gente leu o livro emprestado?

A lógica na qual se inspiram os produtores da adaptação cinematográfica que estreia no próximo dia 19 é esta: a expectativa de que uma boa parte desses leitores se sintam compelida a conferir na tela o que leu em papel – uma bilheteria considerável para qualquer filme.

O Código da Vinci, lançado em 2003, tem o condão de provocar superlativos. Grandes vendas, ataques virulentos à trama que o livro conta, críticas e mesmo tentativas de censura – aqui no Brasil há um processo judicial tentando impedir a exibição. O livro – e, por extensão, o filme – é um thriller que mistura ação em ritmo vertiginoso e uma série de enigmas relacionados à vida e à obra de Leonardo Da Vinci. Um pouco como nos videogames em que, superado um desafio, ganha-se acesso ao seguinte.

Robert Langdon, um especialista americano em simbologia, é chamado ao Museu do Louvre, onde o diretor da instituição foi encontrado morto na galeria em que está *Mona Lisa*. O corpo do homem está deitado de braços e pernas abertos em um círculo traçado com sangue – uma referência ao famoso desenho de Da Vinci *O Homem Vitruviano*.

Como o nome de Langdon estava na agenda do morto, ele termina por ser considerado suspeito e precisa fugir para encontrar o verdadeiro assassino, em companhia da criptóloga da polícia Sophie Neveu, a única com motivos para acreditar em Langdon. Ele desenreda uma conspiração histórica que teria nos últimos dois mil anos ocultado o fato de que Jesus e Madalena eram casados e que teriam gerado uma descendência. Antes mesmo de gerar o filme, *O Código* originou mais de uma dezena de publicações pegando carona em sua marca vitoriosa.

O livro também transformou em grife um autor que já tinha três livros publicados sem muita repercussão. Prestes a completar 42 anos, Brown não revela o quanto ganha com os lucros do livro, mas seus outros três romances – *Ponto de Impacto*, *Fortaleza Digital* e *Anjos e Demônios*, este último também uma aventura de Langdon –, todos escritos antes de *O Código* viraram alvo de interesse de editoras e ganharam traduções para as línguas nas quais a aventura sobre Da Vinci fez sucesso.

As polêmicas

No Louvre sem luz

O Ministério da Cultura francês autorizou as filmagens de *O Código Da Vinci* no Museu do Louvre (o presidente Jacques Chirac teria intercedido pessoalmente para isso), mas não permitiu que se usasse iluminação artificial diante da *Mona Lisa*. O filme tem pré-estreia marcada para quarta, dia 17, na abertura do Festival de Cannes. Dirigido por Ron Howard, o mesmo realizador de *Uma Mente Brilhante*, o thriller conta com Tom Hanks e a francesa Audrey Tautou nos papéis principais.

Censura no Brasil

O deputado Salvador Zimbal-di (PSB-SP) tentou impedir a exibição do filme no Brasil. Teve medida cautelar rejeitada na Justiça de São Paulo e impetrou um pedido de recurso. Alega o parlamentar que “a obra é uma afronta à fé cristã”.

Só para maiores

O Código da Vinci será exibido em Singapura apenas para maiores de 16 anos. A decisão do Comitê de Censura argumenta que apenas jovens de uma certa idade poderão discernir entre o que é fato e o que é ficção no filme. O Cristianismo é a terceira maior religião do país, atrás do Budismo e do Islamismo.

Advertência

Incomodada com a nota que

abre o romance, a advertir que as descrições de locais, obras de arte e rituais no livro são reais, a prelaia do grupo católico Opus Dei tem insistido com os produtores e o diretor do filme, Ron Howard, para que um aviso seja exibido antes do filme ressaltando que se trata de uma obra de ficção. Até agora, Howard e a Columbia recusaram a pressão.

Sobrou pra trilha

No Reino Unido, o filme teve autorização para ser exibido para crianças de 12 anos de idade acompanhadas pelos pais, mas apenas depois que os produtores diminuíram as inserções e a intensidade da trilha sonora de Hanz Zimmer, considerada muito tensa.

Boicote piedoso

Em abril, o presidente da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), dom Geraldo Majella Agnelo, conclamou os católicos a não assistirem ao filme *O Código Da Vinci* por apresentar “uma imagem distorcida de Jesus Cristo”.

Vivo ou morto

O Fórum Social Católico da Índia ofereceu uma recompensa de US\$ 25 mil para quem capturar o escritor Dan Brown “vivo ou morto”. O secretário-geral do fórum, Joseph Dias, disse que haverá “uma lavagem cerebral em massa” se o filme for exibido.

Figura 10. DC 16/05/06 - Reportagem: A culpa... (Continuação)

A outra face

TATIANA BELTRÃO

Numa era de celebrações superficiais e efêmeras, um mito de mais de dois mil anos é o centro das atenções. Jesus Cristo é tema de best-sellers, filmes, documentários, capas de revista. E não só porque é Natal.

Este interesse da mídia pela vida do homem mais influente da História foi despertado, em parte, pela polêmica em torno de um livro: *O Código Da Vinci*, um dos maiores fenômenos editoriais dos últimos anos e que já vendeu 14 milhões de exemplares desde o ano passado. O enredo, fantasioso, gira em torno de um suposto "segredo" guardado durante séculos: Jesus teria sido casado com Maria Madalena (que também seria sua principal discípula). A obra mistura pura ficção e suposições fantasiosas a teses tidas como

sérias, baseadas em pesquisas históricas e arqueológicas e que vêm sendo empreendidas há tempos, bem antes do assunto virar febre.

O *Código* é contestado por religiosos e ateus. Seu autor, Dan Brown, foi acusado de ofensivo ou, no mínimo, oportunista. Mas se o que o escritor queria mesmo era vender, conseguiu. E acabou despertando, com o sucesso de seu suspense, um interesse mundial sem precedentes pela história do maior líder espiritual da humanidade.

Para estudiosos do cristianismo, este fascínio pelo assunto é crescente e não começou agora, no rastro do best-seller. A vontade de saber mais sobre Cristo – e sobre uma suposta "outra face" que não está na Bíblia – tem sido alimentada por descobertas históricas como os evangelhos apócrifos,

pergaminhos encontrados nas décadas de 40 e 50 com textos que seriam evangelhos deixados por outros discípulos de Cristo e que não foram reconhecidos pela igreja católica.

– Acredito que nos últimos tempos tem havido uma busca maior pela verdade. Isto pode ser positivo

quando leva as pessoas a discutir e encontrar novas formas de viver o cristianismo – diz o frade franciscano Jacir de Freitas Faria, estudioso dos apócrifos e autor de livros sobre o

Há uma busca maior pela verdade, diz religioso

assunto.

Para o professor João Lupi, diretor do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da UFSC, o que estamos vendo é reflexo da explosão de algo novo no mundo.

– Há mais interesse pelo religioso atualmente. As pessoas estão se

afastando é da religião oficial, mas a busca pela religiosidade permanece. – avalia. Neste cenário, não surgiu nenhum outro líder como Jesus, acredita o professor:

– Ele tem uma personalidade básica de bondade, perdão, suavidade, tolerância, liberdade, amor, e ao mesmo tempo, foi um revolucionário. Há muitas maneiras de seguir Jesus.

A artista plástica Vera Sabino encontrou a sua na arte. Dona de uma fé inabalável e de uma ligação com Jesus que diz ser "a mais cega possível", Vera tornou-se conhecida pela pintura de santos e de Vias Sacras (como a que ilustra a capa desta revista) exibidas em igrejas como a da Praia da Armação, em Florianópolis, cidade em que nasceu. Recentemente, pintou Jesus com um terceiro olho na testa, símbolo da intuição.

– Cada um interpreta a sua maneira. Um quadro é sempre uma visão do artista – explica.

Seque

Figura 11. DC 19/12/04 - Reportagem: A outra face (por Tatiana Beltrão)



Figura 12. DC 19/12/04 - Reportagem: A outra face (continuação 1)



Discórdia que gera lucro

Jesus Cristo foi casado e teve uma filha com sua mulher, Maria Madalena. Ela nunca foi prostituta, e sim sua principal discípula. Tudo isto está relatado em documentos escondidos. Durante séculos, a igreja e outros poderes tentaram se apoderar destes documentos para destruí-los ou mantê-los escondidos da humanidade. Mas uma sociedade secreta foi criada para proteger este segredo e, um dia, revelá-lo ao mundo. Artistas e intelectuais fizeram parte desta sociedade. Leonardo da Vinci foi um deles.

Muitas pistas deste segredo guardado há dois milênios foram deixadas em obras de arte, literatura ou arquitetura. Da Vinci, irônico, deixou em suas obras indícios do segredo. Em seu afresco da Santa Ceia (veja imagem abaixo), pintado em uma parede de uma igreja de Milão, o discípulo sentado à direita de Cristo tem traços femininos, longos cabelos ruivos e um volume no busto que parece indicar seios. A figura é Maria Madalena, e não um homem. Outras telas da Santa Ceia (como a do pintor Huguett, pintada no século 16, na reprodu-

ção acima) também mostram uma figura com traços femininos junto de Cristo.

Parece fantasioso demais? Pois este é o enredo de *O Código Da Vinci* (Ed. Sextante). A história é cheia de suposições, mas diz basear-se em estudos sérios. Para compor seu enredo, o escritor norte-americano Dan Brown inspirou-se em estudiosos que investigam o que chamam "Jesus histórico" e que sustentam uma versão alternativa para a vida de Cristo.

Historiadores e teólogos se apressaram em contestar as informações sustentadas por Brown e lançaram seus próprios livros. Títulos como *Decifrando o Código*, *Revelando o Código*, *Quebrando o Código* ou *A Fraude do Código* são alguns entre pelo menos doze já lançados.

Também voltaram às prateleiras títulos editados há anos em tiragens modestas e agora saem do limbo direto para as listas de mais vendidos só porque teriam inspirado o *Código*. Um deles é *O Santo Graal e a Linhagem Sagrada*, de Michael Baigent, Richard Leigh e Henry Lincoln (Ed. Sextante).

Busca por vários

O escritor Romero da Costa Machado se interessa por Jesus "desde que se conhece por gente", como diz. Ao longo dos anos, foi juntando documentos sobre teses que tentam desvendar o chamado "Jesus histórico". Neste ano, Romero lançou o livro que define como resultado desta busca (e que, garante, foi escrito muito antes do best-seller de Dan Brown): *A Sociedade Secreta de Jesus* (Ed. Ibrasa).

Na obra, Romero repete algumas das teses polêmicas que estão no *Código* (como a ligação entre Jesus e Maria Madalena), mas acha que o norte-americano fez um desserviço ao misturar hipóteses sérias à fantasia. Meias-verdades são piores do que mentiras, acusa.

Mesmo assim, ele acredita que toda a discussão levantada pelo livro é positiva:

— Acho ótimo que tudo isto esteja sendo discutido. O mundo ainda não conhece Jesus.

O escritor Dan Brown se vale do mesmo argumento para justificar a confusão causada por seu livro. "Controvérsia e diálogo são saudáveis para a religião como um todo", escreveu ele em seu site.

— A religião tem apenas um inimigo — a apatia — e o debate passionai é um antidoto soberbo. Todos nós estamos tentando decifrar os grandes mistérios da vida e estamos seguindo nossos próprios rumos de iluminação. Eu me considero um estudante de muitas religiões. Quanto mais estudo, mais perguntas eu tenho. Para mim, a busca espiritual é um trabalho

que dura toda uma vida —. Para Dom Murilo Krieger, de Florianópolis e maior autor em Santa Catarina, a polêmica pelos livros não contribui para o que desperte o interesse se elas procuram esta verdade errada.

— Há pessoas que buscam Cristo lendo livros apócrifos e aceitam teses absurdas, sem qualquer base histórica (e que são surdas, melhor; afinal, como conseguirão vender mais livros se não tiverem uma teoria histórica. Descrevem

"Cristo não precisa de propaganda", diz Dom Murilo

nunca existiu, precisa da verdade só do Evangelho. precisa de Precisa e que dores, que mo ele é, n teriam que guidores q

humilde coloquem em prática próprio, Jesus, viveu e ensinou.

Estas reações que vêm com o tempo são muito semelhantes despertou quando andou e caminhos da Palestina, afirmou.

— Ele continua atraindo a atenção, seguem com alegria; faz rir, contrárias em outros, que qualquer ocasião para propaganda anti-Cristo; e desperta com mais diversos grupos. É impossível ficar indiferente frente a isto.

Ao opinar sobre esta tendência de caminhos alternativos e

Autor sustenta que, na Santa Ceia de Da Vinci, a figura à direita de Jesus é Madalena, e não um apóstolo homem



Reprodução DC

caminhos

de ca da s- as, vi- ser ue a- b- ias ra- a- ue ito a- no de- na ele so ele os al- is- ca- ais

personais e independentes de viver a fé, Dom Murilo cita Santo Agostinho:

– Nas coisas essenciais, é preciso ter unidade; nas acidentais, liberdade; em tudo, caridade. Cada século viveu os ensinamentos de Cristo à sua maneira. Cada povo, cada cultura, tem sua própria maneira de expressar a fé. O que não muda é a essência do Evangelho: amar como Jesus amou. Quanto a expressões externas da fé, há um imenso campo de liberdade na Igreja.

O recepcionista Flávio Itamar Souza personifica esta liberdade. Sua crença se expressa em uma tatuagem da face de Cristo, que cobre todo seu peito.

– Sou católico, não praticante, mas tenho muita fé. E gosto muito da imagem de Jesus – diz Flávio, que também tem desenhado no braço o Sagrado Coração de Maria.

Para um grupo de jovens integrantes do Movimento Pólen, da Catedral de Florianópolis, a ligação é bem mais profunda. Cristo é o sentido na existência e um mestre a ser seguido.

– Nós temos espiritualidade. Se queremos ter uma vida plena, não podemos viver só com aquilo que é perceptível, material. Cristo é nosso sentido, um mestre que nos ensina a viver a vida com esperança e dignidade – define o universitário Luiz Fernando Carvalho, um dos integrantes.

Jaime Laus Oliveira, colega de movimento e futuro presidente do Pólen, vai mais longe.

– Não é algo que a gente busca como auto-ajuda, para dar um significado à vida, se livrar da depressão. A verdade é que você não tem saída: a fé é algo tão forte que não tem como ignorar.

O frade franciscano Jacir de Freitas Faria há anos se dedica ao estudo de evangelhos apócrifos, relatos sobre a trajetória de Cristo escritos entre os séculos 1 e 3 e que não são reconhecidos pela igreja.

Os principais evangelhos apócrifos foram descobertos no Egito, no fim do século 19 (entre eles, um atribuído a Maria Madalena) e, depois, em 1945 (veja abaixo reprodução de uma página do manuscrito), quando um fazendeiro encontrou em um jarro pergaminhos contendo, entre

outros textos, os chamados evangelhos de Felipe e Tomé.

Entre vários tipos de documentos, o frade mineiro se interessa por um determinado grupo de apócrifos que traz textos alternativos e informações sobre Cristo que não aparecem nos evangelhos oficiais. Eles têm afirmações como a de que o pecado original não existe e que a busca pela salvação é pessoal e não precisa de mediação da igreja. O evangelho de São Tomé, por exemplo, tem mais ênfase no aspecto revolucioná-

rio de Cristo e sustenta que o conhecimento é o caminho para a salvação.

– São novas informações e estes textos nos trazem e devem ser discutidos de forma crítica. Eles podem representar um jeito novo de viver o cristianismo – acredita Faria, autor de *As Origens Apócrifas do Cristianismo* (Paulinas) e *O Pedro e a Outra Madalena* (Paulinas).



Daniel Conz/DC/Florianópolis

O recepcionista Flávio Souza expressa na própria pele sua fé e seu gosto pelas imagens religiosas: tatuou no peito a face de Cristo



Uma mensagem ainda revolucionária

Quem já está cansado do rebuliço causado pelo *Código* que se prepare: o efeito do livro ainda não terminaram. O impacto da polêmica deve ganhar dimensões maiores ainda em 2005 ou 2006, quando chegar às telas o filme baseado no suspense.

A produção já tem um astro cotado para o papel principal: o oscarizado Tom Hanks.

Apesar da avalanche de livros, filme, tratados e pesquisas sobre a época, pesquisadores acreditam que a verdadeira história de Cristo, sem dúvidas nem lacunas, provavelmente nunca será elucidada. E para a maioria de seus bilhões de seguidores no mundo, não importa. Sua fé não precisa de provas materiais. Aspectos mundanos de sua vida não poderiam mudar a mensagem que deixou e que mudou o mundo.

– Nada que você descobre sobre ele muda o que ele foi. O que vale mais, a essência de tudo, é a sua mensagem. Ninguém conseguiu dizer o que ele disse, pregar da forma como ele

pregou, viver da forma como ele viveu. Por mais que você descubra coisas novas sobre Jesus, maior fascínio você tem por ele – diz o escritor Romero da Costa Machado.

E por mais que as opiniões se dividam sobre divindade de Cristo ou aspectos mundanos de sua vida, o significado de sua existência é incontestável em qualquer caminho que se tome para encontrá-lo, seja o da fé ou o da história. Cristo pregou a paz, o amor, a fraternidade. Ousou dizer que os últimos seriam os primeiros e que das crianças é o Reino dos Céus. Ao longo de dois milênios, sua mensagem continuou sempre contemporânea e revolucionária. Ele tratou as mulheres com um respeito e uma igualdade que não existia na época – e que, ainda hoje, continua não existindo em muitas de suas igrejas. E deixou ainda um ensinamento que, nestes tempos de extrema intolerância, parece o mais revolucionário de todos: o de perdoar os inimigos e oferecer a outra face.

Figura 14. DC 19/12/04 - Reportagem: A outra face (continuação 3)

Anexo G – Edições de revistas que trazem OCDV como matéria de capa.

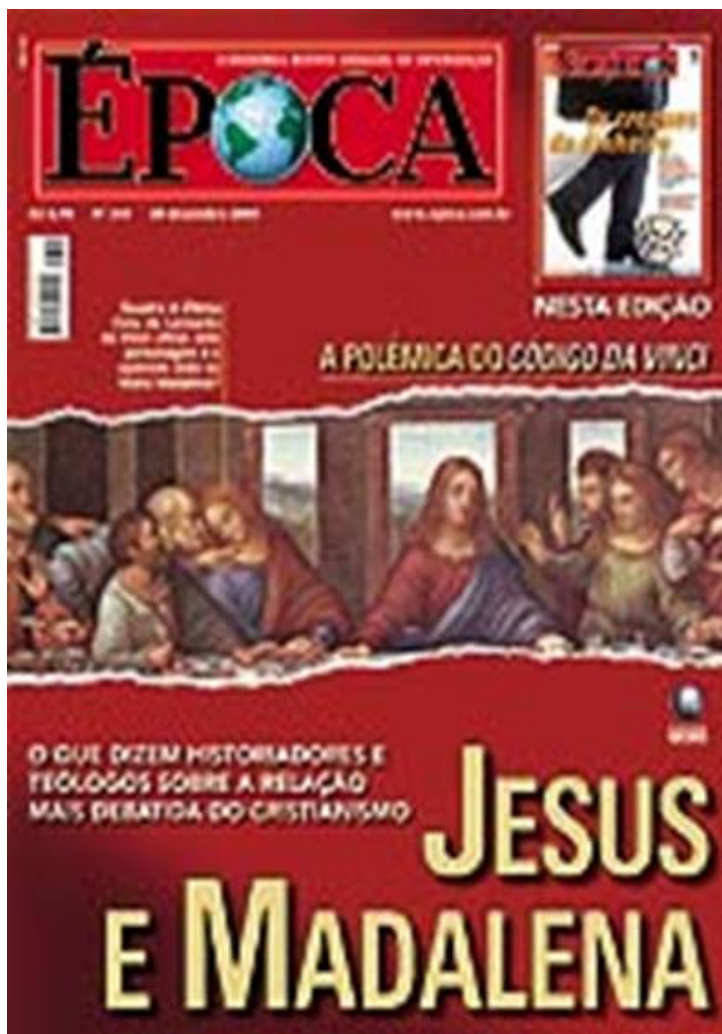


Figura 15. Revista Época, capa da edição de 20 de dezembro de 2004.



Figura 16. Revista Época, capa da edição de 01 de maio de 2006.



Figura 17. Revista Veja, capa da edição de 17 de maio de 2006.

Anexo H – Comentários dos leitores do jornal *A Notícia*

A NOTÍCIA Domingo, 28/5/2006 — Santa Catarina

• **OPINIÃO** •
opiniao@an.com.br • (47) 3431-9110

O código da luz

APOLINÁRIO TERNES

Os cinemas estão cheios. As livrarias vendem o livro como pão fresco, além de uma dúzia de outras publicações que aproveitam o fenômeno do "Código Da Vinci" e parecem mostrar que um pedaço da humanidade tem interesse na "outra" história de Jesus. A versão de Dan Brown (que não é original dele) anuncia que o filho de Deus foi casado com Maria Madalena e tiveram uma filha. A história não é nova, e o Vaticano já a repudiou umas cem vezes, mas o fenômeno do livro e a "versão" de Hollywood estão emplacando mentes e corações. Trata-se de uma apostasia, de uma blasfêmia e de mais uma "revisão" da história que não revisa nada, mas provoca polêmica. Da Vinci, o gênio do Renascimento italiano, entra na história como autor de um código em torno da manutenção do sigilo da "herança" de Jesus Cristo e de sua descendência ao longo dos tempos.

O ressurgimento do tema é muito natural, especialmente num tempo de grande angústia, incerteza e insegurança. Um tempo de aflição continuada, em que as pessoas vivem assustadas com o reboio da modernidade. Violência, criminalidade e desajustes emolduram o nosso como um tempo de medo e dúvida. Daí a correria alucinada em busca de remédios para a alma. E tão grande é essa busca, que os assuntos da religião, do espírito e da alma continuam sendo consumidos como produtos de grande urgência e utilidade. É nessa mesma vertente que se explica o sucesso do espiritismo, do budismo e de tantas outras filosofias e religiões. Daí que o produto de maior consumo sejam a fé e a crença das pessoas.

Dan Brown apenas explorou o clima, dando um

tempero de suspense, com a participação de Da Vinci. Antes do americano, sejamos justos, Paulo Coelho bebeu nas mesmas águas, o que explica o sucesso do escritor brasileiro e toda a fortuna material avaliada em muitas dezenas de milhões de dólares.

No século da tecnologia, da ciência e dos milagres da genética e da física quântica, é compreensível que estejamos ávidos por nova compreensão de enigmas que atormentam os humanos ao longo dos milênios. Com a ajuda da ciência, que um dia será a religião do mundo, os assuntos esotéricos estão avançando por campos e áreas não imaginadas. Tanto que com a física quântica surgem novas e interessantes explicações para os mistérios da reencarnação, das experiências de quase-morte e até mesmo para a não menos séria questão dos anjos, que para uns é mito e, para outros, verdade de primeira grandeza.


No centro e no fundo de todas as humanas indagações, as mesmas velhas questões de sempre: de onde viemos, para onde vamos e quem somos? As perguntas acompanham os homens desde o primeiro instante de lucidez e razão. Desde as cavernas aos laboratórios de separação de partículas nos dias atuais, a velha curiosidade sobre os segredos do céu e da terra e sobre a nossa evidente dimensão espiritual nos incomoda permanentemente. O homem foi à Lua e pretende viajar pelo espaço cósmico, no futuro, usando a tecnologia do teletransporte, que por enquanto viaja apenas nas cabeças iluminadas de Hollywood. Em momentos

de crise e de transformações radicais — como agora —, o homem volta a olhar o céu e a remexer nas cósmicas dúvidas de sempre. Ontem, os céticos e os hereges arderam nas fogueiras da Inquisição; hoje, se busca a cura quântica e se estuda a alma com o auxílio da física, ampliando a espiritualidade e abrindo novas e instigantes fronteiras para a compreensão dos fenômenos místicos da vida e da morte, da consciência e da espiritualidade. A ciência, em particular a física quântica, dará nova e extraordinária compreensão ao homem sobre os assuntos da alma e do espírito, inaugurando, talvez, o maior de todos os códigos, o da luz.

Não é arriscado afirmar que o homem do final do presente século será um homem integral e integrado. Cada vez mais, Deus será objeto da ciência e dos cientistas, apesar da explícita comercialização e da imensa exploração que em seu nome fazem as religiões de nosso tempo. Não sabemos os desígnios de Deus, mas é antigo o ditado que diz que Ele escreve certo por linhas tortas. Se existem universos paralelos e o tempo e o espaço são abstrações do homem, dia virá que teremos entendimento menos imperfeito sobre a grandeza de tudo. É esperar e rezar, que faz bem à alma e acalma o espírito.

Vivemos num tempo de aflição continuada, em que as pessoas estão assustadas com o reboio da modernidade

APOLINÁRIO TERNES, jornalista e historiador/aternes@terra.com.br



• Remeta seu ARTIGO de 2.500 a 3.000 CARACTERES com uma FOTO para opiniao@an.com.br

Figura 18. A Notícia 28/05/06 - Comentário: O código da luz

TERÇA-FEIRA
ARNALDO JABOR

QUARTA-FEIRA
ELIO GASPARI

QUINTA-FEIRA
DEMÉTRIO MAGNOLI

SEXTA-FEIRA
MENDONÇA DE BARROS

SÁBADO
LEONARDO BOFF

DOMINGO
ANTÔNIO ERMÍRIO

HOJE



JOÃO SAYAD
doutor em economia/
jsayad@getglobal.net

Código da Vinci

"Por que, Deus, o senhor permaneceu em silêncio? Como pôde tolerar tudo isso? Onde estava naqueles dias? Como pôde permitir esse triunfo do mal?" O papa Bento 16, tido como conservador e dogmático, rezou com essas palavras, em voz alta em Auschwitz. Perguntou o que Jó, coberto de chagas, tendo perdido tudo, não teve a coragem de perguntar. Faz tempo que não ouviamos uma pergunta assim, de verdade, que a ciência arrogante nem pensa em responder.

Uma surpresa comovente que revelou um papa humano e simples. A primeira encíclica, "Deus é Amor", já havia sido uma linda surpresa. Fácil de ler, trata do amor erótico e da amizade como caminhos para chegar à caridade, ao amor de Deus. Não menciona aborto, preservativos e outros temas polêmicos. Os conservadores têm feito surpresas agradáveis, enquanto os progressistas têm nos trazido apenas frustrações.

Na semana passada foi lançado o filme Código da Vinci, baseado no livro, primeiro lugar na lista de best-sellers do "New York Times" há 50 semanas. Romance sobre assassinatos misteriosos e códigos secretos que protegem o segredo sobre o local onde estariam escondidos os Evangelhos excluídos do Novo Testamento. Segundo esses textos, Jesus teria casado com Maria Madalena e tido filhos e descendentes que foram parte de uma dinastia real francesa. Os Evangelhos excluídos constituíam uma religião em que a



mulher e o sexo têm papel preponderante. Enquanto o Novo Testamento teria criado uma religião "machista" e para celibatários.

Não há nenhuma evidência histórica que apóie o romance. Verdade que são Paulo sugeria aos cristãos que não se casassem. Mas era apenas por prudência, pois imaginava que o fim do mundo estava próximo. E tinha muitas amigas mulheres. Não está escrito nos Evangelhos que Madalena era prostituta. Essa versão surgiu apenas no período medieval.

Há de fato uma dezena de Evangelhos excluídos do Novo Testamento. Porque eram muito posteriores aos tempos de Cristo e inverossímeis. Nenhum é feminista. Alguns são fortemente antijudaicos e teriam tornado o ódio racial contra os judeus ainda mais cruel. Impossível não ler o livro de enfiada. Tem o ritmo do "Caçador de Tesouros", do Spielberg. A invenção da presença de uma mulher descendente de Jesus vivendo entre nós parece conto de fadas. No romance, ela tem nome, endereço e telefone. Vive num castelo na Escócia. Atende a ansiedade comovente que o papa demonstrou na oração. Seria um consolo para palestinos oprimidos, israelenses ameaçados, americanos em pânico e brasileiros apavorados. Pena que ela não mora no Brasil.

Figura 19. A Notícia 05/06/06 - Comentário: Código da Vinci

Anexo I – Comentários dos leitores do jornal *Diário Catarinense*

54

DIÁRIO CATARINENSE > DOMINGO | 14 | MAIO | 2006

Diário do Leitor

diariodoleitor@

Lula, mas a questão atual com a Bolívia é delicadíssima. O que é irritante é ver com que, no afã eleitoral, a oposição tem se agarrado a este episódio. A oposição age como os irritantes comentaristas de futebol: sabem tudo, têm solução para tudo. Falar é fácil, não estão no lugar de técnicos, juízes e jogadores, de verdade. Conversa para boi dormir.

Sônia Maria Santos
Florianópolis

Sobre o DC

Tenho visto, nesse órgão de imprensa, com certa frequência, a aplicação errônea dos verbos "proliferar" e "comunicar". Na capa da edição de 7 de maio, por exemplo, vejo "...e se proliferam os golpes...". Sabe-se que tal verbo não é pronominal, tanto que nenhum dicionário de regência verbal ou nominal acata esse procedimento. Portanto, o pronome se, no caso, mostra-se inadequado. Leio, também, nessa folha, muitas vezes, "...comu-

Cristo

Quero neste espaço dar a minha opinião sobre os rumores e boatos de que Jesus Cristo foi casado com Maria Madalena e que Judas não traiu Jesus. No meu entendimento, a pessoa que é inteligente e conhece os quatro evangelistas (Marcos, Mateus, João e Lucas) sabe que eles não relatam o casamento de Jesus. Se tivesse acontecido um fato tão importante como esse, eles o teriam narrado. Sobre Judas, está narrada sua traição nos quatro Evangelhos, principalmente no de João, que era o apóstolo mais próximo de Jesus (em João 18:2). Portanto, acredito na Bíblia que é a palavra de Deus.

João Batista dos Santos
Montador de móveis
São José

Homenagem

Dia 9 de maio fez uma semana da morte brutal de Renata Bez Borges,


depois trole? O tanto a tura, q não coi giro pr da há te

Ficou mento Contas dos se Pois, al saberia mero e É só passar

Resid mas so

Figura 20. DC 14/05/06 - Comentário: Cristo (ver destaque)

Anexo J – Comunidades no *Orkut* sobre *OCDV*



O Código Da Vinci
(62.272 membros)

- deixar comunidade
- convidar amigos
- denunciar abuso
- fórum
- enquetes
- membros

O Código Da Vinci

Início > Comunidades > Artes e Entretenimento > O Código Da Vinci

descrição: Comunidade para discutir sobre o livro de Dan Brown, O Código Da Vinci. Recomendado para pessoas que já leram o livro, pois não haverá política de "Spoiler", ou para aqueles que não se importam em saber como a trama se desenvolve antes de ler.

É uma comunidade sobre o LIVRO. Comentários sobre o filme devem ser feitos nesse tópico:

<http://www.orkut.com/CommMsgs.aspx?cmm=673908&tid=2465379655330874051>

LEIAM AS REGRAS:
<http://www.orkut.com/CommMsgs.aspx?cmm=673908&tid=2466521657080666286>

idioma: **Português**

categoria: **Artes e Entretenimento**

dono: **Bezu Fache**

moderadores: **Luiz, Rodrigo, sir@**

tipo: **pública**

privacidade do conteúdo: **apenas membros**

fórum: **não-anônimo**

local: **Brasil**

criado em: **22 de maio de 2004**

membros: **62.272**

membros (62272)

[ver membros >>](#)

fórum

tópico	postagens	última postagem
<input type="checkbox"/> Existe um erro de concordância no livro	92.063	13/11/08
<input type="checkbox"/> alguém já leu 'DESMASCARANDO O CÓDIGO DA VINCI' ?	151	13/11/08
<input type="checkbox"/> quadro da - ULTIMA CEIA	55	13/11/08
<input type="checkbox"/> Frases & Pensamentos Poderosos	1.425	09/11/08
<input type="checkbox"/> [Duvida] Fatos do Livro	60	09/11/08

[novo tópico](#) [denunciar spam](#) [ver todos os tópicos >>](#)

Qual ler primeiro?

Criado por: **Sabrina**

☐ Código da vinci

☐ anjos e demonios

☒ Meu voto está visível para os outros usuários


[votar](#) [denunciar spam](#) [mostrar resultados e comentários >>](#)

enquetes


pergunta	votos	fecha
<input type="checkbox"/> votar Será que os E.U.A. terá o mesmo sucesso e polêmica do VATICANO???	49	
<input type="checkbox"/> votar vc acha q deus teve filhos com maria madalena???	212	31/12/11 (em 3 anos)
<input type="checkbox"/> Quem deve ser considerada a musa atual do tópico "Erro de concordância?"	8	fechado
<input type="checkbox"/> D.Brown acredita e segue o q escreve em seus livros?	49	fechado

[nova enquete](#) [denunciar spam](#) [ver todas as enquetes >>](#)


comunidades relacionadas




O CÓDIGO DA VINCI - o filme (21.369)




Mistérios do Santo Graal (4.133)




Fãs de Dan Brown!!!! (18.828)




Leonardo Da Vinci - Português (17.387)




Livraria Leonardo Da Vinci (325)




Minha Paixão por LIVROS (95.755)



[O código do Hector] (167)




Leitura: o que eu recomendo? (1.063)



Anjos e Demônios (3.187)

Figura 21. Comunidade⁹³ do Orkut intitulada *O Código Da Vinci*

⁹³ Para esta e para as outras comunidades ilustradas a seguir, optou-se por ocultar os nomes e fotos dos membros da comunidade originalmente apresentados no campo *membros*.



Código da Vinci- Uma BLASFÊMIA
(557 membros)

- participar
- convidar amigos
- denunciar abuso
- fórum
- enquetes
- eventos
- membros

Código da Vinci- Uma BLASFÊMIA

[Início](#) > [Comunidades](#) > [Religiões e Crenças](#) > Código da Vinci- Uma BLASFÊMIA

descrição: Você não aceita o que a mídia está "VOMITANDO" no cristianismo, deturpando toda a história da bíblia sagrada, patrocinando uma blasfêmia em forma de livro e filme de nome:
"O Código da Vinci"?

Você não é trouxa? Uma maria-vai-com-as-outras?
Você não aceita levar este desaforo?
Então seu lugar é aqui!
Entre e exponha suas idéias!

ATENÇÃO:


_NÃO ACEITAREMOS DESRESPEITO OU OFENSAS A QUALQUER RELIGIÃO!
_Porém podem expor suas opiniões e idéias!
_SE VOCÊ É TOTALMENTE CONTRA O CRISTIANISMO, POR FAVOR NÃO ENTRE!

idioma: **Português**
categoria: **Religiões e Crenças**
dono: **LADY GODIVA** .
moderadores: **Fernando**
tipo: pública
privacidade do conteúdo: aberta para não-membros
fórum: não-anônimo
local: São Paulo, São Paulo, Brasil
criado em: 15 de maio de 2006
membros: 557


membros (557)

[ver membros >>](#)


comunidades relacionadas




Católicos
(388.821)




CATÓLICOS NÃO ADORAM IMAGENS @
(41.139)




Jovens Católicos
(14.498)




A Fraude do Código Da Vinci (181)



O Código Da Vinci é uma farsa! (141)



Eu admiro o Opus Dei (636)



Amigos do Opus Dei (387)

fórum

tópico	postagens	última postagem
<input type="checkbox"/> Responsabilidade dos governantes.	1	31/05/08
<input type="checkbox"/> History Channel desmentiu o Código da Vinci.	1	05/02/08

[novo tópico](#) [denunciar spam](#) [ver todos os tópicos >>](#)

Quantos aki ja presenciaram coisas sobrenaturais acontecendo?

Eu ja
Criado por: Jefferson

- ☐ Ja vi
- ☐ Vi mas nao liguei
- ☐ Vi quando passei a ter comunhao com Deus
- ☐ nunca vi
- ☐ isso nao existe
- ☐ Sobrenatural?Pra mim e a comida da minha avo
- ☐ Entrei na macumba pra passar a ver
- ☐ ah..... Nao sei
- ☐ Nenhuma das opicoes anteriores

☒ Meu voto está visível para os outros usuários

[votar](#) [denunciar spam](#) [mostrar resultados e comentários >>](#)

enquetes

pergunta	votos	fecha
<input type="checkbox"/> votar Quantos aki ja presenciaram coisas sobrenaturais acontecendo?	26	

[nova enquete](#) [denunciar spam](#) [ver todas as enquetes >>](#)

Figura 22. Comunidade do Orkut intitulada *Código da Vinci - Uma BLASFÊMIA*



Eu já li "O Código da Vinci"
(7.927 membros)

- participar
- convidar amigos
- denunciar abuso
- fórum
- enquetes
- eventos
- membros

Eu já li "O Código da Vinci"

[Início](#) > [Comunidades](#) > [Artes e Entretenimento](#) > [Eu já li "O Código da Vinci"](#)

descrição: Esta comunidade é pra todas as pessoas que já leram O Código Da Vinci e adoraram esse livro PERFEITO!!

Pra mim foi sem duvida um dos melhores livros que eu já li e axo que pra todos voces tambem foi.

Voce que curtiu a aventura de Robert Langdon e Sophie Neveu essa é a SUA comunidade!!

idioma: **Português**

categoria: [Artes e Entretenimento](#)

dono: [Lucas D'Alcantara](#)

tipo: pública

privacidade do conteúdo: aberta para não-membros

fórum: anônimo

local: Brasil

criado em: 18 de janeiro de 2005

membros: 7.927

membros (7927)

[ver membros »](#)

fórum

tópico	postagens	última postagem
<input type="checkbox"/> Em quanto tempo vc leu o codigo da vinci?	434	05/11/08
<input type="checkbox"/> LÊ OU FECHA?	49	28/10/08
<input type="checkbox"/> Jesus se casou ?	15	25/10/08
<input type="checkbox"/> [Livro] O Último Papa	1	30/09/08
<input type="checkbox"/> A verdade sobre o Santo Graal:	2	23/09/08

[novo tópico](#)
[denunciar spam](#)
[ver todos os tópicos »](#)

Figura 23. Comunidade do Orkut intitulada *Eu já li "O Código da Vinci"* [sic]